



INVESTIMENTOS

Arco Metropolitano vai abrir série de obras do PAC no estado

Projeto já está em fase de licitação e previsão é que início dos trabalhos ocorra em outubro deste ano. [Página 13](#)



Foto: Roberto Guedes

Ocupações irregulares ameaçam a segurança dos trens

São mais de 200 invasões da faixa mínima de segurança dos trilhos no sistema ferroviário; trecho entre João Pessoa e Cabedelo é considerado mais crítico. [Página 5](#)



Ilustração: Tônio

Um mistério de mais de 400 anos na Paraíba

A Pedra do Ingá é um dos sítios arqueológicos e pré-históricos mais importantes do Brasil e do mundo.

[Página 25](#)

Comerciantes ocupam espaços a céu aberto para ficar perto do cliente

Comerciantes informais estão apostando em comodidade para os clientes, visando boas vendas. Além do preço baixo, espaços em corredores viários garantem ampla visibilidade dos produtos.

[Página 17](#)



Foto: Ortilo Antônio

Gonzaga Rodrigues

[Página 2](#)

“Não me surpreendo mais com nada, na antecâmara da loucura alheia, veio uma fogosa ideia: eu nasci na Paraíba, o senhor conhece o Nordeste?”.

Kubitschek Pinheiro

[Página 10](#)

Caminhos do Frio chega à charmosa cidade de Bananeiras

Município espera 30 mil visitantes. A programação será aberta, amanhã, com programação cultural e feiras.

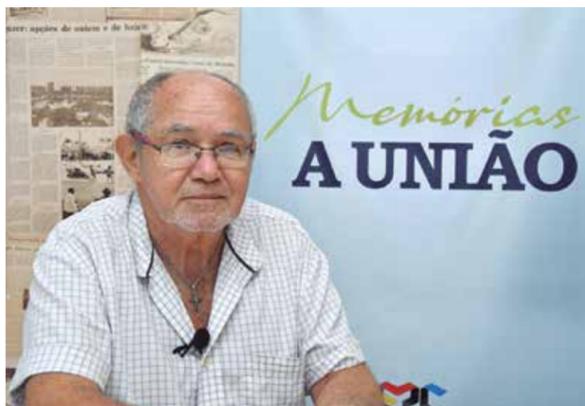
[Página 8](#)

Sousa e Nacional decidem, hoje, o futuro na Série D do Brasileiro

O Dinossauro joga pelo empate contra o Atlético-CE para avançar; já o Naça tem de vencer o Ferroviário.

[Página 22](#)

Foto: Edson Matos



Memórias

O talento pelas mãos de Tonio para contar histórias

Há quase cinco décadas que Antônio Gonçalves de Sá, o Tonio, produz em *A União* arte em forma de ilustrações e capas de livros.

[Página 15](#)



Pensar

Feminicídio, o brutal crime de ódio baseado no gênero que interrompe a vida de muitas mulheres, é o último estágio de um ciclo de violência que poderia ser evitado e que deixa profundas marcas em suas vítimas.

[Páginas 29 a 32](#)

Editorial

Juntos pela estrada

O Governo da Paraíba exercita a democracia de variadas maneiras, com o objetivo de manter acesa a chama da participação popular na elaboração e execução do projeto administrativo. Uma das instâncias deste pacto colaborativo é o Orçamento Democrático Estadual (ODE), em cujas audiências públicas são eleitas as prioridades que darão substância ao Plano Plurianual (PPA) e à Lei Orçamentária Anual (LOA).

As audiências públicas são capitaneadas pela Secretaria de Estado do Planejamento, Orçamento e Gestão, com a presença de lideranças políticas e comunitárias, entre as quais o próprio governador João Azevêdo, que acrescenta, à consulta sobre os melhores serviços a serem prestados à população de cada município, um balanço do que foi feito até agora, pelo governo, com o dinheiro arrecado por meio de impostos.

Graças a esse expediente revolucionário, cada cidade paraibana transforma-se em uma espécie de “gabinete de trabalho” do gestor estadual, ambiente propício ao diálogo franco e direto com as pessoas, fator imprescindível para o acerto na identificação das demandas populares e a rapidez necessária, no tocante à elaboração de projetos e as consequentes inversões financeiras, para atendê-las com o máximo de precisão.

Na sexta-feira e ontem, por exemplo, a caravana do ODE estacionou e armou sua tenda em Princesa Isabel e Santa Luzia, respectivamente, reunindo moradores dos 29 municípios que integram a 11ª e a 6ª Regiões Geoadministrativas. Nas duas cidades, ocorreram eleições para conselheiros das respectivas circunscrições e foram ofertados serviços para a população, através do programa Cidadania Democrática.

Na bela canção “Nos bailes da vida”, Milton Nascimento e Fernando Brant cantam que “todo artista tem de ir aonde o povo está”. O mesmo deveria acontecer com todo administrador público, desplugar-se dos ambientes palacianos e ir ao encontro das pessoas que, em última instância, dão sentido e existência concreta às cidades, aos estados e ao país. Esse dever de casa a Paraíba, felizmente, tem feito muito bem.

As audiências públicas do ODE foram iniciadas em 6 de julho deste ano e prosseguem até o dia 16 de setembro. A Paraíba sabe dos cuidados que recebe e das futuras providências do próprio gestor estadual em pessoa, evitando as versões que ora omitem informações essenciais, ora acrescentam dados que não se coadunam com a realidade. Compartilhar caminhos sempre foi melhor que arriscar-se pelas estradas sozinho.

Artigo

Os povos originários do Brasil, um novo tempo

Não é correta a afirmação de que o Brasil foi descoberto em 1500, quando os colonizadores portugueses chegaram ao nosso território. Esse momento histórico é bastante questionado por alguns historiadores, por considerarem inapropriada a expressão do termo “descobrimento”, uma vez que os povos indígenas já habitavam essas terras há muito tempo. Os habitantes autóctones chamavam o local em que moravam de “Pindorama”, que queria dizer “terra das palmeiras”. A história oficial, no entanto, nos conta que antes de ser batizado como Brasil, em 1527, o território “invadido” pelos portugueses recebeu outros nomes: Ilha de Vera Cruz, Terra de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz. A definição dos nativos como indígenas se deveu a um equívoco de Cristóvão Colombo que imaginou ter chegado às Índias. Estudos arqueológicos recentes, todavia, defendem que os primeiros habitantes do Brasil chegaram por aqui entre 20 e 40 mil anos atrás.

A partir da colonização, a história dos povos indígenas brasileiros tem sido de muita luta pela preservação da sua cultura, seus direitos básicos e a posse de terras que garanta sua sobrevivência. Enfrentaram, e continuam enfrentando, um processo de extermínio e submissão, marcado pela violência, transmissão de doenças e genocídio, que está sendo combatido pelo atual Governo federal. Nesses 523 anos várias nações indígenas foram exterminadas. Foram vitimadas pelos grileiros, pelas queimadas e invasões, principalmente aquelas que estão em lugares remotos, sem acesso à saúde e serviços públicos.

Na Assembleia Nacional Constituinte de 1988 os indígenas fizeram pressão por mais direitos, chegando a conquistar vários avanços. Porém, muitos desses direitos que lhes são assegurados pela Constituição vigente vêm sendo desrespeitados. O recém-criado Ministério dos Povos Indígenas assume, portanto, a responsabilidade de despertar a sociedade brasileira para solidarizar-se com a luta que busca fazer cumprir a legislação em seu favor. A ministra Sônia Guajajara, em seu discurso de posse, denunciou que “a invisibilidade secular que impacta e impactou direta-

te as políticas públicas do Estado é fruto do racismo, da desigualdade e de uma democracia de baixa representatividade, que provocou uma intensa invisibilidade institucional, política e social, nos colocando na triste paisagem das sub-representações e subnotificações sociais do país”.

No governo passado era explícito o menosprezo dedicado às populações indígenas de nosso país, praticando ostensivamente a política anti-indigenista. O descumprimento ao Artigo 67 da Carta Magna que estabeleceu um prazo de cinco anos, contados a partir da data de sua promulgação, para que a União concluísse a demarcação de suas terras, acentua os conflitos entre indígenas e não-indígenas nos campos e nas florestas. Os yanomami — que congrega cerca de 31 mil indígenas em aproximadamente 10 milhões de hectares — a forte presença do garimpo, unida à complacência do Estado, provocou uma situação de miséria, desnutrição, doenças e abusos a que foram submetidos homens, mulheres, jovens e crianças.

O apagamento da identidade indígena, que é secular no Brasil, tenta não reconhecer o protagonismo indígena, não só em relação aos seus territórios e comunidades, mas para a sociedade nacional e global, no compartilhamento de seus saberes, seus valores, suas culturas, seus recursos materiais e imateriais.

“

A partir da colonização, a história dos povos indígenas brasileiros tem sido de muita luta

Rui Leitão

Foto Legenda



Arte abandonada

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

O contrassenso pasmoso

Queria poder escrever sobre o Amazonas ou a Amazônia. Quem, no ramo, não curte esse desejo? O rio imenso, primeiro orgulho interno e fama universal do Brasil, com uma bacia que se estende por 6,7 milhões de quilômetros quadrados, abrangendo sete países, irrigando o maior bioma do mundo, a Amazônia!

Mas bem cedo, menino ainda (e ainda mais por ser menino), o mapa que mandaram o menino pintar de verde-mangueira foi fechando a cor, ficando sempre mais escuro e impenetrável.

Eu não era nascido, Chico Avelino, meu avô, havia se juntado aos judeus errantes do Ceará, atraídos pelo ouro fácil dos seringais, e voltou ao Brejo de mãos vazias, com sequelas de veneno de cobra e, por cima, ainda mais de juízo avariado. Vó pastora, sua mulher, teve de forçar o muque dos onze filhos, independente de idade e gênero, na cavação da roça brejeira da sobrevivência. E o neto desgarrado, adotado fora da tribo, já começara a ver coisas pretas por baixo da beleza colorida dos antigos lápis John Faber.

Alguns anos depois, já leitor ambicioso, cai nas mãos do neto uma página de Euclides da Cunha onde se lê que o imenso Amazonas é o menos brasileiro dos rios. Volto a reler: “Devastador da terra e da mata, um estranho adversário, entregue, dia e noite à faina de solapar a sua própria terra. Um demolidor de ilhas, barrancos, montes, do qual as próprias margens fogem dele. Um contrassenso pasmoso na linguagem épica do grande escritor brasileiro, que me mandava de volta às histórias dos que haviam me criado, parentes mais remediados do avô infelizmente.”

Depois - bem depois - vem “A Selva” do português Ferreira de Castro. Como Euclides, ele esteve lá, e mais que Euclides, provou do fel. Moço ainda, penetrou na selva, atolou as botas da aventura no seringal para descrever em linguagem de grande romancista a geena em que os brasileiros se esfrangalhavam para mitigar a fome. Trocavam a terra que matava por falta de água pela terra que matava por

água de sobra. E fui buscar na moderna literatura portuguesa, não com as mesmas palavras, o jugo infame que levava meu avô a trocar o pirarucu pegado a mão nos alagados do seringal pelos nacos de sal, farinha e cachaça no barracão do atravessador da goma elástica importada pelos precursores do mercado globalizado.

Meu avô nunca recebeu dinheiro, igual aos outros sempre estava devendo. Deixaram-no escapar num barco clandestino até o Pará porque, coitado, já não tinha o juízo.

Muito depois é que vim descobrir, por ouvir dizer, que a Amazônia valia por sua função no equilíbrio ambiental do planeta. O que estava por baixo, no fundo da selva aquática, disperso em 170 povos indígenas, não mereceu mais que registros e martírios solitários e impotentes como os de Rondon e seus seguidores.

“

Eu não era nascido, Chico Avelino, meu avô, havia se juntado aos judeus errantes do Ceará, atraídos pelo ouro fácil dos seringais

Gonzaga Rodrigues

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

SEGURANÇA HÍDRICA

Projeto beneficiará dois milhões de paraibanos

Objetivo é melhorar a distribuição de água nos municípios afetados pela estiagem

Michelle Farias
 michellesfarias@gmail.com

Cerca de dois milhões de paraibanos serão beneficiados diretamente pelo Projeto de Segurança Hídrica da Paraíba (PSHPB), executado pela Secretaria de Estado da Infraestrutura e Recursos Hídricos e financiado pelo Banco Mundial. As obras que compõem o projeto garantem melhor distribuição da água aos municípios afetados pela estiagem e garantem ampliação do sistema de esgotamento sanitário. A previsão é que o projeto seja concluído no ano de 2026.

O contrato de empréstimo com o Banco Mundial para execução do PSHPB foi assinado no dia 2 de dezembro de 2020 pelo governador João Azevêdo e a instituição financeira, no valor de aproximadamente R\$ 825 milhões. Como contrapartida, a gestão estadual também investirá, com recursos próprios, o montante de R\$ 400 milhões.

O secretário de Infraestrutura e Recursos Hídricos, Deusdete Queiroga, explica que o fato de a Paraíba estar no semiárido nordestino faz com que



Foto: Roberto Guedes

Deusdete Queiroga diz que garantir segurança hídrica para todas as regiões do estado é prioridade do governo

segurança hídrica seja sempre tema preocupante. No estado, o Cariri e o Curimataú são as regiões que apresentam maior déficit hídrico e os maiores problemas nesse setor.

O projeto foi pensado para cuidar da distribuição da água no estado, contemplado com três entradas para águas do Rio São Francisco através da transposição. A terceira entrada será no município de Conceição, Sertão paraibano, e contemplada no pacote de obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), retomado pelo Governo Federal.

O PSHPB envolve a construção do sistema adutor Transparaíba, com dois ramais: o Curimataú e o Cariri. A obra do ramal Curimataú já está em execução pelo Governo do Estado, através da Cagepa, com recursos próprios. Já para o ramal Cariri, a obra está em fase de licitação e a previsão é de que no mês de setembro seja assinado o contrato.

“É uma obra que visa garantir a segurança hídrica às duas regiões em pior situação, com maior déficit hídrico. São regiões onde chove pouco e ago-

ra, com a chegada das águas do Rio São Francisco, se permite a garantia da água e com essas duas adutoras resolve o problema grave dessas regiões”, explicou o secretário Deusdete Queiroga.

Os investimentos do PSHPB irão permitir a reestruturação da Companhia de Água e Esgotos da Paraíba (Cagepa) e da Agência Executiva de Gestão das Águas (Aesa), bem como o reordenamento do esgoto de João Pessoa, ampliando a capacidade de tratamento da Cagepa na capital.

Mais desenvolvimento nas regiões atendidas

A chegada da água deve levar mais desenvolvimento às regiões atendidas. “Não haveria condições de se instalar se você não tiver garantia de água e além do mais tem a questão da população em si. A população das cidades da Paraíba sofre muito com problemas hídricos. Principalmente no Cariri e Curimataú você passa muitas vezes seis meses do ano com o racionamento no sistema pela dificuldade de água”, disse Deusdete Queiroga.

O PSHPB contempla uma reestruturação do sistema de esgotamento sanitário da Gran-

de João Pessoa, além da melhoria e ampliação da capacidade de tratamento a partir da construção de uma nova estação para tratamento de esgoto, em uma pedreira de rocha calcária desativada no bairro de Mandacaru. A reestruturação envolve a obra de emissário de esgoto saindo de uma estação elevatória da Cagepa no bairro de Manaíra interligando ao emissário que vem do município de Cabedelo.

“Isso vai melhorar muito o sistema de esgotamento de João Pessoa que pelo adensamento já sofre com esse problema e

precisa de adequação”, avaliou.

Parte do PSHPB prevê melhorias na Agência Executiva de Gestão das Águas (Aesa) e Cagepa, entre elas está a implantação de 73 estações meteorológicas, entregues pelo Governo do Estado no início deste mês.

Com a implantação dos sistemas, o estado se transformará em um celeiro de informações meteorológicas e estudos climáticos para a comunidade mundial, tornando-se uma referência de dados confiáveis e com excelente representatividade, com uma rede total-

mente padronizada, seguindo estritamente as normas da Organização Meteorológica Mundial (OMM).

Outra parte do PSHPB destina recursos para estrutura institucional da Cagepa com estudo da tarifa, além de aprimoramento na gestão administrativa da autarquia e projeto para redução de perdas. “Vários itens da área de gestão das águas já estão contratados, em execução para resolver a questão de melhoria dentro da Aesa. Tem alguns itens contratados também na área institucional na Cagepa

Obras contempladas pelo Novo PAC

A área de recursos hídricos concentra o maior percentual de obras pleiteadas pelo Governo do Estado ao Governo Federal para inserção no novo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). O secretário Deusdete Queiroga ressalta que garantir segurança hídrica para todas as regiões do estado é prioridade na gestão do governador João Azevêdo. Uma das obras contempladas é a adutora do Brejo, que levará água tratada de Campina Grande para os municípios de Esperança, Remígio, Casserengue, Bananeiras e Solânea.

“Muitas vezes a gente imagina que o Sertão é o maior problema quando na verdade hoje o maior problema é o Cariri, Curimataú e mais recentemente essa

Região
Ramal Piancó, que entra pela cidade de Conceição, através do Açude de Condado, e deságua o Rio Piancó beneficiando toda a região do Vale do Piancó

dificuldade no Brejo, porque era uma região que chovia com uma frequência maior, com um nível de intensidade razoável e com

a mudança climática complicou muito. É uma região onde não existem grandes barragens, justamente porque chovia muito e não havia necessidade de um grande armazenamento de água”, avaliou Deusdete Queiroga. Além disso, o programa federal prevê ainda a construção da terceira adutora do sistema integrado de Campina Grande.

O secretário explica que a adutora levará água do Açude de Boqueirão até a estação de tratamento de Gravatá, o que vai assegurar o abastecimento pelos próximos 25 anos da região polarizada por Campina.

Em relação a João Pessoa, o secretário acrescentou que existe a necessidade de construir a barragem de Cupissura, um pro-

jeto antigo, não executado anteriormente por falta de recursos. “E agora, dentro do novo PAC, está contemplada a barragem de Cupissura, que vai aumentar o aporte de água para a Região Metropolitana de João Pessoa pelos próximos 25 anos”, explicou.

Além disso, a Paraíba será contemplada com o ramal Piancó, que entra pela cidade de Conceição, através do Açude de Condado, e deságua o Rio Piancó beneficiando toda a região do Vale do Piancó. “O Governo Federal atendeu ao pedido do Governo do Estado, vai desenvolver o projeto. São R\$ 8 milhões para fazer o projeto executivo e logo após a gente vai ter essa terceira entrada das águas do Rio São Francisco”, disse.

UN Informe

Ricco Farias
 papiroeletronico@hotmail.com

TRUNFO RELEVANTE PARA 2024: PSB COMANDA QUASE UM TERÇO DAS PREFEITURAS PARAIBANAS

Estar no comando da maioria das prefeituras da Paraíba é um trunfo relevante para o PSB do governador João Azevêdo nas eleições municipais do próximo ano. Quanto a isso não há controvérsia. Nos últimos meses, o partido deu um salto expressivo no que diz respeito à quantidade de prefeitos que aderiram ao projeto socialista no estado, saltando de pouco mais de 50 para 73, neste mês – o último prefeito a anunciar sua filiação ao PSB foi Tarcísio Saulo de Paiva, do município de Gurinhém, que deixará o MDB do senador Veneziano Vital do Rêgo. Agora, quase um terço das prefeituras paraibanas são administradas por prefeitos socialistas. É ponto pacífico de que essa condição faz toda a diferença em um ano eleitoral como o de 2024. Estando no comando das prefeituras, os gestores municipais – os que estão em primeiro mandato – têm chances reais de chegar ao segundo. E pelo mesmo motivo, será mais factível para os prefeitos que estão concluindo o segundo, eleger o seu sucessor.



Foto: Edson Matos

UMA PERGUNTA

Prefeito, assim como senador, governador e presidente, pode mudar de partido a qualquer momento, sem temor de perder o mandato por infidelidade partidária. Não é como deputado – federal e estadual – e vereador que é obrigado a aguardar a janela partidária para pedir desfiliação. Dito isso, pergunta-se: por que Bruno Cunha Lima ainda não saiu do PSD?

NADA DE PRESSA

É possível especular porque o prefeito de Campina Grande ainda não deixou os quadros do PSD. Primeiro: a legislação lhe permite protelar tal decisão. Segundo: estando em ano pré-eleitoral, ele avalia a melhor estratégia para conseguir a reeleição. E isso passa por questões como estrutura financeira da legenda, prestígio de seus comandantes, possibilidades de alianças e, finalmente, tempo de rádio e TV na propaganda eleitoral. Tem convites oficiais do PSDB e do União Brasil.

O PÁREO VAI SER DURO

Na hipótese de Romero Rodrigues (Podemos) decidir por disputar a Prefeitura de Campina Grande, o projeto de reeleição de Bruno Cunha Lima estará seriamente ameaçado – convites não lhe faltam para que ele assuma essa demanda. E de legendas de peso, como PSB e Republicanos. Some-se a isso o apoio do PP, do PSD e do PDT a Romero. Caso este cenário se efetive, a eleição na ‘Rainha da Borborema’ será um divisor de águas: pela primeira vez, um Romero com mais tamanho enfrentará o grupo no qual se lançou para a política.

A CADA AÇÃO, UMA REAÇÃO

Em Campina Grande, existe a sensação de que quanto mais o prefeito Bruno Cunha Lima nomeia aliados do senador Veneziano Vital do Rêgo (MDB) na gestão dele, mais se torna incompatível a convivência – que ele tinha outrora – com o deputado Romero Rodrigues. Nesta semana, o senador emplacou mais dois indicados na Secretaria de Assistência Social.

NÃO HÁ MOTIVO PARA PÂNICO

Bastou a notícia de que a UFRJ recomendou o uso de máscaras em ambientes fechados do campus, por causa do “aumento moderado e progressivo” de casos de Covid-19, para se instalar um certo temor entre as pessoas. O secretário de Saúde da Paraíba, Jhony Bezerra, porém, esclareceu: “Não há motivos para preocupação. [Mas] a recomendação é de que pessoas de grupos mais suscetíveis a doenças graves usem máscara”.

“PRISÕES ESTÃO CRIANDO INSTABILIDADE E INSEGURANÇA NAS FORÇAS ARMADAS”

O Estadão cita que militares têm avaliado como exageradas as prisões e outras ações no âmbito das investigações sobre os atos golpistas de 8 de janeiro: “A opinião generalizada entre militares graduados do Exército é de que essas prisões estão criando instabilidade e insegurança nas Forças Armadas. Alguns oficiais chegam a dizer que a PGR estaria ‘tripudiando’ e que essas ações têm um limite, a partir do qual não seria fácil acalmar nem o oficialato e nem tampouco os militares abaixo da linha de comando”.

Sistema adutor Transparaíba

■ Ramal Curimataú

Com 350 km de extensão, levará água aos municípios de Araruna, Baraúna, Barra de Santa Rosa, Boqueirão, Boa Vista, Cacimba de Dentro, Cubati, Cuité, Damião, Frei Martinho, Juazeirinho, Nova Floresta, Nova Palmeira, Olivados, Pedra Lavrada, Picuí, São Vicente do Seridó, Soledade e Sossego

■ Ramal Cariri

Serão 369 km de extensão para atender as cidades de Monteiro, Prata, Ouro Velho, Sumé, Amparo, Serra Branca, Livramento, São José dos Cordeiros, São João do Cariri, Parari, Desterro, Teixeira, Cacimbas, Taperoá, Santo André, Curjão, Assunção e Junco do Seridó. Conforme o projeto, 37 chafarizes serão construídos ao longo da adutora.

Omar Gama,
coordenador do Projeto Cooperar

“O sistema Adutor Nova Camará será concluído até o final deste ano”



Projeto vai beneficiar 12 municípios do Brejo paraibano e atenderá mais de 178 mil pessoas das zonas rural e urbana

Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

O Projeto Cooperar do Estado da Paraíba foi criado pela Lei nº 6.523, em 10 de setembro de 1997. Prestes a completar 26 anos de implantação, o Cooperar continua a desenvolver ações de recuperação e potencialização da produção da agricultura, através das cooperativas e associações, que demandam propostas e executam os investimentos.

Coordenador do Cooperar, Omar Gama adquiriu experiência no órgão quando assumiu a pasta ainda em 2001. Distante do projeto por longos anos, Omar retornou ao Cooperar em 2019, no início do primeiro mandato do governador João Azevêdo. Em entrevista ao Jornal A União, o coordenador detalha o trabalho desenvolvido pelo órgão através do PB Sustentável - projeto do Governo do Estado da Paraíba em parceria com o Banco Mundial e destaca os avanços na questão da segurança hídrica na Paraíba.

A entrevista

■ *O que é o Projeto Cooperar e como ele funciona na prática?*

O Projeto Cooperar é uma instituição do Governo do Estado que cuida dos empréstimos internacionais e a cada ciclo, o foco dos empréstimos ao governo recebe uma nova denominação. Já tivemos o Programa de Combate à Pobreza Rural e o programa de eletrificação rural, por exemplo. Quando cessam esses empréstimos, prestamos conta do que foi realizado e nos credenciamos para outro empréstimo. Esse que acontece nesse momento é o PB Sustentável, que iniciou em 2019. Nesse projeto, os objetivos principais são melhorar o acesso à água, reduzir a vulnerabilidade, aumentar o acesso do mercado aos pequenos produtores.

É importante destacar que o projeto teve um certo atraso por conta da pandemia. Como tudo no mundo inteiro, ficamos praticamente dois anos sem conseguir fazer muita coisa. Como funcionava o Cooperar? Íamos até o campo, fazíamos reuniões com as associações e elas sabiam o que nós estávamos oferecendo naquele momento. Elas preenchiam formulários, era tudo presencial. Com a chegada da pandemia, ninguém podia viajar, ninguém podia se reunir. Mas o projeto também não podia parar.

Nós nos adaptamos e encontramos uma solução alternativa, assim como todos os setores: utilizamos as ferramentas da internet para que essas demandas chegassem até nós. Então, nós fizemos uma capacitação toda on-line, contamos com a colaboração das equipes da Empaer (Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária), e para nossa surpresa, o grau de satisfação dessas demandas foi enorme!

■ *Como está distribuído o programa PB Rural Sustentável pelo estado?*

Com exceção de João Pessoa, o projeto está presente nos 222 municípios do estado. Temos quatro gerências regionais distribuídas da seguinte forma: Soledade,

projeto em relação à segurança hídrica no estado?

No desenho original do projeto, nós prevemos a construção de 4.500 cisternas em seis anos. A partir das reuniões virtuais que ocorreram em 2020, recebemos seis mil pedidos de cisternas, então, isso deu uma modificação no planejamento inicial. Tivemos que adequar e realocar recursos e hoje nós temos o maior programa de construção de cisternas do país. O governador João Azevêdo sempre fala isso em suas entrevistas e, realmente, hoje nós temos cinco mil cisternas construídas, mais 2.700 em construção e ainda temos mais 3.200 para serem licitadas. Até o final do projeto, que acontece em junho de 2025, nós vamos estar com mais de 10 mil cisternas construídas no Estado da Paraíba. Isso é um feito inédito para a estatística do estado.

Além da construção de cisternas, o PB Rural Sustentável atua com abastecimento complexo, quando se pega água de um poço ou manancial e leva até a casa do beneficiado; temos também o abastecimento singular, quando o foco de produção da água não oferece vazão suficiente para chegar até as casas e nós fazemos uma caixa d'água com chafariz para a população se abastecer naquele local. E se por acaso o poço der uma água salobra, acima de 500 ppm (unidade de medida para calcular a salinidade da água), oferecemos um dessalinizador para a comunidade onde a água é tratada e sai totalmente potável.

■ *É possível falar em prazos para que a Paraíba saia do mapa da insegurança hídrica? Como está sendo feito o trabalho de abastecimento d'água pelo estado?*

Esse é um trabalho muito árduo que precisa ser persistente, especialmente, porque as mudanças climáticas estão acontecendo no mundo inteiro. O que fazemos é trabalhar o melhor possível para que essas mudanças não prejudiquem o agricultor familiar. Temos essa visão e o governador João Azevêdo tem um olhar muito especial nessa questão do abastecimento d'água, tanto que as adutoras estão sendo construídas através de um outro empréstimo do Banco Mundial para a Secretaria de Recursos Hídricos.

Na região do Brejo, por exemplo, os municípios de Areia, Esperança, Remígio estão passando por esse problema nos últimos anos e a expectativa é que o Sistema Adutor Nova Camará venha resolver essas questões. (O sistema da adutora Nova Camará será dividido em dois ramais e irá percorrer 12 municípios do Brejo, num investimento de R\$11,7 milhões. A obra, realizada em parceria com o Governo Federal, foi iniciada em 2021, está prevista para ser concluída até o final de 2023 e irá be-

neficiar 178.079 habitantes das zonas urbana e rural).

Em outro ponto, a Transposição do Rio São Francisco já apresenta, embora incipiente, um cenário diferente. Por exemplo, você chega em Camalaú, que era uma região que tinha problemas seríssimos, no Congo a mesma coisa, e aí você vê produção de tomate, feijão, milho, três quatro vezes por ano, só porque chegou a água. Então, eu acredito que, com essa preocupação que o Governo do Estado vem demonstrando, a água chegue a quem precisa. A nossa é muito fértil. Você chega no Sertão e vê uma terra muito boa e que produz muito bem.

■ *No início do mês de agosto, o Projeto Cooperar com o apoio da Secretaria de Estado da Agricultura Familiar e do Desenvolvimento do Semiárido (Sea-fús) e do Sebrae/PB, realizaram o Encontro Estadual de Organizações Produtivas e Entidades Parceiras. Qual o objetivo do encontro e qual balanço o senhor faz desse momento?*

Esse encontro faz parte dos componentes do PB Sustentável, e diz respeito às alianças produtivas - cooperativas da agricultura familiar que produzem e possuem capacidade de aumentar sua produção. Por exemplo: a cooperativa Capibov de Cabaceiras, produz queijo e pasteurização de leite de cabra, e produz, atualmente, quatro mil litros por dia, mas com possibilidade de aumentar essa produção. Então, o Cooperar encontrou com um financiamento para aquisição de um caminhão frigorífico para trazer essa produção com segurança para a cooperativa; o Procasa entrou com a energia solar, e todo esse plano de negócios é elaborado por uma equipe do Cooperar junto com a Empaer, o Banco Mundial e a FAO - Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura. O objetivo da aliança produtiva financiada pelo Cooperar é fazer com que as cooperativas possam ampliar sua produção e consigam entrar no mercado privado, que é o foco principal. Ao todo, são 33 cooperativas sendo beneficiadas com investimentos na ordem de R\$ 20 milhões.

Esse encontro foi exatamente a vinda dessas cooperativas para um dia de trabalho onde nós trouxemos entidades financiadoras que pudessem ajudar, uma vez que o financiamento do Cooperar é para produção, mas, às vezes, a cooperativa tem problemas com capital de giro e escoamento da produção.

Estavam presentes o Banco do Nordeste, o Empreender, o Senai, a Secretaria de Desenvolvimento Humano, com a secretária Pollyanna Dutra, onde ela mostrou que o governo também faz a compra institucional, estamos trabalhando no mercado privado, mas exis-

te o braço de compra institucional. A Cinep - Companhia de Desenvolvimento da Paraíba também é um parceiro e fez uma rodada de negócios com as associações de supermercados, lojas de conveniências, para que na hora que o produto esteja disponível, esses comerciantes comprem e coloquem na prateleira o produto da agricultura familiar. Foi um momento muito rico, onde essas instituições falaram para os produtores que fizeram a exposição do que eles produzem e comercializam.

■ *O que são as tecnologias sociais, presentes no projeto do PB Rural Sustentável?*

É um projeto que cuida, basicamente, da segurança alimentar das famílias. Um bom exemplo de projetos de tecnologia social que nós temos é a criação de galinha caipira. Essa criação não é para o mercado ou para produção em grande escala. É para o consumo! Nós levamos o aviário, os pintinhos e a ração, o acompanhamento é feito durante um ano, pelo projeto, junto com o Senar - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural da Paraíba, e as organizações sociais que irão implantá-lo, para que a população adquira esse conhecimento e multiplique.

Na hora que a família tem a criação de galinha caipira, criação de ovinos, plantação de palma forrageira, de mel com abelha sem ferrão, ela garante a sua segurança alimentar. O excedente ela pode vender e replicar esse conhecimento para outras famílias. Um projeto bem interessante que iremos licitar até dezembro. Já temos uma parte que vai começar ainda essa semana, com abertura dos envelopes de tomada de preço das organizações que irão fazer essa implantação, e até dezembro iremos fazer mais uma licitação.

■ *Ainda sobre o PB Rural Sustentável, quais os próximos passos?*

O PB sustentável tem um prazo de conclusão (junho de 2025), então nós temos o compromisso, com o Banco Mundial, de licitar todas as obras até dezembro de 2023. Estamos com licitações de passagens molhadas, um projeto muito importante. Já construímos 36 passagens molhadas, estamos construindo de 115 e vamos licitar mais 100. A complementação das cisternas também serão licitadas.

O ano de 2024 será o ano para implantação desses projetos, e para o primeiro semestre de 2025 estaremos preparando a prestação de contas de tudo o que foi realizado. Em paralelo, agora já em 2024, começamos a escrever o próximo projeto, que poderá ser o PB Sustentável II ou pode ter uma outra denominação, mas será uma carta consulta para levar ao Banco Mundial, solicitando um novo financiamento.



“

Ao todo, são 33 cooperativas de agricultura familiar beneficiadas com R\$ 20 milhões

Omar Gama

que atende 49 municípios; Sumé, abrangendo 32 cidades; Sousa é polo de outros 40 municípios e Patos com 47. João Pessoa também é um polo que atende 54 municípios da região. Todos os municípios polo possuem sedes locais com uma equipe de técnicos capacitados e isso facilita muito o deslocamento da comunidade.

■ *Um dos objetivos centrais do PB Rural Sustentável diz respeito ao acesso à água. Como está o andamento do*

ILEGAL E PERIGOSO

Ocupações ameaçam a linha férrea

Distância mínima da ferrovia é desrespeitada em mais de 200 pontos. Trecho crítico é entre João Pessoa e Cabedelo

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

Nos 30 quilômetros (km) de extensão da linha férrea sob responsabilidade da Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU) na Região Metropolitana de João Pessoa são contabilizadas atualmente mais de 200 invasões de faixa de domínio. A legislação exige que construções ocorram com uma distância de, no mínimo, 15 metros da ferrovia, em ambos os lados.

A maior densidade de invasão, observada pela CBTU, está entre o bairro do Róger, em João Pessoa, e Jardim Mangueiros, em Cabedelo, na Região Metropolitana. As margens da ferrovia são utilizadas por moradores da área inclusive como depósito de material reciclável. A ocupação foi ocorrendo aos poucos e atualmente recipientes plásticos, ferragens e papel quase invadem a linha férrea.

A CBTU ressalta como sendo um dos casos mais emblemáticos, o surgimento de uma comunidade às margens da via férrea. Há pelo menos oito anos várias casas foram erguidas no local, sem obedecer aos limites impostos pela legislação. Na "Vila Feliz" as moradias foram edificadas sem qualquer controle, aumentando o risco de acidentes na ferrovia. Apesar dos alertas emitidos pela CBTU, os moradores permanecem no local.

"O trem acaba atraindo muito a atenção de crianças. Eu temo que uma criança saia entre aqueles barracos para ver um trem que está apitando e aí não dá tempo de parar. Quando a gente fala de coeficiente de atrito, um trem não vai parar nunca na velocidade que se para um carro. É um veículo pesado, de rodas de aço de liga metálica sobre um trilho de liga metálica, ou seja, quando ele aplica o freio as rodas travam, mas tem o arrasto ainda de todo o peso. Isso tem causado para nós uma preocupação exacerbada nesse sentido", explicou o gerente de Operações da CBTU, Othomagn Viegas.

Ainda seguindo para a cidade de Cabedelo, entre os bairros Jardim Jericó e Jardim Mangueiros a faixa de domínio da ferrovia serviu de espaço para construção de vários pontos comerciais. "O pessoal vem e o bairro vai crescendo e o pessoal vai encontrando formas. Principalmente no pós-pandemia, quando o desemprego aumentou muito e a informalidade encontrou nas proximidades da linha o ponto comercial atrativo às suas atividades. Isso tem sido uma batalha constante", revelou Othomagn.

Foi apostando em garantir renda durante a pandemia que a filha de Maria da Conceição (fictício), pois ela não quis ser identificada, construiu uma pequena barraca de madeira para comercializar comidas e bebidas entre as estações Jardim Mangueiros e Jardim Camboinha, em Cabedelo. As vendas garantiram o sustento da família,



Fotos: Roberto Guedes



O trem acaba atraindo muito a atenção de crianças. Eu temo que uma criança saia entre aqueles barracos para ver um trem que está apitando e aí não dá tempo de parar

Othomagn Viegas

As margens da ferrovia são usadas irregularmente para erguer construções e como depósito de material reciclável em ambos os lados

■ O Sistema de Trens Urbanos da capital atende aos municípios de Cabedelo, João Pessoa, Bayeux e Santa Rita

mas o movimento declinou quando as atividades econômicas foram liberadas. "Aí correu todo mundo para praia. Hoje aí está abandonado, só tem umas cadeiras mesmo. Até para comprar alimentação ela tem dificuldades", contou a aposentada.

Ao longo da ferrovia várias outras barracas nos mesmos moldes foram instaladas, às margens da via férrea. Em uma delas funciona um bar, com sinuca. A maioria das pessoas no local tem receio de falar sobre o assunto.

O mesmo problema ocorre no sentido oposto, no bairro Ilha do Bispo, ainda na capital, e entre os municípios de Bayeux e Santa Rita. Neste mês uma edícula (puxadinho) construída "da noite para o dia" foi demolida pelos servidores da CBTU. No local, o proprietário pretendia instalar um ponto comercial. A

empresa segue orientação do Setor Jurídico para fazer reintegração de posse imediata, para que todas as ocupações irregulares sejam destruídas imediatamente, retomando a posse da área invadida.

"Neste caso nós fomos lá, conversamos com o responsável e solicitamos que ele mesmo procedesse a demolição e retirada dos materiais ali estabelecidos para que ele não perdesse. Estivemos lá por duas oportunidades, e aí foi o jeito ter que fazer a demolição. Havia ainda preocupação de que aquele local pudesse abrigar a venda de bebida alcoólica. Imagina a venda de bebida alcoólica ao lado de uma linha férrea? Não vai dar certo. A gente tem uma preocupação exagerada sobre isso e passamos a registrar as ocorrências na delegacia", disse Othomagn Viegas.

Conforme a CBTU, o Sistema de Trens Urbanos da capital compreende uma extensão de 30 km de via férrea, que atende aos municípios de Cabedelo, João Pessoa, Bayeux e Santa Rita, na Região Metropolitana. No total são 12 estações ferroviárias - Cabedelo, Jardim Mangueiros, Poço, Jacaré e Renascer no município de Cabedelo; Mandacaru, João Pessoa (Central), Ilha do Bispo e Alto do Mateus em João Pessoa; Bayeux, no município de Bayeux e Várzea Nova e Santa Rita, na cidade de Santa Rita.

Foto: Ortilo Antônio



Ao longo da linha férrea, é fácil observar ocupações irregulares

Justiça desapropria invasão e alega violação das normas de segurança

Os processos para desapropriação das áreas ocupadas irregularmente há mais tempo ainda tramitam na Justiça Federal. Em uma das decisões mais recentes, em maio deste ano, o juiz da 3ª Vara Federal na Paraíba concedeu reintegração de posse à CBTU João Pessoa para preservação da faixa de domínio em uma área entre as estações de Jacaré e Poço, no município de Cabedelo. A área pertence à União e não poderia ter sido ocupada.

A ação foi ajuizada em julho de 2021 e cerca de 24 ocupantes das áreas deixaram o local a partir da decisão judicial. A CBTU argumenta que as invasões geram inúmeros prejuízos ao serviço público operacionalizado pela Companhia, colocando em risco a integridade física

dos passageiros, das famílias e comerciantes que ocupam a área irregularmente e das pessoas que trafegam pelo local.

Em decisão favorável à desocupação das áreas, a juíza federal Cristina Maria Costa Garcez ressaltou que as ocupações irregulares às margens da ferrovia trazem risco à manutenção do serviço público e iminente perigo para os usuários da ferrovia e para os próprios ocupantes ilegais, diante da proximidade com os trilhos, pois atrai o risco real e constante de acidentes, na hipótese de descarrilamento das locomotivas ou até mesmo o tombamento. "Acrescente-se que a situação de vulnerabilidade econômica, não tem o condão de suprimir a preservação da posse e da propriedade de bens públicos, especialmente quando

considerado que as ocupações irregulares verificadas nos autos violam normas de segurança do uso de vias férreas, normas essas que concretizam um dos aspectos deste direito, qual seja, o direito de explorar pequenas atividades econômicas em local que não ofereça riscos aos comerciantes informais", disse a magistrada em sua decisão.

O gerente de Operações da CBTU, Othomagn Viegas, destaca a dificuldade em conscientizar a população. "Esperamos que o pessoal tenha a consciência de que realmente é um risco à vida e a integridade deles e que os trabalhos serão feitos nesse sentido: as ocupações novas serão imediatamente demolidas e as antigas serão judicializadas para reintegração de posse", disse.

Sem espaço para prevenção de descarrilamento e manutenção

Para segurança do tráfego ferroviário, a faixa de domínio além de ter o objetivo de evitar acidentes como atropelamento e colisões, também é uma área estabelecida para prevenir danos maiores em caso de possível descarrilamento ou tombamento de vagões.

No bairro do Róger, nas proximidades da penitenciária Flósculo da Nóbrega, a faixa de domínio foi aterrada por moradores para possibilitar o tráfego de veículos e acesso à garagem das casas construídas no local. "Já rendeu para nós vários problemas. Caminhões que transportavam esse material já ficaram presos e acabaram colidindo com a locomotiva", contou Othomagn Viegas.

As ocupações prejudicam ainda a estrutura da ferrovia, com aterramento de equipamentos de drenagem, além de dificultar a troca dos dormentes e substituição dos trilhos.

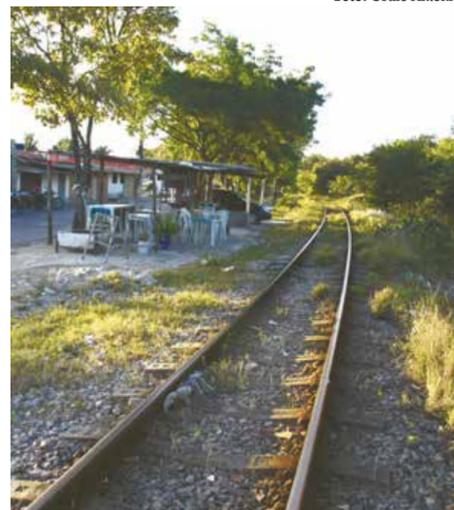


Foto: Ortilo Antônio

Em Cabedelo, a faixa de domínio da ferrovia serviu de espaço para construção de vários pontos comerciais

"Como é que a gente vai conseguir chegar lá e ter espaço para trabalhar, já que a comunidade invadiu esse espaço? São grandes prejuízos", avaliou o gerente.

A fiscalização para evitar ocupações na faixa de domínio é contínua. O próprio maquinis-

ta quando identifica uma possível invasão comunica ao setor de segurança, que vai ao local inspecionar e notificar os invasores sobre a ilegalidade. Apesar das invasões e do risco, a CBTU afirma que não há um número elevado de colisões ou atropelamentos.

PROCEDIMENTOS ESTÉTICOS

É preciso cautela na busca por beleza

Especialistas em diversas áreas ressaltam que é importante ter bom senso, principalmente quando se é jovem

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

A busca pelo corpo perfeito é cada vez maior entre os jovens e, para alcançar esta meta, eles deixam as dietas saudáveis e exercícios físicos em segundo plano, priorizando os procedimentos estéticos – com resultados imediatos – dos mais simples e menos invasivos como aplicações de botox, ácido hialurônico, harmonização facial, fios de sustentação, aos mais complicados como a abdominoplastia, por exemplo. Essa busca por padrões estéticos, muitas vezes inalcançáveis, tem preocupado as autoridades médicas pelos riscos que podem causar.

Especialistas em diversas áreas ressaltam que é importante ter bom senso, principalmente porque o jovem está em fase de crescimento. Muitos, inclusive, se arrependem. Algumas intervenções são reversíveis, outras não. Portanto, a orientação é procurar um profissional com registro no conselho de sua categoria, que vai avaliar cada caso e recomendar ou descartar a realização de qualquer procedimento.

“Vivemos em um mundo onde autoestima é essencial, mas também onde a imagem é superestimada com as redes sociais que levam, não raro, à superexposição e padrões impossíveis de se obter. E quem mais sofre com isso? Os jovens, que ainda estão em processo de autoafirmação e com grande necessidade de aceitação em grupos. Jovens insatisfeitos com sua imagem e mais vulneráveis quanto às dificuldades da vida em geral. Daí o perigo”, constata a dermatologista Carla Gayoso, membro das Sociedades Brasileiras de Dermatologia e Cirurgia Dermatológica/Laser e Sociedade Americana de Dermatologia.

Algumas cirurgias são con-

traíndicas dependendo da idade, caso ainda não haja um desenvolvimento completo do crescimento, por exemplo. Em termos de quantidade, ela alerta que anestésias e intervenções múltiplas aumentam o risco de intercorrências, que vão desde alergias, rejeições, infecções, maus resultados, até indicações errôneas. “O fator que deve nortear a decisão de fazer ou não é a necessidade real de realizá-los”, frisa.

Ela ressaltou que o limite entre o que é seguro e o exagero está no bom senso e experiência do médico e no bom senso e autoconhecimento do cliente para não

seguir padrões impostos por demandas sociais.

A oferta de serviços por cada vez mais profissionais da cirurgia plástica, dermatologia, estética e odontologia também preocupa as autoridades médicas. “Pacientes estão sendo feridos e lesados numa escala astronômica. Trata-se saúde, com sua vertente de estética, como se fosse algo banal e que não precisasse de muito estudo e regulamentação. De certa forma, é um caos”.

Na estética preventiva, que envolve o uso adequado de toxina botulínica em alguma região que tenha excesso de

movimentos – o que causaria rugas bem precoces – o procedimento funciona muito bem se for indicado. A prevenção pode ser feita ainda na perda de cabelos e gestão contra cânceres de pele, por exemplo.

Arrependimento e reversão

A influenciadora digital GKay, que fez procedimentos muito jovem, se arrependeu e tornou isso público. Em entrevista à Revista Istoé, afirma ter retirado o ácido hialurônico do rosto e admite que tem distorção de imagem. A atitude da influenciadora ao se arrepender e optar por reverter o procedimento

é bastante comum, conforme Carla Gayoso.

O uso de preenchedores à base de ácido hialurônico, dependendo da qualidade do produto usado, é reversível. Outros não, como o PMMA ou metacril, que é pouco recomendado. Quando utilizado por não médicos, pode deixar cicatrizes permanentes, distorções da anatomia e coloração da pele, perda de tecido, entre outros mais graves, que, muitas vezes, são apenas amenizados. A imperícia, imprudência, negligência com o paciente podem resultar em óbito, dependendo do tipo de intervenção.

CFM proíbe estímulo ao uso de hormônios

A má prática da Medicina através do estímulo a terapias hormonais injetáveis, não injetáveis ou sob a forma de *chips* hormonais para fins de emagrecimento, melhora da performance ou estética é uma realidade que tem se propagado de maneira absurda e abusiva em inúmeras clínicas espalhadas pelo país. A constatação é da endocrinologista Narriane Chaves, chefe do Serviço de Endocrinologia do Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW/UFPB).

Ela analisa que, geralmente, esses hormônios são prescritos por médicos que se dizem *‘experts’* em terapias hormonais com promessas de melhoria no bem-estar, na fadiga, melhora da composição corporal e até como terapia para controle da obesidade. “Essa prática deve ser totalmente vedada e desestimulada, já que não existem comprovações científicas quanto à segurança do uso de substâncias hormonais nestas situações, mesmo em doses consideradas pelos seus prescritores como pequenas ou fisiológicas”, alerta.

No dia 11 de abril de 2023, foi dado um passo muito im-

portante em relação à luta contra o uso inapropriado de hormônios. O Conselho Federal de Medicina (CFM) publicou, no Diário Oficial da União (DOU), uma resolução que proíbe o uso, propaganda e realização de cursos que estimulam o uso de hormônios para fins estéticos, melhora do desempenho físico ou hipertrofia muscular, tanto em homens como em mulheres.

“Tão importante quanto esta resolução é o entendimento de que a prescrição de substâncias hormonais pode estar mascarada pela falsa ideia de que seus hormônios estão ‘inapropriadamente baixos’ e que o uso dos hormônios pode proporcionar benefícios à sua saúde, quando, na realidade, não existe qualquer problema com ela”.

Redes sociais

A baixa autoestima, distorção da autoimagem e o alto nível de comparação estão entre as causas mais comuns que levam pessoas cada vez mais jovens a procurar, com frequência, procedimentos estéticos, como observa a psicóloga Dielle Gomes. “Acreditado que as redes sociais têm

desempenhado um papel preocupante para esta procura, pois, frequentemente, promovem imagens de corpos e rostos considerados ideais e atraentes. Essas imagens podem criar pressão social para se moldarem a esses padrões, levando as pessoas a considerarem procedimentos estéticos para alcançar esses ideais”, pondera.

O excesso pode trazer efeitos psicológicos como a perda da própria identidade. “Aos poucos, você vai deixar de se reconhecer, afinal, somos quem somos por nossa totalidade, o que inclui até as nossas imperfeições”, afirma.

Quando a procura pelos procedimentos estéticos ultrapassa a linha do autocuidado e se torna uma busca incessante por padrões inatingíveis da sociedade ou das redes sociais, é sempre pertinente, segundo ela, avaliar os motivos para essa busca.

Mais critérios com jovens

O cirurgião plástico Adriano de Lima Quirino, membro titular da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP) e presidente da SBCP - Regional Paraíba, diz que não há contraindica-

ção para o jovem fazer procedimento estético, mas que é preciso ser mais criterioso nessa faixa etária. Como exemplo, ele cita o caso de uma criança de 10 anos que sofria *bullying* por ter orelha de abano e fez cirurgia corretiva. Os pais adoraram, mas a primeira reação da criança foi de pânico. “Houve uma não identificação porque ela não se conhecia daquele jeito, não tinha maturidade e não poderíamos cobrar isso. Só depois de uma semana voltou a sorrir”.

Embora não haja risco maior no jovem em relação a uma pessoa de mais idade, é preciso sempre uma indicação personalizada para cada paciente. A idade, conforme o cirurgião, não é um fator preditivo de aumento de risco, mas exige indicação mais precisa. Ele ressaltou que, em qualquer idade, as mudanças devem ser aos poucos, já que a aplicação exagerada de procedimentos traria resultados indesejáveis, com complicações, às vezes, mais sérias.

Riscos

As autoridades de saúde estão preocupadas com intervenções estéticas em pessoas

jovens porque esses procedimentos podem apresentar riscos significativos, tanto imediatos quanto em longo prazo. É o que afirma Bruno Leandro de Souza, diretor de fiscalização do Conselho Regional de Medicina na Paraíba (CRM-PB).

Ele explica que a juventude da pele não necessariamente indica saúde ideal, e intervenções em uma idade tão jovem podem resultar em complicações e arrependimento no futuro. O diretor frisa que a crescente oferta de serviços estéticos por profissionais de diversas áreas preocupa porque nem todos têm a mesma formação e experiência de um cirurgião plástico qualificado.

Segundo Bruno Leandro, profissionais têm a responsabilidade ética de avaliar se um procedimento é adequado para um paciente, levando em consideração sua saúde e necessidade. Afirma ainda que eles podem e devem recusar um procedimento se considerarem que não é apropriado para a pessoa. É preciso considerar também possíveis complicações como infecções, reações alérgicas, entre outros.



A dermatologista Carla Gayoso diz que o limite entre o que é seguro e o exagero está no bom senso e experiência do médico e no bom senso e autoconhecimento do paciente

Foto: Romário Rodrigues/Divulgação



Foto: Acervo Pessoa/Divulgação

Se uma pessoa não se autoconhecer a ponto de entender os seus limites e respeitá-los, ela entra em um ciclo infinito de busca por uma beleza inalcançável

Dielle Gomes



Foto: Imael Pessoa/Divulgação

Médico tem de ser bem formado, ético e empático. Isto será suficiente para saber o limite do que fazer e não fazer

Carla Gayoso

AUMENTO DE TEMPERATURA

Baixa umidade deve atingir Sertão

Com a elevação da temperatura, o Corpo de Bombeiros de Patos alerta a população para os casos de incêndios

Lusângela Azevêdo
lusangela013@gmail.com

Entre os meses de agosto a novembro devido aos sistemas meteorológicos formados nos altos níveis da atmosfera, como os Vórtices Ciclônicos e os Cavados, além dos Sistemas Frontais de Sudeste. As temperaturas tendem a subir gradativamente, nas cidades do Sertão paraibano, com ondas de calor intenso onde as temperaturas máximas variam entre 36 e 39°C, principalmente, no período da tarde, poucas nuvens, sem condição de chuva e baixa umidade do ar, que oscila entre 30% e 20%. Conforme explicou a meteorologista da Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba – Aesa, Marle Bandeira.

A combinação de tempo seco e temperaturas elevadas, nesse período do ano, tende a registrar focos de incêndios em áreas de vegetação. De acordo com os dados do setor de Estatísticas do 4º Batalhão do Bombeiro Militar com sede em Patos, já foram combatidos 84 incêndios na região entre o mês de julho até os dias atuais, sendo 45 em vegetação, terrenos baldios e outros 39 em resíduos (como lixo).

Conforme a tenente Joana Cabral Barbosa, oficial do 4º BBM do CBM-PB, a tendência observada nos outros anos é que os números aumentem devido à junção de fatores como a estiagem e a prática irregular de queimadas utilizada para limpeza do solo.

“A grande maioria desses incêndios é causada pelo homem de forma proposital ou acidental. Visto que, nesta época do ano a vegetação começa a secar e os donos de terra preferem atear fogo em lixo e entulho para realizar a limpeza dos terrenos, ao invés de investir em equipamentos e funcionários para realizar a limpeza de forma adequada. Vale salientar, que essa prática antiga é considerada crime ambiental passível de multa e prisão,” alertou a militar.

Além disso, basta apenas um pequeno incêndio iniciado na vegetação ou na rede elétrica para provocar um incêndio de maiores proporções, como a tragédia florestal que atinge o Havai desde 8 de agosto. O fogo que atingiu

os dois condados, o homônimo Havai e o Maui, já matou mais de 100 pessoas e vai causando prejuízos equivalentes a mais de 27 bilhões, segundo o governador do estado norte-americano, Josh Green.

A tenente Joana, alertou a população acerca dos danos à saúde que a inalação de fumaça e a fuligem geradas pelas queimas podem causar. “A fumaça tóxica pode causar alergias na pele, irritação na garganta e o agravamento de doenças respiratórias como bronquite, asma, entre outras. Por isso, ajude na prevenção desses incêndios. Não queime lixo, pois uma leve desatenção pode ocasionar o alastramento do fogo; não jogue bitucas de cigarro nem materiais inflamáveis em vegetação e rodovias; se estiver em área rural mantenha seu terreno limpo com aceiros ao redor da casa, curral e plantação. Por fim, se presenciar uma queima descontrolada ou sua residência estiver próxima a um incêndio em vegetação se afaste o mais rápido possível e acione o socorro do Corpo de Bombeiros através do 193,” solicitou.

Além dos incêndios, os dias quentes, tempo seco e baixa umidade podem trazer problemas à saúde. Os dias quentes, tempo seco e baixa umidade são combinações que podem trazer problemas à saúde. Garganta seca, excesso de catarro, irritação no nariz, pele coçando e ressecada, dores de cabeça e sensação de areia nos olhos são alguns dos efeitos provocados neste período de seca, além do risco do desenvolvimento infecções pulmonares, crises alérgicas, amigdalites, rinites, faringites, sinusites e crises de asma.

Segundo o pneumologista, Rodolfo Bacelar de Athayde, muitas infecções e bactérias são desenvolvidas nesse período: “Devido ao calor e à baixa umidade do ar, ocorre um maior ressecamento de pele e mucosas, principalmente, de nariz e garganta. Além da poluição que fica mais dispersa no ar, atingindo assim com mais facilidade nossas vias aéreas, os vírus e bactérias também permanecem por muito mais tempo em contato com nossas mucosas, aumentando os índices de infecções”.

Algumas recomendações são eficazes para melhorar a

“

Devido ao calor e à baixa umidade do ar, ocorre um maior ressecamento de pele e mucosas, principalmente nariz e garganta

Rodolfo Bacelar de Athayde

sensação de umidade e evitar problemas respiratórios: “Manter-se hidratado; usar roupas leves e confortáveis e evitar atividades físicas intensas ao ar livre nos horários de pico de calor. Pessoas com problemas respiratórios devem continuar com seus tratamentos otimizados. Usar colírios ou soluções salinas para aliviar a irritação nos olhos e hidratantes na pele para evitar o ressecamento, após avaliação de respectivos especialistas (oftalmologistas e dermatologista),” recomendou Rodolfo Bacelar.

Também é interessante limpar regularmente a casa para reduzir o acúmulo de poeira e alérgenos, bem como, aumentar a ventilação dos ambientes fechados, para dificultar a transmissão de patógenos por via aérea. “Há aparelhos umidificadores de ar, que se usados adequadamente, conforme as instruções de fábrica, também deixam um ambiente fechado mais confortável e relativamente mais seguro, desde que, sempre limpos e revisados, e com o cuidado de não tornar o ambiente excessivamente úmido. No entanto, é bom evitar a disposição de recipientes com água, especialmente próximo a tecidos e espumas (como colchões e travesseiros), porque conforme ocorre o entardecer e a noite avança, as temperaturas frequentemente declinam rapidamente,” alertou o especialista.



Foto: Roberto Quevedes

Com a previsão do aumento das temperaturas, cidades devem sentir ondas de calor

Idosos, cardíacos e crianças exigem cuidados permanentes

Cuidados especiais devem ser tomados com crianças e idosos, nessa época do ano, pois além de muitos deles não tomarem a quantidade diária mínima necessária de água, ainda têm mais facilidade em desidratar. A falta de água pode ainda agravar os problemas cardíacos particularmente em indivíduos hipertensos ou com problemas cardiovasculares preexistentes.

“Eles sofrem mais com os efeitos, por isso, os cuidados devem ser redobrados, mantendo-os sempre hidratados, evitando que fiquem expostos ao sol

durante os horários mais quentes, usando roupas leves e confortáveis para reduzir o desconforto e manter os ambientes onde eles ficam mais tempo adequadamente umidificados”, salientou o pneumologista, Rodolfo Bacelar de Athayde.

Tais cuidados são fundamentais porque no clima seco o organismo perde mais líquidos e o sangue fica com menor concentração de água, ou seja, torna-se mais viscoso. Isso pode aumentar a pressão arterial e provocar com mais facilidade obstruções nas veias e

artérias, causando infarto ou um Acidente Vascular Cerebral (AVC). Também aumenta o risco da formação de trombos, uma espécie de coágulo que impede a circulação do sangue. Se esse problema ocorrer em órgãos importantes do corpo humano, as consequências podem ser graves.

“É muito importante oferecer água o dia todo aos idosos, pois muitos deles acabam não tomando a quantidade necessária e, assim, ficam mais expostos a riscos nos períodos mais quentes e de baixa umidade do ar”, recomendou.



Foto: Antônio David/Divulgação



Foto: Roberto Quevedes

Alerta da Agência Executiva de Gestão das Águas prevê, para as cidades do Sertão, ondas de calor com temperaturas que devem variar de 36°C a 39°C, aliada a baixa umidade



Igreja de Nossa Senhora do Livramento (vista ao fundo) é o principal espaço católico da cidade. Edificação começou a ser erguida em 1861 e obra durou 20 anos

Fotos: Marcos Russo

ROTA CULTURAL

O charme de Bananeiras no inverno

Circuito começa na cidade do Brejo, amanhã, e prossegue até o dia 27, com apresentações culturais e feiras

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

A Rota Cultural Caminhos do Frio chega ao município de Bananeiras. A expectativa da Prefeitura é de que 30 mil visitantes compareçam ao local entre amanhã e o próximo domingo. De clima ameno e rodeada de lajedos, o lugar que no século 18 era repleto de bananeiras, ainda apresenta plantações do fruto que lhe originou o nome. Quem passar pela cidade vai poder conhecer tam-

bém a famosa Cachoeira do Roncador, o secular Cruzeiro de Roma, o Túnel do Trem e muitos outros atrativos que são exaltados ao longo da programação do Caminhos do Frio.

“O tema do evento é o cordel. Então, estamos focando tudo em cima dele. A abertura será feita toda com o cordel e na programação temos nomes como Oliveira de Painéis. Vamos fazer oficinas e apresentações culturais nas nossas escolas e temos a participação da UFPB. Esperamos um ciclo de visitação mais intenso a

partir das atrações musicais, que vai de quarta-feira até domingo. Acreditamos que tenhamos, aproximadamente, umas 30 mil pessoas no período”, declarou Karina Azevedo Gomes de Leon, secretária de Turismo e Cultura de Bananeiras.

Opções de diversão

Na programação, haverá shows de Kevin Ndjana, Vintage Groove, Tinha e Banda, que se apresentam no dia 25. No dia 26, as atrações são: Pagode do Brás, Victor Brize-

no e Kelson Kiss. Estão previstas apresentações do Quinteto Uirapurú, o cordel de Lima Filho e Tambores da Serra.

O clima frio que chega a 15°C ou menos nessa época do ano, além da gastronomia da região, são capítulos à parte para o visitante aproveitar na temporada da Rota Cultural. Ainda há a opção da prática de turismo de aventura, passeios pelo centro, onde há a Igreja de Nossa Senhora do Livramento, principal da cidade. O prédio foi erguido no século 19. Se-

gundo o Iphan, Bananeiras teve o centro histórico tombado em 2010. A cidade mantém estilos arquitetônicos: colonial, neoclássico, ecléticos, Art Déco e do protomodernismo.

Editora A União

Segundo Karina Azevedo, um dos principais expositores da cidade será a Livraria **A União**, que irá levar aos visitantes obras de diferentes autores. “Será um espaço com destaque, bem bonito e especial, porque **A União** merece”, disse a secretária.

Calendário Atualizado do Caminhos do Frio

-Bananeiras - 21 a 27 de agosto

-Alagoa Grande - 28 de agosto a 3 de setembro

-Alagoa Nova - 4 a 10 de setembro

■ Pontos Turísticos

O município de Bananeiras possui atrativos naturais e históricos. Entre eles estão: o Cruzeiro de Roma, a Cachoeira do Roncador e o Túnel do Trem. Conheça um pouco mais sobre ele:

■ Cruzeiro de Roma

Após ter feito uma promessa e alcançado uma graça, um proprietário rural construiu o cruzeiro homenageando a Sagrada Família. A edificação foi erguida em 1899. O complexo é formado por uma capelinha, a porta santa e um albergue anexo que dá abrigo aos peregrinos. O conjunto arquitetônico fica situado no topo de um chapadão intermediário da Cordilheira da Borborema e recebe vários visitantes, inclusive, os que seguem os “passos de Padre Ibiapina”. No topo do Cruzeiro dá para avistar outros municípios, além da estátua de Frei Damião, em Guarabira.

■ Cachoeira do Roncador

A cachoeira surgiu devido à depressão formada

no curso médio do Rio Bananeiras, com mais de 10 pequenas quedas d'água. O lençol d'água que forma a cachoeira cai de uma altura de 45 metros. A área, rodeada de verde, dá ao visitante a opção para tomar banho nas águas, realizar caminhadas e praticar *camping*. Entre as espécies da flora nativa estão angelins, sucupiras, pau d'arcos, sapucaias e pirauás.

■ Igreja de Nossa Senhora do Livramento

Bananeiras não tinha mais que mil habitantes quando foi erguida a igreja, em 1º de janeiro de 1861. A construção durou cerca de 20 anos. Em 1919, quase 60 anos depois da edificação, foi calçada a primeira rua, com as pedras “pé de moleque” ou “imperiais”.

■ Túnel do Trem

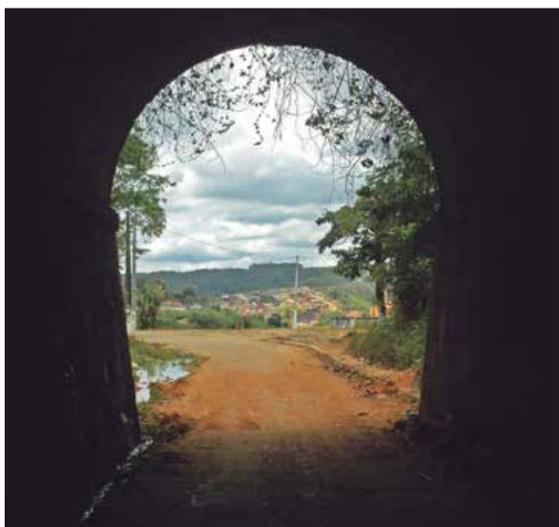
Erguido em 1922, o túnel permitiu que a estrada de ferro chegasse a Bananeiras. Antes, o veículo circulava até a Vila de Camucá (Borborema), a 12 quilômetros de distância. A obra é um importante atrativo turístico, pois remete aos tempos de quando o vai e vem dos trens era rotineiro. O veículo era um importante meio de transporte para a região e teve reflexo no desenvolvimento da cidade.

■ Maior produtor de café da Paraíba

Apesar do nome do município fazer referência à fatura de bananais, Bananeiras foi o maior produtor de café da Paraíba, e o segundo do Nordeste. Em 1852, o plantio da região disputava mercado com o café produzido em São Paulo. Bananeiras produzia cerca de um milhão de sacas de café por ano. O transporte, porém, era precário, e demorava para o produto chegar aos principais centros consumidores. A fase do café chegou ao fim em 1923, devido à praga *cerococus* paraibensis. A cana-de-açúcar, fumo, arroz e o sisal, se tornaram produtos estratégicos da economia local.

■ Quando tudo começou

A colonização de Bananeiras ocorreu na primeira metade do século 18. Entre os primeiros desbravadores, Zacarias de Melo e Domingos Vieira, oriundos da Vila de Monte-Mor, atual Mamanguape. No local, existiam muitas pacoveiras, uma bananeira rústica, que produzia frutos impróprios para humanos. Devido à fatura de bananeiras, surgiu a denominação da cidade. Até 1822, o território pertenceu à jurisdição da Vila de São Miguel da Baía da Traição. Somente em 1835, foi elevado à condição de distrito. Em 1879, a Lei provincial nº 690 concedeu foros de cidade à sede municipal.



Túnel do trem (à esq.), de 1922, com o declínio do transporte ferroviário se transformou em atrativo. Conjunto arquitetônico da antiga Ordem das Carmelitas esbanja imponência

Foto: Marcinho Lima



Foto: Ester Carolina



Foto: Instagram/Reprodução



Três paraibanos estão na vitrine da programação da Bienal, que completa 40 anos: Bruno Ribeiro (à esquerda), Cristhiano Aguiar (no meio) e Paulo Moreira

Paraibanos na Bienal do Livro

Evento acontece no Rio de Janeiro, de 1 a 10 de setembro, e reúne importantes nomes da literatura

Joel Cavaleanti
cavaleanti.joel@gmail.com

A Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro completa 40 anos e se projeta afirmando ser um dos maiores eventos literários do mundo. E os números são mesmo grandiosos. Entre os dias 1º a 10 de setembro, passarão por quatro pavilhões do Riocentro cerca de 600 mil espectadores para acompanhar mais de 300 autores e personalidades, produzindo mais de 200 horas de atividades. Nomes estampados nas capas das mais importantes publicações contemporâneas estarão por lá, a exemplo de Conceição Evaristo, Eliana Alves Cruz, Laurentino Gomes, Itamar Vieira Junior, os norte-americanos Julia Quinn e Blake Crouch, e o português Valter Hugo Mãe. Três paraibanos confirmam o bom momento da literatura local e estão na vitrine da programação oficial: Bruno Ribeiro, Cristhiano Aguiar e Paulo Moreira.

“Há muito tempo eu não via um momento tão rico, tão forte e tão instigante da produção literária paraibana como agora. Nunca se publicou tantos escritores paraibanos e nunca autores da Paraíba tiveram tanto destaque como a gente está tendo em tempos recentes. A presença da Paraíba na Bienal do Rio de Janeiro é só um exemplo da força da produção literária contemporânea do estado”, considera o escritor, crítico literário e professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie, o campinense Cristhiano Aguiar. Ele levará o seu premiado ‘Gótico Nordestino’ (Alfaguara, 2022) para a mesa ‘O Fantástico Nacional’, no dia três de setembro. Com Paola Siviero, Carol Chiovatto e Aba Cristina Rodrigues, os escritores vão discutir como a cultura brasileira inspira a criação de histórias com elementos nacionais no cenário do fantástico.

Eventos literários, em especial os mais longevos como a Bienal do Rio, acompanham a modernização das formas de fazer e vender livros no país. Eles funcionam como uma caixa de ressonância que fornece através das publicações literárias a perspectiva central de construção e reflexão da sociedade brasileira. Um dos escritores que têm dado relevante contribuição para diversificar esse olhar é o mineiro que se fez escritor na Paraíba, Bruno Ribeiro. Autor de ‘Glitter’ (Moinhos, 2019), ‘Como Usar um Pesadelo’ (Caos e Letras, 2020) e ‘Porco de Raça’ (Darkside Books, 2021), o escritor, tradutor e roteirista tem presença confirmada na mesa ‘Inventar futuros’, marcada para o próximo dia 9. Ele estará ao lado de Natalia Borges Polesso, Ale Santos, Tiasmin Ohnmacht e Marcelo Ferroni.

“O interessante dessa mesa é que ela pensa muito na ideia de utopia e eu sou escritor de distopia. Mas o meu projeto literário, apesar de ser muito violento e trágico, é contar a história dos derrotados. Mas não da derrota deles. Os meus personagens já come-

çam derrotados, seja na ficção ou no meu novo livro sobre a barbárie de Queimadas. A minha ideia é apresentar como, apesar disso, esses personagens podem encontrar uma felicidade e uma forma de viver, como um derrotado pode respirar”, relaciona o escritor, que já prepara o lançamento de seu próximo romance de ficção, que vai se chamar ‘O dono e o mal’.

O terceiro paraibano na bienal é o ilustrador e quadrinista Paulo Moreira, que entrou no mundo dos quadrinhos em 2016 fazendo tirinhas de humor na internet. Desde 2017 já foram publicados ‘Operação Dragão Negro’, ‘Mar menino’, ‘Mar minha gente’ e ‘Ana, Mosquinha e Lagatixinha’. Atualmente, ele posta o quadrinho Felipe Falcão, outras tirinhas e ilustrações em suas redes. Tendo a internet como plataforma principal de divulgação de seu trabalho, Moreira estará na mesa ‘O Universo das Webcomics e a Produção de Quadrinhos Online’. Em pauta estão as particularidades, desafios e oportunidades dos quadrinhos produzidos para a internet, com a participação de Helô D’Angelo, Triscila Oliveira e Isadora Zeferino. O evento está marcado para acontecer no dia 4 de setembro.

Organizada pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), a Bienal tem por principal objetivo vender livros. Ela põe os escritores de cara com a dupla natureza da literatura, a artística e a financeira. “O livro é um bem material da cultura e está associado a um contexto social e econômico. É importante que o escritor não subestime a dimensão econômica da literatura. É a viabilidade econômica do meu livro que vai fazer com que as editoras apostem no meu trabalho. O escritor precisa pensar que ele é também um protagonista nessa caminhada de lançamento de um livro”, garante Aguiar. “Bienal geralmente tem um

foco grande na venda. Às vezes acho que o foco é maior no livreiro ou no público leitor mesmo. Aprendi a vender meu próprio livro, o que é importante. Como todos os outros escritores, me sentiria mais confortável só quieto no meu canto escrevendo, mas é muito bom sair da caverna. Ver que tem pessoas lendo e comentando seus livros também me causa satisfação”, complementa Ribeiro.

É por esse motivo que as bienais ainda são fundamentais para promover um ponto de encontro interessante e grandioso entre editoras, autores e leitores. O sucesso desse tipo de evento é cada vez mais dependente das diversidades de poéticas literárias e de autores de diferentes perfis e origens. E a Paraíba tem se provado como parte obrigatória desse contexto. “Em alguns anos anteriores, a produção editorial e literária da Paraíba esteve um pouco ofuscada pela produção de Pernambuco, ou da Bahia ou do Ceará. Mas acho que o jogo virou. As obras de maior destaque e mais instigantes que têm saído na literatura contemporânea são escritas por paraibanos”, afirma Aguiar, que saiu da Paraíba aos oito anos de idade, mas sempre acompanhou com ansiedade a produção literária do estado em seus mais de 15 anos de carreira como escritor.

“Acho que o mercado finalmente percebeu que existe literatura fora do que se chama de ‘grande eixo literário’. Isso me preocupa porque essa ideia de eixo está muito ligada à perspectiva. Eixo a partir do olhar de quem? É como a ideia de um Brasil profundo. Por que aqui seria o Brasil profundo? Quem pode dizer o que é profundo e quem está na superfície? Está tudo um pouco mais horizontal, me parece, porém ainda acho que há muito a ser melhorado. A literatura paraibana pode e deve ter muito mais espaço nessas bienais”, conclui Bruno Ribeiro.

“

O escritor precisa pensar que ele é também um protagonista nessa caminhada de lançamento de um livro

Cristhiano Aguiar

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Os três porquinhos e a educação

As sociedades por mais diferentes que sejam criam formas de educar os seus membros. Há várias maneiras de entendermos como o fenômeno educativo acontece. Os sociólogos Émile Durkheim, Max Weber, Karl Marx, fundadores da sociologia, também conhecidos como os três porquinhos, deram uma importante contribuição para estudos nessa área.

Durkheim é quem tem o trabalho mais direcionado para o tema, sendo por isso considerado o pai da sociologia da educação. Ele foi a primeira pessoa a lecionar uma disciplina de sociologia em uma universidade. A maneira como concebe o processo educativo tem tudo a ver com sua forma de entender a sociedade. Para Durkheim a sociedade é uma realidade objetiva que independe do indivíduo, cuja existência o antecede. Ela funciona analogamente como um organismo, sua complexidade envolve a existência de diferentes partes que se articulam e que podem funcionar de maneira saudável ou não. Pertencer a uma sociedade significaria compartilhar dos mesmos códigos morais, o que só é possível através da socialização, ou seja, da educação. A educação teria, portanto, uma finalidade integradora, os laços sociais dependeriam do reconhecimento mútuo desses valores, sem ela a ordem social seria impossível. As gerações anteriores transmitem ainda para as mais novas conhecimentos especializados que serão úteis para o trabalho intelectual e manual.

As modernas sociedades industriais criaram uma divisão social do trabalho muito complexa que precipitou novas

formas de individualidade e uma crescente fragmentação social. Durkheim via de maneira ambígua: se de um lado os indivíduos ganhavam em maior reflexividade, do outro, laços sociais poderiam enfraquecer a tal ponto que geraria um colapso. A educação escolar universal e obrigatória, na visão de Durkheim, poderia ajudar na reafirmação de valores gerais que fortaleceriam a unidade coletiva.

Max Weber viu na modernidade uma tendência à racionalização da vida social. Ao contrário do seu colega francês, a sociologia não seria uma ciência dos grupos sociais, mas dos indivíduos agindo socialmente. A moderna sociedade capitalista precisa de previsibilidade, controle e planejamento para funcionar. O Estado moderno, por exemplo, tem a burocracia como forma de organização. O que garante racionalidade aos processos administrativos e uma maior impessoalidade. Outro fator importante é ascensão da ciência que ajudou a diminuir o peso das explicações mágicas do mundo, oferecendo uma visão mais descritiva do que normativa da realidade. Isso levou ao declínio de disciplinas como filosofia e teologia, como a valorização de áreas técnicas, da engenharia e do pensamento pragmático. A organização do conhecimento se tornaria mais especializada. O mundo moderno é o mundo dos especialistas, da técnica e do cálculo. De tal modo as escolas e os currículos passaram a incorporar características e necessidades do tempo e da economia capitalista.

As ideias de Karl Marx nos permitem observar na escola uma instituição fun-

damental para a reprodução das condições e relações de produção. Ela faz parte do que Marx definiu como superestrutura social, isto é, a dimensão cultural e institucional de uma sociedade que, em última instância, é determinada pelas relações sociais de produção. A sociedade capitalista repousa numa cisão fundamental entre a classe burguesa, dona dos meios de produção, e a classe dos trabalhadores, responsável por vender a sua força de trabalho. A escola moderna tem muitas semelhanças com as fábricas, que podem ser vistas no sistema disciplinar implementado: o controle do tempo, o uso de fardamentos etc. Além disso, as escolas capacitam os indivíduos para a vida no trabalho e impõem uma seleção social. Como garante a formação de indivíduos capazes de criar as condições para desenvolvimento tecnológico, vital para o desenvolvimento das forças produtivas.

A escola é aparato fundamental para a reprodução das ideologias dominantes. Praticamente todas as pessoas passam pela escola, que tem abrangência enorme. Para existir, o capitalismo precisa criar os meios de justificação e ocultamento das relações de exploração. As relações de propriedade estão na base das desigualdades sociais e são naturalizadas pela ideologia. A consciência está ligada às condições materiais de vida; a distorção ideológica é um empecilho à mudança social. Toda educação tem um conteúdo de classe. É por isso que uma educação libertadora deve romper com a alienação e a ideologia burguesas. O que só me parece plenamente possível numa sociedade sem classes sociais.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Futuro de uma ilusão

As alucinações são características das manifestações delirantes, podendo ocorrer tanto de forma individual quanto em grupo. Um dos seus sintomas mais intensos é o delírio religioso, que se encaixa nos critérios estabelecidos pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM). Sigmund Freud (1856 - 1939), psiquiatra e psicanalista austríaco, em seu artigo intitulado *O Futuro de uma Ilusão* (1927), afirmou: "A ilusão religiosa é a mais implacável e persistente, ela está ligada a um impulso e se aproxima dos delírios psiquiátricos". Essa falha psíquica pode incluir a projeção de grandiosidade, como a crença de que a pessoa afetada foi escolhida por Deus para resolver conflitos sociais ou solucionar problemas alheios. A psiquiatria, a psicologia e a psicanálise oferecem diferentes métodos para diferenciar as experiências psicóticas das vivências religiosas normais. Uma crença ou experiência religiosa é considerada patológica quando prejudica a capacidade da pessoa de desempenhar atividades. Caso a sua atuação social ou profissional não seja danificada, a crença ou vivência religiosa não será considerada prejudicial, pois a pessoa psicótica terá dificuldade em estabelecer relações com os outros em seu ambiente social, porque apresentará outros sintomas de doenças psíquicas: perda da habilidade de se relacionar; apresentar dificuldade de se manter num emprego; não conseguir realizar e nem cumprir as próprias obrigações; não saber pensar com clareza e objetividade.

Existem critérios específicos do DSM que podem ajudar a distinguir entre uma pessoa com problemas mentais religiosos, com psicose, e uma pessoa saudável. Em certas situações, pode ser difícil diferenciar experiências psicóticas das não psicóticas, já que há sobreposições que tornam essa distinção complexa e isso também depende da ideologia e das ideias dominantes, o que dificulta distinguir crenças religiosas culturalmente reconhecidas dos sintomas psicóticos, uma vez que delírios religiosos

podem estar presentes tanto nas crenças normais de indivíduos saudáveis quanto nas crenças fantasiosas de pacientes psicóticos. Portanto, a doutrina mística pode contribuir para sintomas ou síndromes patológicas. Assim, mesmo que o indivíduo não apresente outros sintomas para o diagnóstico de esquizofrenia ou transtorno delirante, ainda é possível que ele tenha um delírio místico-religioso. A cada dia, é possível observar um número crescente de pessoas envolvendo-se em experiências religiosas delirantes em cultos. Sugere-se, portanto, um avanço nas pesquisas científicas em torno dessa patologia, tanto individuais, quanto epidêmicos, a fim de que se possa expandir novas formas de diagnósticos que venham humanizar essa doença psíquica.

Sigmund Freud descreve a religião como a obsessiva neurose universal da humanidade, culpando os dogmas religiosos pela estagnação intelectual da maioria dos seres humanos. No artigo mencionado, a religião teria sido inventada para: "Exorcizar os medos da natureza; reconciliar os homens com a crueldade do destino, especialmente aquela demonstrada pela morte; e compensá-los pelos sofrimentos e privações impostos pela vida em sociedade" (Freud, 1996, p. 98). As consequências desses argumentos levam o ser humano a se sentir tão desamparado que, se vivesse isolado... dificilmente conseguiria sobreviver. O objetivo de superar os perigos com que a natureza ameaça, os homens se uniram, multiplicaram suas forças e fundaram a cultura. Sua primeira tarefa é proteger o homem da natureza violenta. No entanto, a sociedade humana não consegue cumprir essa missão com sucesso. É um erro acreditar que um homem psicótico será capaz de conter sua própria brutalidade.

Um dos argumentos apresentados por Freud que fortalece a religião é a convicção na figura do Deus pai, juntamente com seus atributos de onipotência, onisciência, onipresença e benevolência, os quais são capazes de

proteger o ser humano. A origem desse pensamento pode ser encontrada no sentimento de desamparo infantil e no anseio por proteção que ele provoca. Diante de sua própria impotência, é compreensível que a criança busque encontrar alguém que possa lhe garantir proteção. Inicialmente, a mãe ocupa esse papel de protetora, porém, para Freud, essa função é logo substituída pelo pai, que é visto como sendo mais forte. A criança idealiza o pai, mas com o tempo percebe que sua força não é tão evidente como imaginava e, ao se tornar adulta, percebe-se condenada a permanecer indefesa como uma criança. Incapaz de renunciar ao amparo desejado, o indivíduo abraça a crença na existência de Deus, a qual trará alívio ao seu sentimento de desamparo e impotência diante da vida.

Para Freud, a religião pode ser comparada a uma neurose infantil. Ele acreditava que a humanidade superaria essa fase, assim como muitas crianças superaram suas neuroses ao crescerem. Em um futuro sem religião, a ciência assumiria suas funções e algumas das tarefas propostas pela religião ficariam sem alguém para assumi-las, como, por exemplo, compensar os indivíduos pelos sofrimentos da vida presente com a promessa de uma felicidade futura, ou ainda a ideia de que o mal é punido e o bem recompensado. Para o psicanalista, os seres humanos precisam aprender a aceitar resignadamente situações da vida para as quais não existe uma cura. É necessário suportar esse mal-estar inerente à própria cultura.

Sinta-se convidado à audição do Domingo Sinfônico, deste dia 20, das 22h às 00h. Em João Pessoa (PB), sintoniza na FM 105,5 ou acesse através do aplicativo www.radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei a vida e algumas interpretações do violinista e regente italiano Salvatore Accardo (1941). Ele massificou a música erudita através dos seus Festivais Internacionais e criou Orquestras de Câmara.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Não esqueça
o lençol

Como quem se atira num lago, em busca de um afago, um dedo de prosa, na lembrança mais remota das canoas e caronas, de repente um uber falante, o carro caindo os pedaços, uma mulher nua na estrada, e o prazer de estar no Rio de Janeiro, não existe outro igual.

O sol a queimar a moleira e eu ali, atravessando o céu, o mar, louco para o que uber chegasse logo em Copacabana, mas o jeito foi puxar conversa com o motorista que entrou calado e saiu um grilo falante. *Cheke to Check*, só com uma dona que acenou pra mim, embarcando em outro avião, para London, London.

De encontro com o retrovisor, antes, as malas que não cabiam na mala, eu vi que foi o jeito apertar e embarcar. Estávamos eu e o Alex, chegando de outros mares, e somos todos chineses, para o show 'Transa' de Caetano Veloso, no Festival Doce Maravilha.

Não me surpreendo mais com nada, na antecâmara da loucura alheia, veio uma fogaosa ideia: eu nasci na Paraíba, o senhor conhece o Nordeste? "Quem sou para conhecer o Nordeste" respondeu o motorista Ludovicu, bem mais delirante que eu, um mulato primo do moleque Ricardo, que nos conduzia para o Cristo Redentor.

Você é carioca? "Não, nasci em Caxias. Você sabe que muita gente que nasceu e mora em Pavuna, Penha e Caxias, não conhecem o Rio?", indagou. Achei cruel a assertiva, mas a vida em sina, meu bem, meu mal

Logo lhe apresentei meu amigo, o empresário Alex do Prato, filha de Dona Edith e do Dr. Arnaldo, era natural do Ceará. O motorista disse que adoraria conhecer Teresina e tomar meia dúzia cajuína. Tá com a bexiga.

O que isso aqui?, perguntei apontando para um desenho de chipanzé no muro em que aparecia do lado um desiludido governo e uma imagem da Xuxa e seus adoráveis baixinhos. "Isso o quê? Ah! Ali é a Feira de São Cristóvão. O senhor já foi feira, é a melhor do Rio, tem tudo, galinha, bolo baeta, pimenta do reino, coentro e laranja bahia". Nesse tempo o Alex falava com Dona Pri, sua mulher, lá do outro lado do mundo. E priu.

Continuei a conversa com o motorista. "Doutor, o senhor sabia que o Galião fica na Ilha do Governador?" Não sabia, eu sei que "Eu Mataria o Presidente", da amiga Adelaide Carraro. Ele não entendeu nada. Eu disse amém, ou quase, quase nada.

Eu tentei recolher as palavras e voltar para o Nordeste, mas ele sempre mudava de assunto. Quando chegamos na Linha Amarela, ele mudou a sintonia do rádio e veio a voz de Geraldo Vandré, perguntei se Ludovicu estava ligado, ele disse que não, que não gostava de droga e de repente um calor quase fogo nos meus olhos, nenhuma bala perdida, nenhuma dor, tudo em cima.

Depois de uma longa conversa jogada fora, do Galeão a Copa, eis que regresso e deparo-me com um olhar amoroso sobre o Rio, quando ele disse: "você conhece bem o Rio?" Eu disse não, só a parte da Lapa, Santa Tereza e o túnel Dois Irmãos. Ele deu uma risada estrambólica.

Convidei o Ludovicu para conhecer a Paraíba, as mulheres bonitas de Atenas, o Bolerão de Ravel do Jurandy, tapiocas e pé de moleque, incapazes de resistir.

Ufa! Chegamos. O motorista desceu para tirar as malas do Fusca lá fora, olhou pra gente e disse: "um dia vou conhecer o Maranhão, onde vocês nasceram" E eu, tá certo, mas não esquece os lençóis.

Kapetadas

- 1 - Oi, sumida! O que anda fazendo? - Procurando outro esconderijo. Deu a bexiga
- 2 - Amar o próximo é fácil, quero ver tolerar o anterior.

Foto: Divulgação



A beleza dos lençóis maranhenses

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

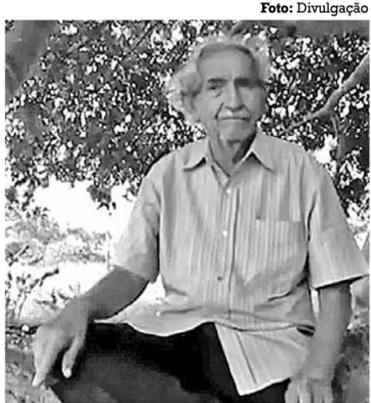
Dez anos de 'A Ninhada', com Nivalson Miranda

Baseado em conto homônimo do genealogista paraibano e ex-professor da Universidade Federal da Paraíba, Nivalson Miranda (que atua no vídeo como narrador), *A Ninhada* é um curta-metragem de 10 minutos de duração, gravado na zona rural da cidade de Serra Branca, interior da Paraíba. O vídeo recebeu o prêmio de Melhor Filme de Ficção de 2012, do V FestCine Digital do Semiárido, dentro das celebrações do Dia Mundial do Cinema, na festiva promovida APC-Academia Paraibana de Cinema, realizada no Auditório da Secretaria de Cultura do Município de João Pessoa.

Esta semana, faz 10 anos que o professor Nivalson faleceu, deixando de luto a arte popular e o folclore paraibanos. Parceiro de saudosa memória.

O vídeo com Nivalson fez parte de uma seleção de várias outras obras, sendo exibido nos Estados da Paraíba, Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte. *A Ninhada* foi escolhido previamente por uma comissão de peritos em cultura popular e cinema, quando de sua exibição especial na sede na Adufppb.

Realização de Alexandre Menezes, pela Asprod Cinema e Vídeo, com



Nivalson Miranda em uma das seqüências de 'A Ninhada'

apoio da ADUFPB e CCHLA, *A Ninhada* traz uma mensagem ecológica muito preocupante, através da visão de um garoto de 11 anos (Jaiane), personagem interpretado por um menino da própria região seca de Serra Branca. O vídeo narra a estória de uma família que mora nas terras de um temido coronel (Simplício Clemente), senhor de uma grande propriedade e que ordena ao seu morador e pai do menino, Seu Biu (bem interpretado pelo ator Ricardo Moreira), a queimar

a vasta capoeira, para a plantação de lavouras. Situação desaprovada pelo menino, acostumado a brincar com os animais silvestres no terreiro de casa, mas que o pai não tem alternativa senão acatar as ordens do patrão, ateadando fogo em tudo e pondo em perigo a vida do próprio filho.

A Ninhada traz ainda a participação de outros integrantes da UFPB, dentre eles o professor José Nilton da Silva, nas locações e fotografia de *still*, e dos alunos Marcelo Quixaba e Joelma Cavalcanti, respectivamente, como câmera e assistente de produção. O trabalho foi realizado para o programa de Extensão Universitária do Curso de Comunicação Social, sob a orientação do professor da UFPB, Alex Santos, das disciplinas Direção de Programas de TV e Fotografia, do Departamento de Mídias Digitais da UFPB.

Lembrando o prof. Nivalson Miranda, por sua admirável contribuição ao ensino da Cultura Popular, o vídeo *A Ninhada* pode ser visto no YouTube, pelo link: https://www.youtube.com/watch?v=ar_nr5RMPsc&t=2s. Mais "Coisas de Cinema", acesse nosso blog: www.alexantospb.blogspot.com.br.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Voyeur da miséria

A poesia também pode ser um passeio, uma caminhada, uma viagem. Do Gênesis ao Apocalipse, numa espécie de alegoria dos passos que movem os roteiros da condição humana. Também pode ser o deslocamento de verbos e substantivos, a valia dos vocábulos, a dinâmica do léxico a nomear a diversidade das coisas. Coisas singulares, coisas inóspitas, coisas dadas e coisas ignotas.

Eis, de saída, o traço lírico que põe o professor Rony Santos na cena poética paraibana com a coletânea *(Re)verso da palavra* (Cajazeiras: Arriçã, 2023), em edição compacta, organizada e pensada poeticamente, em sua medida temática e na sua unidade estilística.

O (re)verso da palavra intenta atingir o reverso das coisas, o outro lado das coisas, as coisas avessas, os dados imperceptíveis, os lugares esquecidos; seres, bichos, calçadas, ruas, praças e avenidas de uma cidade que se expõe ao olhar aceso e indignado do poeta que vasculha seus desabrigos, suas entranhas, suas veias e artérias dilapidadas.

Sérgio de Castro Pinto, que assina breve posfácio, fala em "poesia urbana por excelência", atentando para "a dicção amarga, cética, bem em consonância com a distopia que move um verdadeiro cerco ao homem contemporâneo".

O poeta acerta por inteiro. De fato, não há complacência nem atagios piegas nessa canção de dor que Rony Santos elabora, para trazer à tona, e numa exposição descritiva, quase prosaica, sem retórica, sem atavios, as vísceras da cidade, a tragédia anônima e ostensiva de seus habitantes periféricos.

As palavras cumprem dolorosa jornada, e o poeta, através da voz lírica, crítica, distanciada, porém, empática para com os humilhados e ofendidos, atua como um *flâneur* sem destino, meio à Baudelaire, meio à Políbio Alves, observando a estranha coreografia das coisas.

Sem dúvida, há, na dicção poética de Rony Santos, muito de constatação, indignação, denúncia, libelo. Não obstante, a escrita não se converte em texto programático, em panfleto a serviço de causas sociais, políticas, ideológicas, comportamentais, tão ao gosto de certa poesia que abraça e defende credos, doutrinas, plataformas de boas intenções ou do suposto politicamente correto.

"Marquise", poema da página 53, em seu recorte minimalista, ilustra bem o que quero dizer, senão vejamos: "Sob a marquise da loja/á vida em alguns metros quadrados/aparece escondida/mas a dor que dorme na calçada/é infinita".

Já em outra clave e num discurso que pode ser lido como um miniconto, destaco o poema "Antes a colher do que a morte" (P. 88): "De dentro da casa,/gritos de socorro ecoaram/Nenhum vizinho se mostrou/até se aglomerar na calçada/para ver o corpo da mulher/que fugia da bala".

Que são textos como estes? A exemplo de tantos outros, seja em estratégia minimalista, seja em procedimentos mais discursivos, nada mais são que flagrantes de um cotidiano sob o olhar poético de um voyeur da miséria, das ruínas, do lixo, do crime, do abandono.

Impossível não lembrar Jomar Moraes Souto, que nos deu o *Itinerário lírico da cidade de João Pessoa*, atento à paisagem rastreada nas suas componentes de beleza, cristalizadas nos monumentos históricos e nas evocações sentimentais.

Creio, no entanto, que Rony Santos ensaia outro percurso no seu antiliterismo, ácido e cru, diante de uma cidade dilacerada. Quase diria de uma "terra desolada", para me valer do belo título de T. S. Eliot. Mais próximo de um Políbio Alves, se contemplarmos certas zonas escuras do poema *Varadouro*, ou mesmo de um Eulajose Dias de Araújo, fazendo seus périplos pelos becos e arruados da cidade baixa, Rony Santos, à maneira de um fotógrafo da gente ferida e dos lugares estilhaçados, nos dá, com este *(Re)verso da palavra*, um triste, contundente, porém, belo retrato da cidade. Uma cidade que "Quando menos se espera" (P. 64),

É noite.

O vento embaça,
 carro balança
 até que o sol deflore a madrugada.
 E a terra prometida,
 encharcada, chove,
 dentro do carro parado na calçada.

APC felicita os atores Zezita e Fernando Teixeira

O Conselho Diretor da Academia Paraibana de Cinema e seus pares se congratulam com sua presidente, atriz Zezita Matos, e com o ator Fernando Teixeira (Cadeira 15 da APC), por suas atuações em *O Alecrim e o Sonho*, de Valério Fonseca, atualmente em cartaz em cinemas do Rio de Janeiro.

O longa-metragem conta a história de Vicente (Fernando Teixeira), um professor aposentado e viúvo, residente no bairro Alecrim, vivendo sonhos que não são os da realidade do bairro, onde são registrados genocídios de jovens negros periféricos. O longa está sendo aguardado em João Pessoa.



EM cartaz

ESTREIAS

BESOIRO AZUL (Blue Beetle. EUA. Dir.: Angel Manuel Soto. Aventura. 12 anos). Jovem mexicano Jaime Reyes (Xolo Maridueña), recém-formado, volta para casa cheio de aspirações para o futuro. Em meio a uma busca por seu propósito no mundo, ele acha uma antiga relíquia de biotecnologia alienígena, que o escolhe para ser seu hospedeiro simbiótico. CENTERPLEX MAG 3: 15h30 (dub.) - 18h15 (dub.) - 21h (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 14h30 (dub.) - 17h15 (dub.) - 20h15 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE: 13h45 (dub.) - 16h30 (leg.) - 19h15 (dub.) - 22h (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 15h15 - 18h15 - 21h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 13h45 - 16h30 - 19h15 - 22h; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 17h30; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 14h05 - 18h20; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 16h15 - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 14h05 - 18h20; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 16h15 - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 5 (leg.): 17h30.

FALE COMIGO (Talk to me. Austrália e Reino Unido. Dir.: Danny Philippou e Michael Philippou. Terror. 16 anos). Grupo de amigos descobre uma mão embalhada que lhes permite conjurar espíritos. Viciado na emoção, um deles vai longe demais e abre a porta para o outro mundo. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: 14h45 (dub.) - 17h (dub.) - 19h30 (dub.) - 21h45 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 14h15 (dub.) - 16h15 (leg.) - 18h30 (dub., exceto sáb.) - 20h45 (leg., exceto sáb.) - 21h10 (leg., sáb.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 14h45 - 17h - 19h30 - 21h45; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 15h40; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 16h30 - 20h45; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 14h25 - 18h40; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 16h30 - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 14h25 - 18h40; CINE SERCLA PARTAGE 5 (leg.): 15h40.

METALLICA M72 WORLD TOUR (EUA. Dir.: Gene McAnuliffe. Musical. 14 anos). Show da turnê da banda de Rock Metallica. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (leg.): 17h30 (sáb. e seg.) - 21h (sáb. e seg.).

TEMPOS DE BARBÁRIE - ATO I: TERAPIA DA VINGANÇA (Brasil. Dir.: Marcos Bernstein. Suspense. 14 anos). Durante uma tentativa de assalto, a filha de uma advogada (Cláudia Abreu) é baleada e fica em estado grave. Sem respostas, a mãe tenta seguir a vida buscando ajuda em grupos de apoio. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 16h20 - 21h (exceto sex. e sáb.).

VAI TER TROCO (Brasil. Dir.: Mauricio Eça. Comédia. 10 anos). As domésticas Tonha (Evelyn Castro) e Zildete (Nany People) armam um plano para ter os pagamentos atrasados pelos patrões, que, mesmo alegando estarem falidos, ainda frequentam festas da alta sociedade. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 14h10 - 19h; CINE SERCLA TAMBIA 1: 16h30 - 18h20 - 20h10.

PRÉ-ESTREIAS

Serviço

• Funes [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira [Box] [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

RECONHECIMENTO

Luz sobre Luzia Teresa dos Santos

Espetáculo de atriz paulista homenageia a contadora de histórias de Guarabira, falecida em 1983

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

Impressionada com o fato de a contadora de histórias paraibana Luzia Teresa dos Santos (1909 – 1983) ser uma recordista, com o registro de 242 contos narrados, e, apesar disso, ainda estar no anonimato, a contadora de histórias e atriz paulista Emilie Andrade decidiu montar um espetáculo com o objetivo de resgatar a vida e a obra dessa figura da cultura popular. O resultado é a peça intitulada *A Casa de Luzia*, cuja estreia ocorreu no dia 15 de julho passado, na Casa da História, na cidade de São Paulo, e tem trilha sonora original assinada por outra paraibana, a DJ e cantora Luana Flores. Embora atue sozinha no palco, a artista não considera que seu trabalho seja um monólogo, e sim “um espetáculo de contação de histórias, ou narração artística”. Em entrevista, Emilie Andrade contou que planeja apresentar a peça na Paraíba em 2024, com previsão de iniciar pela capital, João Pessoa, e, depois circular pelo interior do Estado.

“Do jeito que eu senti a necessidade de ir até a Paraíba para realizar pesquisa para o espetáculo, para que ganhasse mais cor, a partir do encontro com os conterrâneos da Luzia Teresa dos Santos, que nasceu na cidade de Guarabira, também sinto a necessidade de levar o espetáculo para a Paraíba, com o objetivo de sentir de perto a reação das pessoas e construirmos, juntos, o espetáculo, porque onde tenho apresentado também converso e mantenho interação com o público. A atriz afirma que a ideia não é imitar e nem fazer uma interpretação de como Luzia seria, mas, através do ofício de contar, fazer o resgate da história e da impressionante memória que tinha, por ter conseguido contar o maior número de histórias que sabia e como as expressava. No entanto, para poder concretizar o projeto de circular com a peça pela Paraíba, comentou que precisa obter financiamento por algum edital federal, para cobrir os custos com o deslocamento e outras despesas.



Atriz Emilie Andrade esteve na PB realizando pesquisa

Emilie assina a narração e a criação do espetáculo *A Casa de Luzia*, que começou a elaborar, sob a orientação da atriz Juliana Jardim, em março passado e concluiu três meses depois. “Eu terminei o trabalho em pouco tempo por se tratar de um tema que já vinha pensando há alguns anos. A parceria de Juliana também foi importante, pois ela me fazia perguntas, me provocava e



Fotos: Gabriel Metzner

Estreia aconteceu em julho, em São Paulo, e objetivo da atriz Emilie Andrade é receber incentivo para apresentar o espetáculo na Paraíba em 2024

sugeriu caminhos durante as nossas reuniões, algumas presenciais e outras virtuais”, disse a atriz, que mora em São Carlos (SP) e tem formação em teatro pela Universidade São Judas Tadeu, na capital paulista, especialização na técnica Klaus Vianna pela PUC de São Paulo, e realiza o projeto ‘Sementeira: Histórias Semeiam Mundos’. A produção da peça é de Morena Carvalho e cenário de Alício Silva.

Pesquisa

O trabalho de pesquisa de Emilie Andrade para criar o espetáculo – que inclui uma imersão no arquivo sobre Luzia Teresa no Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular (Nuppo), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa –, foi desenvolvido com financiamento coletivo. A montagem está sendo realizada com verba do Programa de Ação Cultural (ProAC), da Secretaria de Cultura e Economia Criativa de São Paulo.

como títulos *O contador de histórias*, *A onça e o macaco*, *O sonho de Isaque* e *Maria dois olhos*. E tem mais uma história, que é uma invenção, onde peguei um trecho de poema de Manoel de Barros e adaptei para contar o fim da vida dela, onde uma árvore surge no porão e vai crescendo tanto que rompe o piso e o telhado da casa e Luzia morre nessa árvore. A história-moldura, o contorno das cinco histórias, é essa visita que imaginei à casa de Luzia, na qual penso que perguntas fariam a ela, que histórias eu ouviria dela e vou relatando isso para o público e, em certo momento, mostro uma foto dela para que seja identificada pelo público. O espetáculo segue três linhas de trabalho: a primeira são os contos, a segunda a vida de Luzia e a terceira são algumas reflexões minhas sobre o ofício de contar histórias”, comentou Emilie.

Admiração

A atriz paulista ressaltou as altas capacidades da paraibana Luzia Teresa dos Santos. Diz que, apesar de não saber ler nem escrever, Luzia tinha uma memória prodigiosa e alta qualidade na contação de histórias. Com esse encontro imaginário entre duas contadoras de histórias de lugares e tempos diferentes, a atriz joga luz na obra de quem considerava “uma mulher extraordinária, pessoa humilde com imenso talento”. “Sua casa é, para ela, um lugar de conquista e pertencimento”, afirmou Emilie, lembrando que Luzia foi colocada para fora de casa por um enteado, após a morte do marido.

Emilie Andrade lembrou que o primeiro contato com a obra de Luzia Teresa dos Santos ocorreu em 2012. “Naquele ano comprei três livros reunindo contos narrados por Luzia, organizados pelo professor, historiador, escritor e dramaturgo alagoano Altmar Pimentel (1936 – 2008) e publicados pela editora TheSaurus. Esses contos foram gravados em áudio por Luzia para o Nuppo, da UFPB. E em

um curso para contadora de histórias, em São Paulo, já haviam me apresentado a obra de Luzia. À medida que eu lia e me aprofundava no universo de Luzia Teresa seguia questionando o anonimato dessa gigante. Será por causa da desvalorização das manifestações populares? Da oralidade? Da arte de contar histórias? Então, disse comigo mesma que precisava contar a história dela. Luzia é a corporificação do mito de Sherazade, comparação feita pelo

professor Altmar Pimentel que também reproduzo. Não há notícia de contadores de histórias que a tenha superado em número de contos populares”, afirmou a atriz.

Ela conta que quando veio à Paraíba, em 2019, ficou hospedada na casa da DJ Luana Flores. “Eu me impressionei vendo-a tocar. Disse a ela, na ocasião, que gostaria que fizesse a trilha sonora para o espetáculo que eu estava pensando realizar. Quatro anos depois, mantive contato no-

vamente com Luana para informar que o projeto ia rolar e perguntei se ainda queria fazer a trilha original e ela concordou. Luana foi a minha ponte viva com a Paraíba e me ajudou não só com alguma palavra para a narrativa da montagem, no sentido de me esclarecer se determinada palavra ainda era usada, mas também com a sua trilha para o espetáculo, que une a música eletrônica com os ritmos populares, como coco e maracatu”, relatou Emilie Andrade.

BIOEXTRATUS apresenta
COSMÉTICOS NATURAIS

**MARINA ELALI
E O MAESTRO
EDUARDO LAGES**

**SUCESSOS
DO REI**

JOÃO PESSOA (PB)

**25 DE AGOSTO | Sexta às 20h
TEATRO PAULO PONTES**

VENDAS ON-LINE: **10** Ingresso Digital.com PUNTO DE VENDA: **via mia** SHOPPING LIV MALL (83) 2177-2341



O Arco Metropolitano possibilitará a ligação direta entre as BRs 230 e 101, encurtando distâncias e proporcionando maior mobilidade para os motoristas que trafegam na Grande João Pessoa

INVESTIMENTOS

Arco será a 1ª obra do PAC na capital

Informação foi confirmada pelo secretário de Infraestrutura, Recursos Hídricos e Meio Ambiente, Deusdete Queiroga

Pettronio Torres
pettroniotorres@yahoo.com.br

O Arco Metropolitano da Grande João Pessoa será a primeira obra do Governo João Azevêdo a iniciar com recursos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). A informação foi confirmada pelo secretário de Infraestrutura, Recursos Hídricos e Meio Ambiente, Deusdete Queiroga. A obra terá início em outubro deste ano.

“O Arco Metropolitano da Região Metropolitana da capital paraibana já está na fase final de licitação e deve começar em outubro deste ano”, confirmou o secretário Deusdete Queiroga.

O Arco Metropolitano de João Pessoa está entre as 11 das 12 obras elencadas como prioritárias pelo Governo do Estado, em evento de lançamento do PAC, na sexta-feira, dia 11, no Rio de Janeiro.

As demandas apresentadas pelo chefe do Executivo da Paraíba e acolhidas pelo Governo Federal incluem a continuidade das obras de triplicação da BR-230 entre Cabedelo e Oitizeiro; a duplicação da BR-230 de Cam-

pina Grande à Praça do Meio do Mundo; o projeto da duplicação da BR-230, da Farinha a Cajazeiras; e a construção do Arco Metropolitano de João Pessoa.

As outras obras são a construção do Hospital de Clínicas e Traumatologia do Sertão; o sistema adutor do Brejo, que irá atender aos municípios de Esperança, Remígio, Arara, Casseangue, Solânea e Bananeiras; a segunda etapa do sistema adutor TransParaíba - Ramal Curimatá; e a barragem Cupissura para abastecer a Região Metropolitana de João Pessoa estão entre as obras solicitadas pelo governador João Azevêdo e atendidas pelo presidente Lula.

Também foram assegurados recursos para a 3ª adutora de água bruta e ampliação da Estação de Tratamento de Água de Campina Grande; a conclusão do canal Acauã-Araçagi; e o projeto para a construção do terceiro eixo da Transposição do São Francisco, o Ramal Piancó.

O secretário de Orçamento e Gestão do Governo da Paraíba, Gilmar Martins, explicou que as 11 obras que terão recursos do Programa de Aceleração

do Crescimento terão recursos de várias fontes.

“As obras do PAC contemplam recursos de várias fontes: aporte de capital empresas estatais, OGU, Financiamento e Parceria Público Privadas. No caso da Paraíba, parte serão executadas diretamente pelo Governo Federal, através do Orçamento Geral da União e outras serão executadas pelo Estado via OGU ou Financiamento, com garantia da União”, explicou Gilmar Martins.



O Arco já está na fase final de licitação e deve começar em outubro deste ano

Deusdete Queiroga



Secretário Deusdete Queiroga assina documentos com o testemunho do governador João Azevêdo

Novo programa federal vai investir mais R\$ 1,7 trilhão em todo o país

O Novo PAC, lançado pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no último 11 de agosto, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, vai investir R\$ 1,7 trilhão em todos os estados do Brasil.

Os investimentos previstos no Novo PAC com recursos do Orçamento Geral da União (OGU) somam R\$ 371 bilhões; o das empresas estatais, R\$ 343 bilhões; financiamentos, R\$ 362 bilhões; e setor privado, R\$ 612 bilhões. O Novo PAC está organizado em Medidas Institucionais e em nove Eixos de Investimento.

A forte parceria entre Governo Federal e setor privado, estados, municípios e movimentos sociais é uma das principais marcas do novo programa para gerar emprego e renda, reduzir desigualda-

des sociais e regionais em um esforço comum e comprometido com a transição ecológica, neointustrialização, crescimento com inclusão social e sustentabilidade ambiental.

As Medidas Institucionais são um conjunto articulado de atos normativos de gestão e de planejamento que contribuem para a expansão sustentada de investimentos públicos e privados no Brasil. São cinco grandes grupos: Aperfeiçoamento do Ambiente Regulatório e do Licenciamento Ambiental; Expansão do Crédito e Incentivos Econômicos; Aprimoramento dos Mecanismos de Concessão e PPPs; Alinhamento ao Plano de Transição Ecológica; e Planejamento, Gestão e Compras Públicas.

O Novo PAC incluiu novos eixos de atuação como a

inclusão digital e conectividade para levar internet de alta velocidade a todas as escolas públicas e unidades de saúde. Além de expandir o 5G vai levar rede 4G a rodovias e regiões remotas. Investimento total: R\$ 28 bilhões.

■ O Novo PAC está organizado em Medidas Institucionais e em nove Eixos de Investimento

Recursos para outros projetos já estão garantidos para liberação

O ministro do Desenvolvimento Regional, Waldez Góes, que esteve na última quarta-feira, dia 16, inaugurando a primeira etapa do canal Acauã-Araçagi, confirmou que já existe dinheiro liberado para a Paraíba dentro do PAC.

Ele ressaltou o restante de toda a obra do canal de Acauã-Araçagi, referente as outras duas etapas que faltam para a sua conclusão, os lotes dois e três, já

estão com recursos garantidos. Na etapa dois, por exemplo, que deve ser entregue até o final deste ano, o valor de R\$ 400 milhões já está na conta do Governo do Estado.

O ministro lembrou que obras como a de Acauã-Araçagi, tidas como de segurança hídrica, são prioritárias dentro do PAC e tem a ‘simpatia’ do presidente Lula. E não só na Paraíba, mas em todo o país.

“Os recursos para todos os projetos de segurança hídrica para o Estado da Paraíba foram contemplados. Os demais, não há nenhum problema de ser contemplado, o PAC é dinâmico, não é estático, a gente parte de uma realidade fiscal e a medida vai melhorando, a gente vai incluindo novas obras nesse teto fiscal. Mas os 11 projetos estão garantidos no PAC”, explicou e garantiu o ministro.

ALERTA AO SUPREMO

Senadores: “Congresso é quem decide sobre drogas”

Julgamento no STF sobre a descriminalização motivou debate no Senado

Agência Senado

No mesmo dia em que o Supremo Tribunal Federal (STF) retoma o julgamento do processo que discute a descriminalização do porte de drogas para consumo próprio, senadores e especialistas foram unânimes em defender que o Congresso Nacional é o único poder responsável e legítimo para promover mudanças na Lei de Drogas no Brasil (Lei 11.343, 2006).

O tema foi abordado em sessão temática no plenário do Senado, na quinta-feira (17), e evidenciou as manifestações contrárias aos votos já proferidos pelos ministros da Corte até o momento.

Para o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, que já tinha se colocado contra a discussão do tema pelo STF, o assunto é complexo, transversal e qualquer mudança na legislação deve ser liderada pelo Legislativo, único lugar próprio e com legitimidade para o tratamento jurídico do tema. Segundo ele, o Congresso reúne a competência para ouvir todos os Poderes e a sociedade civil.

O julgamento no STF começou em 2015, foi retomado em 2 de agosto deste ano, foi suspenso novamente e deve seguir nesta quinta. Até agora, os ministros Luíz Rober-



Foto: Roque de Sá/Agência Senado

Senadores e especialistas discutiram a descriminalização das drogas, que é julgada pela STF

to Barroso, Edson Fachin, Gilmar Mendes e Alexandre de Moraes votaram a favor de alguma forma de descriminalização do porte de drogas para consumo pessoal no país. Na última sessão, Alexandre de Moraes votou para que não seja considerado mais o crime do porte de maconha para consumo pessoal.

Traficante x consumidor

O autor do requerimento para realização do debate, senador Efraim Filho (União-PB), se somou às críticas do presidente do Senado. Na avaliação dele, o tema exige coragem e lucidez do Congresso para que suas competências não sejam

atropeladas por outro Poder. O senador ainda levantou aspectos técnicos que, segundo ele, devem ser levados em consideração além da quantidade de droga apreendida. Entre as dúvidas elencadas por ele está a manutenção da equiparação entre tráfico de entorpecentes e crimes hediondos e a complexidade de se definir um critério objetivo para diferenciar consumidor de traficante.

A mesma dúvida foi manifestada pelo promotor de Justiça do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (TJDFT), José Theodoro Corrêa de Carvalho. Ele alertou que, durante toda a sua atuação no Judiciário, tem obser-

vado que os traficantes usam estratégias para não serem flagrados e presos, limitando-se ao transporte de pequena quantidade de droga para evitar problemas maiores com a polícia e a Justiça.

O senador Sérgio Moro (União-PR) concordou com o promotor. Ele disse que atualmente o tráfico se constitui em uma cadeia muito organizada que consegue se adaptar a essas alterações, como a que vem sendo ventilada pelo STF. Moro defendeu que outros indícios sejam levados em consideração para diferenciar traficante e consumidor, além do critério de quantidade de droga para o porte.

Professor: “Mobilização contaminou o Supremo”

Na opinião do coordenador da Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas da Universidade Federal de São Paulo, professor Ronaldo Laranjeira, a mobilização de ativistas a favor da descriminalização das drogas contaminou a discussão no STF. Para ele, os primeiros votos já proferidos até o momento estão em descompasso com as opiniões das famílias brasileiras sobre o assunto e também com a ciência. Ele citou pesquisa coordenada por ele junto a famílias brasileiras segundo a qual 85% dos entrevistados são contrários a qualquer liberalização de entorpecentes. Os senadores Marcos Rogério (PL-RO) e Jorge Seif (PL-SC) também expuseram a mesma visão.

“A Constituição vai determinar que todo poder emana do povo que o exerce por meio dos seus representantes legítimos, legitimamente eleitos. Portanto, o poder originário, central, absoluto está com o povo. E a delegação para a representação, para o exercício desse poder, está dentro desta Casa, do Congresso Nacional, Senado e Câmara”, argumentou Marcos Rogério.

Em outra frente, os senadores Esperidião Amin (PP-SC) e Cleitinho (Republicanos-MG) defenderam a realização de um plebiscito sobre o assunto.

“Eu não tenho dúvida de que mais de 80% da so-

ciade brasileira não aprova medidas de liberação, especialmente porque nós não temos condições de controlar essas medidas sofisticadas de micropeso. Por isso eu acho que é oportuno que nós deliberemos, e acho que é necessário que o que for decidido ou que venha a ser decidido seja submetido à consulta popular sob a forma de plebiscito. Plebiscito é uma consulta que se faz previamente, ou sob a forma de referendo, que, como o nome diz, significa aprovação da sociedade para aquilo que nós acharmos que é o certo”, alegou Amin.

Zequinha Marinho (Podemos-PA), Magno Malta (PL-ES) e Eduardo Girão (Novo-CE) criticaram a postura do STF. No entendimento deles o Supremo está “degradando” uma geração e comprometendo o futuro do país. De acordo com os senadores, o país não possui políticas públicas e programas para lidar com as consequências da descriminalização. Caso o STF julgue pela legalização do porte da maconha, defendeu Magno Malta, o Congresso terá que reverter essa posição.

“Não vamos entrar no mérito, o mérito que tem que haver é o seguinte: em se exacerbando lá, nós temos a competência de criar algo aqui o instrumento que anula aquilo que vai se decidir do lado de lá”, acrescentou Magno Malta.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Tijolinhos do Mozart

No dia 18 de agosto, sexta-feira passada, participei da cerimônia de fundação e posse dos membros da Academia Bananeirense de Letras e Artes. Velhos e moços artistas, gente de outros tempos como eu e figuras jovens, poetas, compositores, músicos, contadoras de histórias, bailarinas, sanfoneiros e escritores. Até um mestre do teatro popular de bonecos tem assento na recém-fundada agremiação. Trata-se de uma miscelânea onde faço o papel de representante do cordel brasileiro. Eu que sou morador dessa bela cidade há apenas três anos, quão pouco sei de sua paisagem humana e sua cultura! Assim mesmo já produzi cinco folhetos bananeirenses, numa secreta tentativa de parecer caseiro e íntimo do meu semelhante, vizinho e irmão, agora meus confrades e congreiras da Academia.

Agradeço ao produtor cultural Joilson Custódio, Secretário de Cultura, pelo convite. Na posse, lancei o folheto “ABC da Academia Bananeirense de Letras e Artes.

Em novembro sai o tão aguardado “Livro proibido de Vavá da Luz”, onde ele se apresenta: “Amados irmãos e queridas irmãs da igreja fescenina de Vavá da Luz, sejam bem-vindos ao meu livro. Neste desprezível e fescenino livrinho, pretendo apresentar ao público desavisado meus poemas, contos e aventuras no mundo louco da santificação plena dos prazeres da carne”. Antes, Vavá aparece na coletânea “Cem anos do Pavão Misterioso”, que está sendo editado pela Universidade Estadual da Paraíba. Os organizadores da antologia pediram veladamente ao poeta fescenino para moderar nas palavras ditas chulas. Há cinco anos, lancei o folheto “A verdadeira história fescenina das pedras do Ingá”, tendo Vavá da Luz como defensor daquele sítio histórico. Teve quem clamasse pela volta da censura, em insidioso processo de histeria moralista. E quando publiquei o “Dicionário Vavá da Luz de Safadezas e Ideias Afins”, onde as safadezas abundam, se é que me entendem, um pastor clamando no deserto pregou que “o folheto é de tal forma desviador das virtudes morais que o autor merece queimar nos quintos dos infernos por toda a eternidade e mais dois feriados santos, na companhia indecorosa do seu compadre Vavá da Luz, inspirador do tal cordel”. Imaginem o que vem por aí com a edição da nova pasquinada poética indecente!

“O poeta Vavá da Luz, de Ingá, é o único Secretário de Turismo da Paraíba que vai dar expediente no seu cavalo. “Em vez de dar ‘cavalo de pau’ na rua com carrões envenenados, eu sigo galopando no meu alazão, sem poluir a natureza e curtindo as belezas de minha terra”, disse Vavá da Luz. No caminho para a Secretaria, que fica no complexo turístico da Pedra do Ingá, Vavá passa pela Ponte Preta, construída no século 19 para escoar o “ouro branco”, o algodão que deu a Ingá o título de segundo maior produtor do mundo. Amante da natureza e guardião do meio ambiente, Vavá da Luz mora em uma fazenda urbana, a Senzala, na entrada de Ingá, onde cria cavalos e conserva peças históricas do tempo da escravidão. “Se o cavalo passar ariado, eu monto e fundo o museu de Ingá, com o material que já tenho em minha propriedade”, afirmou Vavá, conhecido pelo seu bom humor e seu talento poético.

Ainda sobre academias: a Academia de Letras e Artes de Sapé criou uma Cadeira cujo patrono é meu pai, jornalista e escritor Arnaud Costa.

O Coletivo Anumará abriu uma sala no Shopping Sul, em João Pessoa. Fomos convidados para fazer feira de livros e exposição de cordéis.

Um basbaque nas tais redes sociais: “Nunca precisei de artista, e sim de médicos, professores, agricultores, mecânicos...” Nietzsche: “A arte é mais poderosa que a Ciência, pois ela quer a vida, enquanto o objetivo final do conhecimento é o aniquilamento”.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ARBORIZAÇÃO URBANA – SBAU

EDITAL DE CONVOCAÇÃO ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

A Sociedade Brasileira de Arborização Urbana – SBAU, CNPJ nº 68.707.868/0001-60 com base no disposto do Art. 10, inciso III, IV, V e VII e no parágrafo 1º, incisos III e V de seu estatuto, convoca seus associados para a Assembleia Geral Ordinária, a se realizar no dia 20 de setembro de 2023, durante a realização do XXV Congresso Brasileiro de Arborização Urbana, IV Congresso Ibero-americano de Arborização Urbana, II Congresso Mirim de Arborização Urbana e do XIII Campeonato Brasileiro de Escalada em Árvores na ACEMA – Associação Cultural e Esportiva de Maringá, Avenida Kakogawa nº 50 – Parque das Grevilleas, Maringá-PR, CEP 87025-000, durante a realização do XXV Congresso Brasileiro de Arborização Urbana e IV Congresso Ibero-americano de Arborização Urbana, II Congresso Mirim de Arborização Urbana e do XII Campeonato Brasileiro de Escalada em Árvores, às 17h30min., com maioria absoluta dos associados ou às 18h00min. com qualquer número, para deliberar sobre os seguintes tópicos: 01) Apresentação das alterações do Estatuto SBAU; 02) Apresentação da Proposta de Regimento Interno do Campeonato Brasileiro de Escalada em Árvores – CBEA; 03) Apresentação da Prestação de Contas do exercício 2022; 04) Exposição das ações e conquistas no período desta Gestão; 05) Indicação ou eleição da cidade para realização em do XXVI CBAU, V CIAU, III CBAU MIRIM e do XIV CBEA; 06) Eleição da Diretoria e do Conselho Fiscal (Triênio 2024/2025/2026); 07) Assuntos gerais.

João Pessoa, 20 de agosto de 2023.

Sindolfo Sérgio de Vasconcelos Costa Chaves
Presidente da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana - SBAU

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ARBORIZAÇÃO URBANA – SBAU

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA ELEIÇÃO DA DIRETORIA EXECUTIVA E DO CONSELHO FISCAL E NOMEAÇÃO DE COMISSÃO ELEITORAL

O Presidente da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana – SBAU, CNPJ nº 68.707.868/0001-60 com base no disposto do Art. 23, do Estatuto Social: CONVOCA seus associados para a realização da Eleição da Diretoria Executiva e do Conselho Fiscal para a gestão 2024/2025/2026, a se realizar no dia 20 de setembro de 2023, na ACEMA – Associação Cultural e Esportiva de Maringá, Avenida Kakogawa nº 50 – Parque das Grevilleas, Maringá-PR, CEP 87025-000, durante a realização do XXV Congresso Brasileiro de Arborização Urbana e IV Congresso Ibero-americano de Arborização Urbana, II Congresso Mirim de Arborização Urbana e do XII Campeonato Brasileiro de Escalada em Árvores, às 17h30min., com maioria absoluta dos associados ou às 18h00min. com qualquer número de associados; NOMEIA a Comissão eleitoral para conduzir o processo, nos seguintes termos:

1. DA COMISSÃO ELEITORAL

1.1. A Comissão Eleitoral será composta pelas seguintes pessoas:
Presidente: José Ricardo Martins da Silva
Vice-Presidente: Fernanda Buffleben Colovini
Secretário: Arnaldo Bezerra de Menezes

2. DA INSCRIÇÃO DAS CHAPAS

2.1. São aptos a integrem as chapas os associados inscritos na entidade e que estejam com as suas contribuições sociais em dia até a data do registro da chapa ou da candidatura.

2.2. As chapas devem ser registradas até 15 (quinze) dias antes da eleição, junto à Diretoria Executiva, conforme disposto no Artigo 23 do Estatuto Social, devendo encaminhar a inscrição via e-mail: arnaldoarboriza@gmail.com

2.3. É necessário que os associados estejam quites com suas obrigações financeiras junto à tesouraria até a data do registro da chapa.

3. DOS ELEITORES

3.1. São eleitores aptos a exercer o seu direito a voto, os Associados devidamente registrados na Sociedade Brasileira de Arborização Urbana e que estejam em dia com a contribuição social até a data da eleição.

3.2. O Associado apto a votar terá direito apenas a um voto.

4. DO PROCESSO ELEITORAL

4.1. A votação ocorrerá de forma presencial e nominal durante a Assembleia Geral da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana, podendo a Assembleia Geral aclear, caso seja inscrita somente uma chapa.

4.2. Após a votação será declarada eleita a chapa que obtiver a maioria simples dos votos.

5. DOS RECURSOS

5.1. As chapas poderão interpor recursos à Comissão Eleitoral no ato, devendo eles serem analisados de imediato;

5.2. As situações não previstas neste Edital de Convocação serão objetos de decisão exclusiva da Comissão Eleitoral.

6. POSSE E MANDATO

6.1. A Diretoria eleita tomará posse no dia 01 de janeiro de 2024, quando iniciará o mandato de três anos.

João Pessoa, 20 de agosto de 2023.

Sindolfo Sérgio de Vasconcelos Costa Chaves
Presidente da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana - SBAU

Antônio Gonçalves de Sá (Tonio)

A arte pelas mãos e o não ao digital

Uma história que começou sem nenhum conhecimento e mudou a vida profissional por causa do talento

Luiz Carlos Sousa
lulajp@gmail.com

O trabalho de Antônio Gonçalves de Sá, o Tonio, é tão espetacular que Gonzaga Rodrigues perguntou, certa vez, se ele era de outro planeta. Tonio é caricaturista, ilustrador, artista plástico, pintor, produziu inúmeras capas de livros e tem muita história com **A União**. Nessa conversa, ele contou sobre o jovem de 22 anos que gostava de desenho e chegou ao setor de artes totalmente inexperiente. Aprendeu os segredos da gráfica e se tornou um dos ilustradores mais respeitados da Paraíba. Também fala sobre a opção de não aderir ao computador e à tecnologia para fazer o seu trabalho e sobre os planos de promover uma exposição de pinturas em telas ainda este ano.



Fotos: Edson Matos

Tonio chegou ao jornal totalmente inexperiente e teve em **A União** uma escola profissional exemplar

Entrevista

■ **Uma curiosidade: você começou n'A União quando? Quando foi que você entrou pela primeira vez por aqui?**

Foi no final de 1975. Eu trabalhava na Interplan, e Marco Tenório trabalhava no setor de arte. Ele viu meus trabalhos e disse que eu deveria ir para **A União**, que era um bom lugar para começar. Então eu vim com ele para cá.

■ **Quem é que estava aqui nessa época?**

Final de 75. Zé Souto, Barreto, Afrânio Bezerra. Zé Souto era muito amigo de Milton Nóbrega, que eu não conhecia, só a fama. Ele trabalhava no Recife, Zé Souto foi lá e o chamou para trabalhar aqui. Quando chegou aqui mudou. O setor de arte era eu e só Tenório que era experiente. Tinha Osias, Zé Carlos, tinha uns outros. Aí Milton fez um teste com a turma lá, limpou, e ficou só. Ele disse: "Esse menino eu quero, que eu já conhecia o trabalho dele na Interplan. E eu acho que ele tem futuro". Aí a gente começou junto aqui.

■ **Você começou no trabalho gráfico?**

Fazia tudo: livro, cartazes. Ilustração eu fiz com o tempo, mostrando meu trabalho. Aí me convidaram para fazer algum trabalho para o jornal. Eu comecei a fazer 'O Pirralho', aquela revista que Wilma Vanda editava.

■ **Mas essa chegada n'A União, você foi trabalhar na gráfica, começou a trabalhar com livro, paginação, essa coisa toda. E sempre foi trabalho manual?**

Naquele tempo não tinha ajuda de computador. Até para paginar o livro, a gente pegava a matéria completa, de dois metros, saía recortando, manual, aí colava e colocava o "numerosinho", saía colando, página por página. Era um trabalho "arretado". E tinha que saber. Às vezes, umas páginas ficavam, iam cortar uma continuação da história. Não podia terminar em duas letras do outro lado? Duas linhas, ficava feio. A primeira paginação que eu fiz eu errei todinha. Milton me chamou a atenção. "Isso aqui fica feio". Mas tava completo, eu vou fazer o quê? Tem que abrir mais as matérias, até completar o tamanho da página, que era, geralmente, 15x11. Tinha que tirar aquela "linhazinha" para botar para cá, para terminar o capítulo dentro da página mesmo, não podia continuar só duas



“

Eu passei uns três anos fora de A União, mas o resto eu estava aqui dentro, tem quase 50 anos

Tonio

linhas na outra página. Aí comecei a aprender e tomar gosto.

■ **Nessa brincadeira já são quantos anos desde 1975 para cá?**

Eu passei uns três anos fora de **A União**, mas o resto eu estava aqui dentro, até hoje, tem quase 50 anos, né? Eu comecei com 22 anos. Teve um tempo que tinha um menino colocando uma plaquinha de patrimônio, ele brincou e quis colocar uma em mim. Isso faz tempo. Faz 20 anos, imagina agora.

■ **Você chegou a desenvolver uma amizade especial com alguma dessas pessoas que trabalharam com você n'A União?**

Claro, tenho bons amigos aqui, Milton era amigo. Gostava de mim para caramba. Ele me poupava de certos trabalhos mais pesados. Ele gostava muito do meu trabalho. Foi um tempo

bom com Milton, era muita gente que vinha, muito trabalho de agência, era tudo vindo parar aqui, não tinha muita agência de publicidade.

■ **Você foi autodidata, aprendeu fazendo mesmo ou chegou a fazer algum curso de desenho?**

Não. Eu devia ter feito, né? Porque às vezes o cara melhora. Eu fui, aos poucos, lendo muito gibi, muito livro, olhando no traço do gibi, da revista, para pegar. Até hoje eu fico, 'consegui fazer esse sombreado, essas coisas'. Eu devia ter estudado mais um pouquinho, feito um curso de desenho e sombreado para aprender mais rápido. Sozinho é muito difícil

■ **E esse processo de mudanças, você trabalhou em todos os sistemas sem problema nenhum?**

Fazia tranquilo. A gráfica se resumia mais em departamento de arte, de cartazes, livros e folder. Tinha muita coisinha que a gente fazia, era difícil ter ilustrações, as pessoas usavam muita foto.

■ **Lembra do primeiro trabalho?**

Eu me lembro que quando Milton chegou eu estava fazendo um cartaz com um festival de violão de cantadores. Eu desenhei um violão de fundo, e só a silhueta do violão. Milton chegou e não mudou em nada e finalizou. Milton fez questão de mostrar, dizer que ficou legal. Eu fiquei impressionado. Foi o primeiro elogio.

■ **Quando você chegou, quem dirigia A União?**

Zé Souto, Murilo Sena, em 1976. Estava de mudança essa turma. Gonzaga depois veio também. Ele parecia o dono daqui. Ele deveria ganhar daqui, fazia de tudo. A turma antiga daqui diz que eu sou filho de Gonzaga. Eu encontrei o filho de Gonzaga na Livraria do Luiz, aí fez: ó, teu irmão aqui, mais velho. Era o filho verdadeiro.

■ **Teve alguma história específica com Zé Souto?**

Eu fiquei de fazer uma página do jornal, para o Correio da Paraíba. Era como um teste, sabe? Para saber se eu ia conseguir fazer aquela diagramação. Aí, eu fiquei sozinho no setor de arte. Um dia, ele chegou, eu nem conhecia. Aí eu digo: deve ser importante do jeito que tá, de paletó e tudo. Ele disse:

"Boa noite", olhou assim. Eu fiquei até com medo, ele podia pensar que era um "toco", porque não era de **A União**, era do Correio da Paraíba. Eu digo, Milton me deixou fazendo esse trabalho aqui. Aí todo dia ele dava uma volta de manhã, tarde e de noite. Zé Souto era uma figura.

■ **E depois chegou a ilustrar um livro dele, não foi?**

Ilustrei o convite de diploma dele. Eu ainda não estava muito preparado porque estava começando a desenhar. Não era muito profissional. Não sabia nem usar as canetas direito, usava aquelas bico de pena que era ruim que só de trabalhar. Tinha uma caneta técnica, que só dava um traço. Aí tinha que usar o pincel, e eu não sabia, mas aprendi com o tempo. Hoje você vai na loja, tem caneta de toda espessura que você quiser, de 1 a 20. Mas graças a Deus eu aprendi com o tempo.

■ **Você começou na Interplan fazendo o quê, exatamente, porque estou vendo que você foi evoluindo, não sabia de nada?**

Eu cheguei lá, o menino mandou eu desenhar qualquer coisa. Eu fiz um desenho que ficou legal. Ele disse que foi o melhor desenho do teste. Mas para passar para a impressão, fotolito é um outro processo. Aí ficava lá retocando filme. Eu tinha uma raiva que o filme tinha muita falha, eu passava o dia todo retocando. Eu acho que todo mundo que eu conheço que é desenhista que começou em gráfica tinha que começar retocando fotolito.

■ **O primeiro livro, você se lembra? A primeira capa que você fez, que ilustrou? Lembra que eu paginei muito, mas ilustrar acho que não tinha experiência o bastante para ilustrar e ninguém me conhecia. Mas eu fiz o de Anco Márcio. Eu fiz o trabalho e ficou bom para caramba, todo mundo elogiou, Anco mandou para o Rio para Ziraldo. Eu estava começando. Aquele rapaz que faz o Menino Maluquinho. Era cantiga de ninar o nome do livro.**

■ **Quais ilustrações para livros você já fez?**

Em 1984, um dos primeiros, Carro de Osiris, de Terezinha Fialho; de Neide Medeiros, sobre a obra de Augusto dos Anjos, de 2014. Histórias do diabo, de Altimar Pimentel. Ilustrei de Zé Cavalcanti, que foi prefeito de Patos, sobre piadas. O Boi Folia, de Francisco Airton.

■ **Geralmente uma ilustração surge como?**

Se o autor puder me ajudar é bom. Eu leio o trabalho, e faço um rascunho, porque fico com medo de fazer definitiva e ele não gostar. Hoje em dia eu já faço direto, já conheço meu trabalho, meu traço, aí confiam.

■ **Você faz o desenho manualmente falando? Tracinho para o tracinho? Como vai para o processo computadorizado?**

Escaneia e faz a montagem do desenho com o texto.

■ **Você ainda não migrou para o computador?**

Não. Eu ainda não consegui. Mas deveria.

■ **Você prefere o infantil? Se identifica mais?**

Eu gosto. Passo até uns domingos fazendo quando é uma ilustração infantil.

■ **Você disse que já tentou, mas não conseguiu ir para o computador.**

Era para ter tentado mais. Acho que quando eu fui tentar estava ficando velho. Não tinha mais paciência para isso. Eu sou mais artista plástico de tela do que gráfico de computador. Meu negócio é tela, deveria ter investido mais nisso. Eu sou do tempo de Flávio Tavares quando eu comecei aqui eu fiz um desenho de cangaceiro para ilustrar a capa do livro de Adalberto Barreto. Flávio Tavares veio aqui n'A União, em 76, ele era conhecido, só para me conhecer. Mas eu não tenho muitos quadros, não tinha tempo, a gente trabalhava até aos sábados na época de Zé Souto. Eu fiquei aqui n'A União, o tempo passou, e também eu gostava. Agora estou empolgado em pintar. Estou preparando, esse ano sai um trabalho com William Costa. Vou ver se eu faço umas telas e faço uma exposição. Acho que está na hora.

■ **Você não sente necessidade de se desafiar no computador?**

Acho que não.

■ **Para fazer com mais rapidez, como seu amigo Domingos Sávio?**

Ele faz trabalhos bonitos, bom demais. Mas acho que estou me aposentando. Pintar era o que eu queria fazer mesmo.

■ **Já comprou pelo menos o material?**

Tem muito pincel lá em casa, e tela. Modéstia à parte, tenho muito. E tenho um ateliê que eu trabalho, é só tempo e vontade mesmo de fazer. Uma vez eu briguei comigo mesmo, porque não faço. Está na hora de fazer. Daqui a pouco começa a tremer o traço. Mas esse ano sai uma exposição, vou fazer esse trabalho, um álbum de preto e branco em xilogravura. Mas vou fazer na mão, com meu traço, no estilo de xilogravura.



Aponte a câmera para ter acesso a entrevista na íntegra





Messina Palmeira



Tereza Neumam Vaz, Gilberto Ruy, Leninha Gomes Queiroga, Pedro Severino, Dalva Rocha, Geraldo Moura Ramos, Auxiliadora Cardoso, Guia Araújo e Ricardo Bezerra são os aniversariantes da semana.

IMOBILIÁRIA

PARAÍBA PROPERTY

www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

CRECI 0362-J

SAO BRAZ

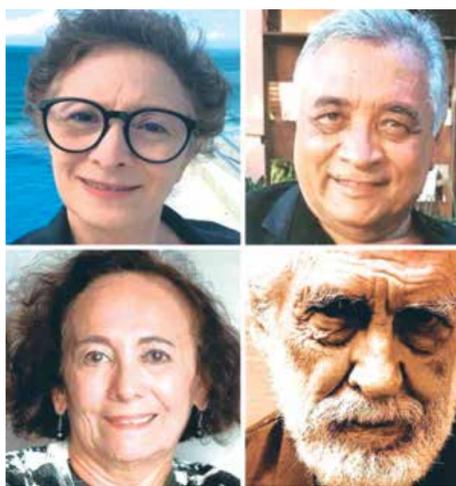
ESPRESSO SÃO BRAZ EM CÁPSULAS. EXPERIMENTE.

PARA MÁXIMO ESPRESSO

*marca de terceiro não relacionada com a São Braz.



Por meio de proposta da atuante vereadora Raíssa Lacerda, a Lei Maria da Penha, que completa 17 anos com significativos avanços, foi tema de uma sessão especial na Câmara Municipal de João Pessoa, ação que também chamou atenção para o Agosto Lilás, campanha de enfrentamento à violência doméstica e familiar contra a mulher. No concorrido evento, registrei as presenças da delegada Paula Monalisa; da presidente do Sindicato dos Guardas Municipais da Paraíba, Íris Moreira; da secretária de Política Pública para as Mulheres, jornalista Nena Martins; da coordenadora da Ronda Maria da Penha, René Gisél; da representante da Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana, Lídia Moura, dentre outras personalidades.



A Academia Paraibana de Letras, por meio do presidente Ramalho Leite, diretoria e integrantes da Casa de Coriolano Medeiros, vai realizar sessão solene, no dia 12 de setembro, para entregar a Medalha Oscar de Castro a quatro importantes personalidades da cultura da Paraíba: atriz Marcélia Cartaxo, poeta e repentista Oliveira de Panelas, atriz e escritora Zezita Matos e escritor e artista plástico Waldemar Solha.

Em meio ao crescimento no mercado imobiliário, João Pessoa recebe dia 24 de agosto a 11ª edição do Fórum Regional do Mercado Imobiliário do Nordeste (FRMI). Para Igor Santos (na foto), idealizador do evento e cofundador e diretor comercial da PSIU Educação Corporativa, o evento promete proporcionar experiências enriquecedoras para os profissionais da região.



Os poetas e escritores Everaldo Dantas da Nóbrega (foto), Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti e Wellington da Costa Machado tomaram posse na Academia Paraibana de Poesia (APL), durante solenidade na sede desta que é uma importante casa de cultura de nosso estado.



Kubitschek Pinheiro (foto), um nome de relevância no cenário jornalístico paraibano, vai festejar seu aniversário durante almoço no espetacular Oceana Atlântico Hotel, no próximo dia 15 de setembro. Claro que estarei registrando os melhores momentos para esta coluna.

Até o dia 17 de setembro, em João Pessoa, o BARA Hotel estará com a exposição "Moringas da Paraíba" aberta ao público. A mostra conta com obras dos artistas Franc Neto, Thiago Müller, Axel Arias, Felipe Meira, Rapha Siqueira e Thyty Sonally. As peças estão expostas na recepção do hotel.

Em uma iniciativa de conscientização e engajamento social, o Grau Técnico recebeu representantes da Secretaria da Mulher de João Pessoa para um encontro em alusão ao Agosto Lilás, mês de combate à violência contra a mulher. O evento reuniu alunos dos cursos de Administração e Radiologia em uma oportunidade de debater e compreender a relevância do tema.

Neste domingo, no espaço de Recepções Lovina, a advogada Ezilda Melo tem encontro marcado com advogados para mais uma confraternização muito especial da advocacia paraibana. A entrada é gratuita para a advocacia adimplente e custará R\$100,00 para acompanhantes e advocacia inadimplente.

A empresária Ana Alice inaugura no próximo dia 24 de agosto a loja Mimos de Luxo, instalada no BARA Hotel, às 19h, que se propõe a apresentar um novo conceito de moda circular que oferece alternativas para quem gosta de estar sempre elegante sem gastar muito.

Selic

Fixado em 2 de agosto de 2023

13,25%

Sálário mínimo

R\$ 1.320

Dólar \$ Comercial

-0,27%
R\$ 4,968

Euro € Comercial

-0,26%
R\$ 5,401

Libra £ Esterlina

-0,44%
R\$ 6,259

Inflação

IPC do IBGE (em %)	
Julho/2023	0,12
Junho/2023	-0,08
Maior/2023	0,23
Abril/2023	0,61
Março/2023	0,71

Ibovespa



A CÉU ABERTO

Comércio informal oferece variedade em ruas de JP

Comodidade e preços mais baixos se tornam atrativos para consumidores

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

Os comerciantes informais criam na necessidade uma oportunidade de sustento. Eles negociam seus produtos, montando seus comércios a céu aberto, sem precisar de lojas físicas. Toda a estrutura é adaptada, mas cumpre sua função de atrair os consumidores pelos critérios de preço, qualidade dos produtos e localização, estando disponíveis para compras casuais, durante o trajeto das pessoas em seu dia a dia.

Em João Pessoa, é possível encontrar comerciantes trabalhando nos grandes corredores viários da Zona Sul, funcionando como uma alternativa ao comércio do Centro ou dos *shoppings centers*. Em um canteiro próximo a uma rotatória na divisa entre os bairros de José Américo e Mangabeira, é possível encontrar mobiliário diverso à venda, a exemplo de mesas de madeira, inclusive feitas sob encomenda, ca-

deiras para jardins e piscinas, e poltronas para sala de estar.

Quem faz as vendas é a empreendedora Maria Irlândia. Os móveis ocupam uma grande área e atraem não só a população que mora ao redor, mas qualquer um que passe de carro. “O ponto é muito bom porque circula muita gente. Trabalhamos com as mesas rústicas, que meu marido produz por encomenda, conforme o gosto do cliente, e o restante do mobiliário compramos de fornecedores do Ceará”.

Maria Irlândia já perdeu as contas de quantos anos está no local. Mas a rotina é a mesma. Todos os dias, os móveis são retirados de um contêiner e expostos, sob sol e chuva. Para ela, isso só atesta a durabilidade dos móveis, que também são feitos de fibra.

Os produtos mais vendidos são as mesas de madeira com quatro cadeiras. “Vendemos bastante para lanchonetes, restaurantes e locais que comercializam açaí. Geralmente, as compras são de 10 conjuntos

de mesas e cadeiras”, explica.

Além da localização, Maria Irlândia destaca o preço como atrativo ao consumidor. “Uma cadeira do tipo ‘orelha de rato’ a gente vende por R\$ 170, enquanto numa loja popular, o valor não é menos de R\$ 200. Já uma poltrona individual vendemos por R\$ 200, mas em outro lugar pode custar R\$ 300”.

O comércio do casal vende produtos para áreas externas das residências, com maior valor agregado, como os móveis de fibra. Uma espreguiçadeira para piscina custa R\$ 700, mas em uma loja de móveis assinados por *designers*, pode superar os R\$ 2 mil. O balanço de jardim com suporte em fibra custa R\$ 2 mil.

Preço baixo

O preço baixo é o diferencial para o empreendedor Rodrigo Lima vender seus tapetes, na Avenida Hilton Souto Maior. É no local que ele e a esposa ganham a vida há seis anos e garantem o sustento da família. “O tapete de tamanho

■ Negócios são montados nos grandes corredores viários, funcionando como uma alternativa ao comércio formal

médio custa R\$ 180, mas numa loja física, o preço é de R\$ 280”, comenta. Os clientes moram no bairro e nos arredores, mas ele também vende para quem está apenas passando de carro.

Rodrigo Lima trabalhava como ajudante de pedreiro e com carteira assinada, mas o que ele ganhava não dava para pagar as contas de casa. “Eu pedi uma ajuda ao meu pai e comprei os tapetes para começar a atividade. Até agora está dando certo”, conta ele, que trabalha de domingo a domingo.



Tapetes, redes, alimentos e até móveis podem ser encontrados nos canteiros e calçadas das principais avenidas da cidade



Fotos: Ortilio Antônio

Facilidade e relação próxima com o cliente

A tenda de frutas e verduras que Antônio Carlos Pereira monta todo dia em um terreno em Mangabeira é uma opção para as compras em mercado. No seu negócio, ele também vende ovos, grãos, mel e doce de leite. Os alimentos são comprados na Empasa e o coco, que é bem vendido, vem de Camarutuba. Ele não consegue oferecer um preço abaixo do mercado, mas tem a vantagem da casualidade e comodidade.

“Eu vendo os produtos numa avenida por onde passa muita gente. As pessoas estão apressadas e não podem perder tempo indo fazer as compras. Aqui nós oferecemos essa comodidade para quem está passando”, destaca.

Quem tomava conta do local era a esposa dele, enquanto ele trabalhava em uma empresa da cidade. Com a demissão,

ele assumiu o negócio, enquanto a esposa cuida do filho pequeno do casal. “Aqui, não é todo dia que vendemos bem, mas temos um espaço e a clientela”, comenta Antônio Carlos.

Compra no cartão

Quem compra as redes de Valderi Gomes tem a opção de pagar no cartão de crédito e de receber a mercadoria em casa. O cliente antigo ainda pode dividir o pagamento. Esses são alguns dos diferenciais do empreendedor para seguir sua vida como comerciante informal, uma atividade que ele já desempenha há 26 anos.

A mercadoria vem de São Bento, a capital das redes, e atrai os turistas. “Aqui em Mangabeira, estamos longe da praia e esse também pode ser um diferencial ao consumidor, até porque nosso preço

é menor do que nos locais típicos para os visitantes”, explica.

Na alta temporada do turismo, as vendas ocorrem mais para as pessoas de fora da cidade, mas no decorrer do ano, são os vizinhos que garantem a comercialização. “Nosso produto é de qualidade e damos garantia de três meses. Então, as pessoas voltam a comprar”, conta ele, que tem a ajuda do filho.

Ao longo da Avenida Hilton Souto Maior, outros empreendedores também vendem redes, camisas e acessórios para carros, mas segundo Valderi, muitos só comercializam aos finais de semana, enquanto ele fica de domingo a domingo. “É meu meio de sobrevivência”.

Formalização

Todos os entrevistados da matéria são comerciantes informais. De acordo com a pes-

quisa “Empreendedorismo informal no Brasil 2021”, apenas 19% dos donos de negócios na Paraíba estavam formalizados. O estudo foi realizado pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), com base no processamento e análise de microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD C) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A analista técnica do Sebrae, Rosário Brito, afirma que a formalização garante mais chances de sucesso na atividade empreendedora. “Além da cobertura previdenciária, há um custo de contribuição baixo, há possibilidade de participar de licitações e ter preferência no certame. Só o fato de emitir nota fiscal abre muitas possibilidades”, reforça.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrsilva@gmail.com | Colaborador

O controle de preços dos combustíveis e seus impactos econômicos

A estratégia de controle de preços dos combustíveis, frequentemente adotada pelos governos como medida de contenção da inflação, é um tema que demanda uma análise de suas ramificações tanto na economia quanto no cotidiano das pessoas e no funcionamento das empresas. Considerando que os combustíveis compreendem uma fatia expressiva, aproximadamente 20%, do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), fica evidente que qualquer alteração no setor de transportes pode provocar impactos na estabilidade econômica e no índice inflacionário.

A iniciativa governamental de controlar os preços muitas vezes é justificada com a intenção de evitar repassar aumentos internacionais. No entanto, é crucial reconhecer que os preços estão intrinsecamente ligados a diversas variáveis globais, como a cotação internacional do petróleo, taxas cambiais e a demanda global. Ao buscar manter artificialmente esses preços sob controle, o governo se depara com o desafio de gerenciar as flutuações dos mercados internacionais, o que, por sua vez, pode ocasionar desequilíbrios e perturbações no cenário econômico. Além disso, tal intervenção pode repercutir negativamente nas finanças de estatais como a Petrobras.

Renomados economistas, como Friedrich Hayek e Milton Friedman, alertavam para os perigos inerentes ao controle de preços. Eles enfatizam a complexidade de prever e administrar os diversos fatores que moldam os preços. Friedman, em particular, ressalta os desdobramentos não esperados que a intervenção nos preços pode desencadear, desvirtuando a economia e prejudicando a eficiência. Sendo assim, qualquer alteração nos preços dos combustíveis pode repercutir substancialmente na inflação geral do país. Afinal, todos nós sentimos os efeitos das variações nos preços da gasolina e do diesel nas bombas.

Nessa dinâmica, surge uma complexidade. Quando o governo segura os preços dos combustíveis, é como tentar conter uma correnteza. Imaginem que o preço internacional do petróleo, como uma maré ascendente, começa a subir. O governo mantém os preços internos inalterados. O resultado? Uma pressão que se acumula. Até que, como o transbordar de um dique, os preços internos aumentem abruptamente, como aconteceu recentemente com a Petrobras, elevando o preço do diesel em 25,8% e da gasolina em 16,2%.

Tais mudanças repentinas impactam diretamente o orçamento das famílias e a previsibilidade no ambiente de negócios. Na esfera pessoal, o aumento brusco nos preços dos combustíveis reflete-se em nosso dia a dia, realocando recursos que poderiam ser destinados a outras áreas, como lazer e outras compras, para o abastecimento de veículos. Do outro lado, as empresas também sofrem, especialmente aquelas que dependem do transporte. Suponhamos que você seja proprietário de uma loja de roupas. Se o custo de transportar suas mercadorias aumenta, esse acréscimo será repassado ao preço final das peças, o que pode levar os consumidores a repensar suas compras.

Por fim, qualquer intervenção na economia acarreta uma série de impactos complexos. Compreender as forças naturais da oferta e demanda são essenciais. Em um cenário onde a economia se assemelha a um ecossistema complexo e dinâmico, a busca pelo equilíbrio por meio da liberdade de preços é uma premissa fundamental.

CARTÃO DE CRÉDITO

PB tem 16 mil tentativas de fraude

Valor médio dos golpes foi de R\$ 1,3 mil, no período compreendido entre janeiro de 2022 a junho deste ano

Carol Cassoli
carol.cassoli@gmail.com

A Paraíba figura entre os cinco estados com maior número de pedidos de compra realizados através de cartões de crédito no *e-commerce* nordestino, no período compreendido entre janeiro do ano passado a junho deste ano. No entanto, dos 820,7 mil pedidos feitos, 16.414 deles foram, na realidade, tentativas de golpes de, em média, R\$ 1.310. Os dados foram divulgados no Mapa da Fraude, após levantamento realizado pela empresa especiali-

Tática

A notícia sobre a fraqueza de um sistema se espalha e os fraudadores, que estão à procura do ponto mais vulnerável de um negócio, podem atacá-lo simultaneamente

zada em soluções antifraude ClearSale, e refletem o cenário das fraudes de *e-commerce* do Nordeste, segunda região com maior número de tentativas de fraude no comércio digital no primeiro semestre deste ano.

Em todo o Nordeste, foram analisados 11,3 milhões de pedidos em cartões de crédito no primeiro semestre de 2023, dos quais 2,2% eram fraudulentos. Isso significa que 226 mil pedidos eram tentativas de golpes com *ticket* médio de R\$ 1,3 mil. O Mapa da Fraude também analisou as categorias de produtos que mais sofrem tenta-

tivas de golpe na região e os eletrônicos se destacaram, com *ticket* médio em cerca de R\$ 2,3 mil. Além disso, celulares, orçados em aproximadamente R\$ 2,5 mil também estão na lista. Com o maior *ticket* entre as categorias observadas e entre os três itens de maior incidência, os produtos de informática são alvo de tentativas de compra de valor médio de R\$ 2,5 mil.

Padrões diversos

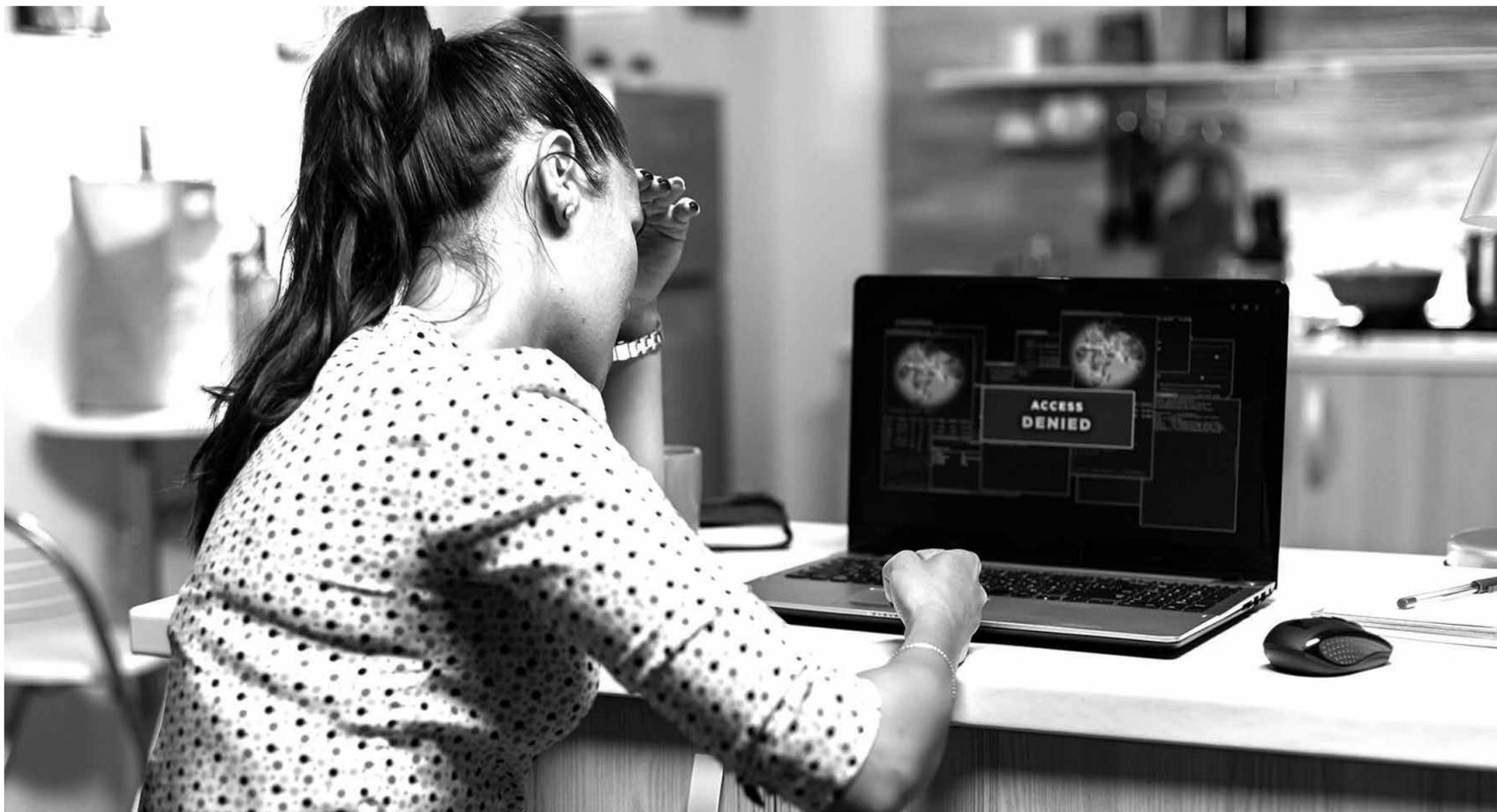
O gestor de estratégia e novos negócios da ClearSale, Marcelo Queiroz, explica que existem variadas formas para

uma fraude acontecer no *e-commerce*. "É um crime dinâmico, cometido por quadrilhas especializadas e criativas (além de muito vorazes), mas algumas formas são mais comuns, ou mesmo a base para todas as outras variações", avalia, ao explicar que existem padrões na aplicação dos golpes mais recorrentes.

Como em todos os tipos de crime, quem não toma alguns cuidados está sempre sujeito a se tornar mais uma vítima. "Os cibercriminosos de hoje são inteligentes, às vezes mais inteligentes do que sistemas de prevenção a

fraudes. Depois de identificar uma vulnerabilidade, a empresa é exposta, a palavra se espalha, os fraudadores entram em ação e os danos financeiros podem ser rápidos e desastrosos", afirma.

O gestor de estratégia e novos negócios da empresa especializada em soluções antifraude, acrescenta, ainda, que a notícia sobre a fraqueza de um sistema se espalha e os fraudadores podem atacar simultaneamente um negócio. Ou seja, os fraudadores estão sempre à procura do ponto mais vulnerável de um negócio.



Vítimas devem proteger informações pessoais através do uso de senhas fortes, do não compartilhamento de dados, do cuidado ao acessar sites desconhecidos e no uso do cartão de crédito

Educar e investir em segurança são alternativas para combater violações

Com a sofisticação do crime em ambiente digital, o presidente da Associação Brasileira de Advogados Criminalistas (Abracrim), Sheyner Asfora, afirma que é necessário não apenas se antecipar ao próximo passo dos golpistas que atuam neste terreno, mas também investir em segurança no digital.

Segundo Asfora, isso aconteceria por meio do constante investimento e aparelhamento no quesito segurança digital por parte das instituições e do Estado. "E, ainda, pela conscientização por parte da população em relação aos cuidados que se devem adotar para se prevenirem quanto às tentativas de golpes que são registradas cotidianamente".

Para Marcelo Queiroz, da ClearSale, é importante ajudar o consumidor final a ter clareza sobre como proteger os próprios dados através do uso de senhas fortes, da não repetição de senhas em diferentes contas, do não compartilhamento de dados, de cuidados com os próprios cartões e até mesmo da desconfiança ao acessar *sites*. Ações como estas, segundo ele, fazem com que os gol-

pistas enfrentem dificuldades ao tentar obter esses dados, "que são fundamentais para o êxito na hora de tentar a fraude".

"Se eles não conseguem estes dados, não conseguirão atacar o *e-commerce* se passando por bons clientes, então toda a cadeia é beneficiada. Portanto, investir na 'educação' do consumidor final nesse sentido, é, também, uma medida de proteção relevante para as empresas", garante.

Especialistas orientam

O presidente da Abracrim Sheyner Asfora avalia que, atualmente, o crime já se adaptou ao digital. Por outro lado, Justiça e legislação estão em um sistema "analogico", o que prejudica a identificação, investigação e solução de golpes virtuais. "A criminalidade praticada através do uso da *internet* está na 'onda digital', o que dificulta a sua apuração com a identificação da autoria delitiva", explica.

Na Paraíba, o Sebrae oferece alternativas para ajudar os empreendedores que atuam no digital a se blindarem de ataques. Segundo o gerente de relacionamento

Sebrae-PB oferece treinamento a empresários para reforçar a importância da certificação digital para a reputação dos negócios

digital do Sebrae-PB, João Jardimino, no portfólio de capacitação da instituição existem treinamentos sobre *marketing* digital que abordam características importantes de empreendimentos que se consolidaram através da proteção em rede. "Esses treinamentos possuem conteúdos que enfatizam a importância da certificação digital, por exemplo, e dão dicas para se aumentar a reputação da empresa a partir de pesquisas, autenticação de dois fatores, antivírus, etc. Além disso, eles orientam a não se clicar em *links* desconhecidos, questões simples, mas que ainda são causas de grande número de fraudes na *internet*", observa.

Tipos de Crimes

■ Roubo de identidade

O criminoso se passa por outra pessoa e utiliza dados da identidade de terceiros e realiza compras. Esses dados são obtidos de forma eletrônica e o dono do cartão não reconhece a compra, solicitando o reembolso. Muitas vezes, a loja só recebe essa informação após o despacho do produto e arca com o prejuízo.

■ Fraude amigável

A fraude amigável ocorre quando alguém próximo ao titular do cartão, conhecedor de senhas, dados bancários e demais informações necessárias, faz uma compra sem consentimento. Ao receber sua fatura, o titular não reconhece a compra e entra em contato com a instituição financeira do cartão para rejeitá-la.

■ Autofraude

Enquanto os demais tipos de fraudes no *e-commerce* são causados por terceiros, a autofraude é uma ação realizada pelo próprio dono do cartão. Nesse caso, ele realiza a compra *on-line* e, dentro do prazo da instituição financeira (180 dias), contesta a negociação, alegando que não fez a compra, mesmo já tendo recebido o produto.

■ Pedido de estorno

Esse tipo de golpe acontece quando o criminoso realiza uma compra no site da loja munido do cartão da vítima. No entanto, depois de receber o produto, ele entra em contato com a instituição financeira e declara ter

sido vítima de um golpe, solicitando o estorno do cartão de crédito.

■ Interceptação de mercadorias

São duas formas: a primeira é quando o responsável pelo ato altera o endereço de entrega que o comprador legítimo registrou no *site* da loja. E a segunda se dá quando o golpista toma conhecimento do momento de entrega do produto e se passa pelo destinatário, assinando o termo de recebimento em nome da vítima.

■ Controle da conta do usuário

O autor do golpe tem acesso à conta do usuário no *site* da loja *on-line*, o que permite a alteração do endereço de entrega da mercadoria, assim como a obtenção dos dados bancários da vítima, facilitando a ação dos criminosos.

■ Fraude de afiliada

É feita por uma afiliada na tentativa de gerar receita ilegítima. São criados cenários fictícios para induzir estabelecimentos comerciais a pagarem comissões a falsos afiliados.

■ Teste de cartão

Ocorre quando os criminosos utilizam as lojas virtuais para testar informações que estão em seu poder. O propósito é "testar" os cartões para descobrir se estão bloqueados ou cancelados e se os limites de crédito foram atingidos.

Fonte: ClearSale

ESTREITANDO RELAÇÕES

Paraíba e China consolidam parceria

Governador João Azevêdo lidera delegação paraibana ao país asiático, onde assinou convênios para desenvolvimento do estado

Ascom Secties

Missão Paraíba-China cumprida? Em parte. A viagem finda, mas o trabalho começa agora. Em meados de julho o governador João Azevêdo liderou uma delegação de governantes e acadêmicos da Paraíba para a China com a finalidade de consolidar parcerias em áreas estratégicas para o desenvolvimento do estado. E ainda, tratativas com empresas e universidades elevaram o radiotelescópio Bingo em construção na Paraíba a dimensões avançadas para rastrear eventos no cosmos: é o Abdus Bingo.

Entre os termos assinados, o secretário da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, Claudio Furtado, firmou um Termo de Cooperação com a empresa Dahua Technology, que visa o aprimoramento de pesquisas e do ensino nas áreas da Tecnologia da Informação, gerenciamento de Big Data de Tráfego, Salas de Aula Inteligentes e *Bodycam*. A expectativa é de montar um laboratório na Paraíba, para que os estudantes usem os equipamentos da empresa como ferramentas de estudo prático e desenvolvimento de novas aplicações de interesse do Estado.

A sinalização para o estreitamento das relações com a China veio do Governo Federal, quando o presidente Lula visitou o país em abril deste ano. O Brasil e a China assinaram uma Declaração Conjunta sobre o Aprofundamento da Parceria Estratégica Global. Na área da astrofísica, o documento ressalta o apoio ao projeto Bingo. Nessa cadência, o governo da Paraíba, juntamente com representantes de instituições de pesquisa do estado mobilizaram uma viagem institucional ao país asiático. As esferas executivas e intelectuais

Comitiva

Uma vez em território chinês, a comitiva paraibana se dividiu para atender aos diversos compromissos agendados, de acordo com as propostas encaminhadas antecipadamente

da Paraíba estavam representadas num corpo formado por 18 pessoas.

Uma vez em território chinês, a comitiva paraibana se dividiu para atender aos diversos compromissos agendados, de acordo com as propostas encaminhadas antecipadamente por meio do Consulado Geral do Brasil na China, cujo corpo diplomático demonstrou eficiência. Nesse contexto, a ciência básica abriu as portas para excelentes oportunidades bilaterais. O projeto para a construção do radiotelescópio Bingo une cientistas dos dois países desde seu início, em 2016. Além disso, na década de 1990 o professor da UFCG Telmo Araújo (in memoriam) foi o representante brasileiro no Softex China Office, uma iniciativa federal para promover as empresas de *software* que queriam entrar no mercado asiático, especialmente o mercado chinês.

Com esse retrospecto, torna-se compreensível o sucesso da Missão Paraíba-China realizada em 2023, um marco para o desempenho das instituições que estão na hélice do "DNA" da Paraíba: a ciência e a tecnologia.



Governador João Azevêdo visitou a China no mês passado



Secretário Cláudio Furtado (C) assinou termos de cooperação

Estado tem um histórico com o país asiático

Francilene Procópio Garcia, professora no curso de Engenharia Elétrica na UFCG, recorda-se que em 1991 Telmo Araújo dava aulas no mesmo curso e presidia a Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (Anprotec). Ele foi indicado pelo Sebrae Nacional para missão exploratória à Coreia do Sul, ao Japão e à China.

Cinco anos depois, o Softex Brasil estava abrindo ambientes físicos no exterior para atuar na relação com mercados externos. Com a decisão estratégica voltada para a Ásia, a instituição construiu o China Office Softex. Telmo foi convidado para ser gestor do escritório e Francilene o acompanhou não só como esposa, mas como pesquisadora, foi fazer parte do doutorado na Tsinghua University. O casal morou na China por oito anos e construiu vínculos que permanecem, como narra Francilene procópio: "A estrutura de pesquisa da China impressionou nos anos 90. Um país ainda fechado, de economia socialista, mas que dentro da governança acadêmica já

praticava uma estratégia e um planejamento mais inteligente do que o nosso. Já se encontravam universidades com apoio e incentivos à geração de *startups*. A universidade Tsinghua, entre as cinco mais importantes da China, tinha uma *holding* com mil empresas. Vários dos pesquisadores chineses com quem eu convivi entre 1996 a 2000 na área de automação industrial, onde eu desenvolvia o meu doutorado, já tinham patentes que eram internalizadas em empresas criadas com presença de orientandos e ex-orientandos e já fomentavam uma articulação até com projetos internacionais."

"Eu quero dizer que essa trajetória de 30 anos [desde a ida para a China] tem para mim uma narrativa histórica de muito esforço que é visto no planejamento de longo prazo, coisa que a gente não sabe fazer no Ocidente. Se você discute com os chineses projetos de dois ou quatro anos, isso para eles é pouco significativo, porque eles olham para planos de 30, 50 anos, com uma continuidade. Tem metas que são rea-

validadas a cada cinco anos, então são coisas que os chineses perseguem".

"Os chineses sempre buscaram autonomia científica. Quando eu passei lá nos anos 90 conheci vários estudantes que tinham colegas chineses fazendo pós-graduação no Reino Unido, na França, nos Estados Unidos e tal. Diferentemente de países como o nosso que não têm uma política pública de fixação de talentos, os chineses incentivam esse tipo de troca. Mas eles querem esses pesquisadores de volta. Então, eles têm uma visão muito clara de onde querem chegar. E o Bingo chega, nessa relação Brasil-China".

Integrando o grupo de acadêmicos nesta viagem à China, Francilene ressaltou: "Particularmente eu vejo o Bingo como um grande guarda-chuva que foi a mola atrativa no primeiro momento, mas as relações que estão no papel, na mesa, são maiores do que o Bingo em termos de parceria. Então acho que isso é uma relação boa e trazer chineses para conviver no ambiente das Universida-

des pode construir um ambiente plural que Campina Grande, por exemplo, teve lá atrás nos anos 60 quando Lynaldo [Cavalcanti] atraiu cientistas para a cidade, para o início da Universidade Federal da Paraíba.

“

Se você discute com os chineses projetos de dois ou quatro anos, isso para eles é pouco significativo, porque eles olham para planos de 30, 50 anos

Francilene Procópio Garcia

UFCG dá continuidade à internacionalização acadêmica na PB

Nas décadas de 1960, 70, o professor Lynaldo Cavalcanti (in memoriam) ocupou cargos institucionais pelos quais promoveu a vinda de pesquisadores de fora do Brasil, especialmente para o Campus 2 da Universidade Federal da Paraíba, à época, em Campina Grande, e a ida de estudantes para o exterior.

Os frutos de conhecimento em ciência são colhidos até

hoje. Com esse histórico, a atual UFCG dá continuidade à internacionalização, a começar por acordos firmados com universidades na China. O movimento também alcança o IFPB, cujos professores integraram a missão Paraíba-China.

A reitora do IFPB Mary Roberta declarou que "na visita à Universidade Jiaot Tong de Xangai (SJTU), foram acertados acor-

dos bilaterais para cooperação científica e educacional. Esses acordos preveem intercâmbio de estudantes de todos os níveis, além de pesquisadores e professores. Adicionalmente, os acordos contemplam intercâmbio de resultados de pesquisas conjuntas, incluindo questões referentes à propriedade intelectual."

"Na visita à Universidade de Yangzhou (YZU), os instrumen-

tos do acordo incluem, entre outras disposições, previsão para colaboração entre parques tecnológicos, troca de pesquisadores, estudantes e acadêmicos, entre outras ações.

O reitor Antônio Fernandes, da UFCG, observou o valor dado à educação pelos chineses e o amor às tradições milenares integradas ao cotidiano tecnológico do país onde a maioria dos

carros que circulam são elétricos, o papel moeda quase não circula porque as atividades de compra e venda migraram para o *smartphone* e as telas dominam os espaços nas ruas, nas empresas e nos lares das grandes cidades.

Além das parcerias que promovem intercâmbios entre cientistas e estudantes, a UFCG agora está mais próxima dos Chineses em função do projeto Bingo. "Só

com uma das universidades nós fomos contemplados com 200 bolsas para alunos nossos que poderão passar uma temporada lá aprendendo com com eles e ensinando também. A UFCG, a USP e o Inpe são, no Brasil, as principais instituições envolvidas na construção do radiotelescópio. Agora o IFPB também estará trabalhando mais intensamente", declarou o reitor.

Bingo como atração e uma rota de turismo científico no interior

Cerca de um milhão de pessoas por ano visitam a Cidade da Astronomia na China, próximo de onde está o radiotelescópio Fast, na província de Guizhou, sudoeste da China. Desde o início das operações desse equipamento, houve uma mudança radical no entorno daquela região, voltada agora para a ciência, educação e turismo.

O secretário de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, Claudio Furtado, salien-

tou a possibilidade de o Bingo se firmar como o atrativo para o início da construção de uma rota de turismo científico semelhante na Paraíba. "A experiência chinesa traz como ideia aqui para o estado para que a gente pense algo semelhante para a região de Aguiar, Sousa, Cajazeiras, ou seja, uma infraestrutura no entorno do radiotelescópio, um planetário, um Mirante que você possa ver o Bingo, visitas ao Vale dos

Dinossauros e também um futuro museu de arqueologia em Cajazeiras, onde foram encontradas várias peças nas escavações para a transposição do Rio São Francisco", informou o secretário.

Abdus-Bingo

No grupo de cientistas brasileiros especializados no projeto Bingo estavam o coordenador geral do projeto, Élcio Abdalla (USP), Alexandre Wuens-

che (Inpe), Amílcar Rabelo, Edmar Gurjão, Matheus Pasquali (UFCG) e Alysson Macário (IFPB). Dentre as expectativas para o projeto Bingo, consolidou-se uma ideia que expandirá o alcance do radiotelescópio no universo.

"O Bingo estendido olhará para uma maior área do céu e uma maior profundidade, com mais acurácia. Reunirá uma ação conjunta entre os radiotelescópios Bingo, Fast e Tian-

lai. Tendo assinado esse acordo nós fazemos parte do maior observatório de radioastronomia do planeta. Temos um projeto praticamente pronto em colaboração com a Holanda, muito avançado em termos de eletrônica, de antenas que poderemos usar como proprietários dessa técnica. Assim, estaremos com os melhores cientistas do mundo buscando soluções para um dos maiores problemas científicos hoje, que é na explicação

da ciência fundamental, explicar esses 95% de universo que nós não conhecemos."

Bingo + Abdus é o nome dado para o conjunto de equipamentos adicionais; é o acrônimo para Advanced Bingo Dark energy Universe Studies. "É uma justa homenagem ao professor Abdus Salam, prêmio Nobel de Física, uma pessoa que eu admirei muito na minha vida científica, ele já é falecido", revela Élcio.

PERIGO PARA A SAÚDE

Qualidade do ar preocupa cientistas

Condições atmosféricas com níveis de poluição elevados nos centros urbanos colocam em risco a fauna e a flora



Fotos: Roberto Quevedes



Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

A qualidade do ar está ligada diretamente à saúde e bem-estar de todos os seres vivos, sejam animais ou vegetais. Principalmente nos centros urbanos, é comum a presença de várias fontes poluentes. Entre elas estão as indústrias e diferentes tipos de veículos que emitem substâncias como Óxidos de Enxofre (SOx), Óxidos de Nitrogênio (NOx), Ozônio e fumaça, que podem causar doenças graves como câncer e danos ao meio ambiente. Na natureza, esses organismos poluidores são responsáveis por fenômenos como a chuva ácida e o intenso ressecamento da vegetação.

A química industrial, Nataly Albuquerque, tem doutorado em Química, estuda a qualidade do ar em João Pessoa e coordena o Laboratório de Tecnologia de Biocombustíveis da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O laboratório faz parte do Instituto UFPB de Desenvolvimento da Paraíba (Idep). Segundo ela, ainda

não se pode apontar com certeza qual o bairro ou área de João Pessoa apresenta maior poluição atmosférica. Porém, já está evidente que o centro da cidade requer maior atenção.

“Ainda não temos registros suficientes para garantir onde estão os níveis mais elevados de poluição atmosférica na cidade de João Pessoa. Porém, em locais com maior tráfego de veículos, principalmente veículos pesados (ônibus e caminhões) a presença de poluentes é maior. Por este motivo, o centro da cidade é um local que precisa ser visto com atenção”, salientou.

A professora do Departamento de Tecnologia Sucroalcooleira da UFPB, Márcia Pontieri, doutora em Química, com estudo em poluição atmosférica, explicou que o nível de poluição do ar é mensurado a partir de alguns indicadores atmosféricos. “Material Particulado (MP) de vários diâmetros de partícula (PTS, MP10 e MP2,5), Óxidos de Enxofre (SOx), Óxidos de Nitrogênio (NOx), Ozônio, Chumbo, Monóxido de Carbono (CO) e fumaça”.

De acordo com ela, a Reso-

lução Conama 491/2018 estabelece os valores máximos permitidos para cada um desses parâmetros. E essas medições são realizadas por uma estação de monitoramento da qualidade do ar, composta por equipamentos automatizados que analisam cada um desses parâmetros. Na UFPB, por exemplo, não há estação de monitoramento automatizado, mas a instituição possui amostradores de Material Particulado (MP).

Os dois sistemas (estações automatizadas e amostradores de MP) permitem a análise da qualidade do ar em pontos localizados. Mas, enquanto a estação automatizada faz a análise a cada minuto, o amostrador de MP é manual. Por isso, após 24 horas, é necessário levá-lo para o laboratório para pesar o filtro e medir a quantidade de MP acumulado na atmosfera. Assim, é necessário ter um profissional disponível para essa finalidade.

Plataforma

A pesquisadora e professora Nataly Albuquerque afir-

mau que o Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima tem uma plataforma, MonitorAr, que permite qualquer cidadão obter informações relacionadas ao monitoramento da qualidade do ar de determinado local, em tempo real. Por meio desse canal, Nataly contou que é possível fazer uma comparação com os dados de qualidade de ar de vários locais do mundo. “Percebe-se, também, como vários países têm dado atenção ao tema de poluição atmosférica pela quantidade de estações de monitoramento da qualidade do ar”, disse. Porém, somente nos locais onde há estação de monitoramento automatizado, a informação do aplicativo pode ser acessada, o que não é o caso da Paraíba.



Pelo QR Code, é possível acessar o MonitorAr

Poluentes representam ameaças diversas

Câncer, doenças pulmonares, presença de Material Particulado na corrente sanguínea e irritação ocular podem ser resultantes da grande poluição do ar. A natureza também é diretamente impactada com essa realidade. Algumas misturas de gases, quando entram em contato com a umidade do ar, ou até mesmo com raios solares, resultam em compostos prejudiciais aos seres vivos.

A doutora em Química e professora do Departamento de Tecnologia Sucroalcooleira da UFPB, Márcia Pontieri, afirmou que gases como o dióxido de enxofre (SO2) e o dióxido de nitrogênio (NO2), em contato com a umidade do ar, podem dar origem a compostos ácidos, provocando a chuva ácida.

“Esses gases também sofrem várias reações na atmosfera, na presença de radiação solar, levando à formação de compostos bastante tóxicos, não só para o meio ambiente, mas também para a saúde humana”, ressaltou Márcia.

Outro exemplo é o ozônio. Em baixa temperatura, ela disse que é bastante corrosivo, provocando a queima de plantas, causando o ressecamento de peças de borracha, tais como limpador de para-brisa e borrachas de vedação. “Também causam irritação nos olhos”, acrescentou.

Para se ter ideia da proporção dos prejuízos que a má qualidade do ar traz ao homem, a professora explicou que há Material

Particulado (MP), composto por partículas menores que 2,5 micrômetro (MP 2,5), que são inaláveis, chegando até os pulmões dos indivíduos. Esse MP pode, inclusive, entrar na corrente sanguínea. “Vários estudos mostram que os MP podem causar doenças pulmonares, cardiovasculares e cânceres”, contou.

Esse impacto, porém, pode ser minimizado. Segundo Márcia Pontieri, no caso das emissões veiculares, a emissão de poluentes pode ser reduzida com a manutenção correta dos veículos, com frota mais nova de ônibus e, principalmente, pela substituição de combustíveis fósseis por biocombustíveis e veículos elétricos (abastecidos com energia de fontes renováveis).

Ao invés de os veículos serem abastecidos com gasolina, os motoristas também podem adotar o etanol, diminuindo grande parte dos poluentes. “O etanol, praticamente, não libera Material Particulado durante a queima. Além disso, o ciclo de vida dos biocombustíveis (etanol, biodiesel) mostra que eles contribuem para a diminuição da concentração de CO2, que é o gás de efeito estufa em maior concentração na atmosfera e maior responsável pelas mudanças climáticas”, citou Márcia.

Outra dica é a substituição da frota de ônibus a diesel por ônibus a etanol, que “também seria ótimo para a diminuição das emissões de poluentes atmosféricos”.



Foto: Divulgação/UFPB



Foto: Nataly Albuquerque

Projeto faz parte do Instituto UFPB de Desenvolvimento da PB, que realiza medições das condições atmosféricas identificadas na cidade de João Pessoa



Foto: Nataly Albuquerque



Foto: Arquivo pessoal

Dra. Márcia alerta para risco às vidas



Foto: Arquivo pessoal

Dra. Nataly se preocupa com o Centro

Estação monitora qualidade do ar

Principais fontes poluidoras

Quando se analisa a poluição do ar nos centros urbanos, tem que se considerar fontes poluidoras fixas e móveis. A primeira diz respeito às unidades industriais, e a segunda aos veículos automotores.

Segundo a professora do Laboratório de Tecnologia de Biocombustíveis da UFPB, Nataly Albuquerque, os veículos que emitem mais substâncias tóxicas na atmosfera são os pesados, como ônibus e caminhões.

“Pois são abastecidos com diesel, que é um combustível fóssil muito poluente. Os carros e motos também emitem uma grande quantidade de poluentes atmosféricos, principalmente, quando abastecidos com gasolina ou diesel”, destacou Nataly.



Josivaldo Alves, técnico da equipe, conversa com o grupo de jogadores da base, antes de mais um treinamento, que sempre acontece no campo do Unipê, de segunda a sexta-feira

CENTRO SPORTIVO PARAIBANO

Formador de talentos

Clube de João Pessoa segue como maior destaque nas categorias de base do futebol paraibano

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Temporada após temporada, o CSP vem se firmando como uma das grandes potências das categorias de base do futebol paraibano. Multicampeão estadual nessas categorias no estado, o Tigre chegou às finais do Campeonato Paraibano Sub-15, Sub-17 e Sub-20, conquistando o título no Sub-17 e sendo vice no Sub-15 e Sub-20, tudo isso em 2022.

Este ano, o clube quer repetir o feito do ano passado para buscar a inédita tríplice coroa nas categorias de base do futebol paraibano. A equipe já garantiu o título estadual Sub-17 e disputa as quartas de final no Sub-15 e as finais no Sub-20, retrospecto que consolida a força do clube nas categorias de base. Para Josivaldo Alves a receita para tanto sucesso tem nome - trabalho.

“O fortalecimento da categoria é fruto de todo um trabalho desenvolvido pelo nosso corpo técnico ao longo dos anos. Não somos apenas um clube formador de talentos, mas também de cidadãos. Estamos muito felizes com o trabalho social que temos oferecido à garotada, pois alimentamos sonhos, fortalecemos as potencialidades dos atletas e, hoje, somos referência não apenas na Paraíba” disse.

Formador de jovens talentos oriundos da Paraíba e de outras regiões do país, a agremiação tem em seu corpo de atletas o total de 70 jovens divididos nas categorias sub-

15, sub-17 e sub-20, alojados entre a sede do clube, no bairro Grotão, em João Pessoa, e em alojamentos privados que dão suporte aos atletas. Os treinos são realizados de segunda a sábado, no campo da Unipê também em João Pessoa.

Os investimentos no futebol da base têm dado resultado. Na atual temporada, o clube já conquistou o título estadual na categoria sub-17 e ainda disputa o título no sub-15 e no sub-20, onde deu início, ontem, a disputa pelo título contra o Serra Branca. O clube luta pela inédita conquista da tríplice coroa das categorias de base no futebol paraibano. Se o sucesso no coletivo é marca registrada no clube, o talento individual não passa em branco, tanto, que a dupla de zaga titular que disputava o Campeonato Paraibano Sub-17, Italo Kauan e Felipe Goiano, foram negociados com o Atlético-MG, mesmo antes do fim da competição.

“A ideia é ter a base mais forte, formar e potencializar os nossos atletas para o futebol profissional, dessa forma, negociá-los com clubes do Brasil e do mundo, gerando receita para o clube. Além de trabalharmos a construção profissional do atleta, nós transcendemos o futebol e evidenciamos a construção de sonhos. Ofertamos aos jovens da Paraíba e de outras regiões do país, a oportunidade de se tornar um atleta profissional e almejar uma vida financeira estabilizada. Aliado a isso, trabalho a questão social tirando muitos jovens da vulnerabilidade e inserindo-os no

esporte”, pontuou Josivaldo.

Com a conquista do Paraibano Sub-17 o clube garantiu presença na disputa da Copa do Brasil da categoria em 2024, no sub-20 a presença na Copa São Paulo de Futebol Júnior - a Copinha - em 2024, pela oitava vez, após ter chegado à disputa da final nesta edição do Estadual da categoria.

Apesar do sucesso nas categorias de base, o clube não consegue refletir o mesmo rendimento com elenco principal. Limitado apenas a participação na disputa do Campeonato Paraibano, o Tigre é dono de dois títulos na segunda divisão estadual, mas na elite principal jamais conseguiu uma campanha que lhe garantisse a representação do futebol paraibano na disputa de

competições regionais e nacionais. De acordo com Josivaldo Alves, a principal dificuldade é falta de recursos para maiores investimentos na contratação de atletas de ponta e a geração de receita com a marca do clube.

“A principal fonte de receita do clube é a formação e venda de jovens atletas. Infelizmente, a gente esbarra na falta de receita por conta da torcida, temos simpatizantes, mas não torcedores fiéis para nos garantir suporte financeiro. O clube já mostrou a sua capacidade nas categorias de base, quando tivermos condições favoráveis, vamos fortalecer as estruturas e investir no elenco principal para que possamos furar a bolha no Campeonato Paraibano e representar o futebol do estado nas principais competições pelo país”, disse.

Para potencializar também no futebol profissional do clube, a diretoria sonha, a longo prazo, com investimentos em estrutura. Mas admite que, a princípio, o foco é formação de jogadores nas categorias de base.

“Queremos ter uma área nossa, um espaço do clube. Sabendo que não é de uma vez. É passo a passo. Já mostramos que somos capazes de conquistar coisas grandes, vários atletas que por aqui passaram, hoje brilham no Brasil e no mundo, a exemplo de Jailson, Luís Manduca e Tiquinho Soares. Vamos continuar com esse trabalho de formação de atletas e no momento certo, também passar a potencializar o nosso elenco principal”, finalizou.

“

A principal fonte de receita do clube é a formação e venda de jovens atletas

Josivaldo Alves

Felipe Goiano(E) e Italo Kauan(D), dois talentos formados no CSP, já assinaram contrato com o Atlético Mineiro



PARAIBANOS NA SÉRIE D

Sousa e Nacional com jogos decisivos

Dinossauro precisa de empate contra o Atlético-CE para chegar às quartas; o Nacional tem de vencer o Ferroviário

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Um domingo decisivo para o futebol paraibano na Série D. Sousa e Nacional entram em campo, hoje, pela disputa das segundas partidas dos confrontos válidos pelas oitavas de final, com chances de avançarem para colocar pela primeira vez duas equipes sertanejas na disputa das quartas de final da competição. O Sousa recebe o Atlético-CE, a partir das 16h, no Estádio Marizão, em Sousa, já o Nacional visita o Ferroviário-CE, no Estádio Presidente Vargas, em Fortaleza-CE, às 16h.

A missão do Sousa é menos complicada, o clube tem a vantagem de jogar por um empate para seguir na competição após ter vencido o primeiro jogo por 2 a 1, em Fortaleza. Com isso, o Dinossauro só será eliminado se for derrotado com um resultado acima de dois gols de diferença e vencer o alviverde, no Marizão, não será tarefa fácil para o Atlético-CE. Os comandados de Renatinho Potiguar

O Nacional empatou sem gols contra o Ferroviário-CE e, hoje, joga por vitória para se classificar



Foto: Reprodução/Instagram

tempo normal. As cobranças de pênaltis mexem mais com o jogador, mas trabalhamos para poder chegar o mais tranquilo possível para converter as cobranças e brigar pela a vaga em todas as situações", disse.

As duas partidas que envolvem a disputa das equipes paraibanas terão o auxílio do VAR. Em Sousa, o quarteto de arbitragem será comandado por Ivan da Silva Guimarães (AM), tendo nas assistências Dimmi Yuri das Chagas Cardoso (AM) e Hugo Agostinho Chaves Paixão. Diego Roberto Sousa de Melo (PB) será o árbitro reserva enquanto Adriano de Assis Miranda (SP) ficará como árbitro de vídeo.

O confronto em Fortaleza-CE será comandado por Paulo Belence Alves dos Prazeres Júnior (PE), Ricardo Bezerra Chianca (PE) e Dhiego Cavalcanti Pereira (PE) nas assistências, além de Alexandre de Sousa Peixoto (CE) na quarta arbitragem. O comando de árbitro de vídeo fica por conta de Charly Mendy Straub Deretti (SC).

Definidos os classificados para as quartas de final, os oito clubes farão os confrontos tendo como base o critério da pontuação geral. De acordo com o regulamento, o chaveamento segue com 1º x 8º, 2º x 7º, 3º x 6º e 4º x 5º, tendo os quatro primeiros colocados o direito de jogar a segunda partida como mandante. Ao fim dos confrontos das quartas de final, os quatro semifinalistas já estarão, automaticamente, garantidos na disputa da Série C na próxima temporada.

Invicto

O Sousa ainda não perdeu nenhum jogo como mandante e tem tudo para garantir a classificação à fase que define o acesso para a Série C

mantém a invencibilidade jogando como mandantes desde o início da competição, com um retrospecto de sete jogos e uma vitória.

O Nacional perdeu a chance de abrir uma vantagem para este segundo confronto com o Ferroviário-CE,

quando empatou sem gols, em Patos, no último fim de semana. Agora, para seguir na competição, o Canário terá a difícil missão de quebrar os 100% do adversário, jogando como mandante, qualquer situação de empate leva a definição do classificado para as

cobranças de pênaltis.

Pensando nessa possibilidade, o treinador Rodrigo Fonseca trabalhou cobranças de pênaltis com seus atletas durante a semana. Presente em 16 dos 17 jogos da competição, o meia Léo Cereja quer garantir a classificação logo

nos 90 minutos para evitar cobranças de pênaltis, mas admite que o grupo está preparado para qualquer situação para buscar a classificação.

"Chegamos até aqui por causa da união do grupo e estamos determinados em conseguir a classificação no

NO MARACANÃ

Vasco recebe o Atlético para iniciar reação no Brasileiro

Foto: Daniel Ramalho/Vasco



No início do Brasileirão, o Vasco venceu o Atlético-MG, no Mineirão; agora, tem tudo para começar com o pé direito o segundo turno

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Os quatro jogos da sequência da 20ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série A são marcados, hoje, pela briga de dois grandes clubes na parte de baixo da tabela de classificação. Vasco-RJ e Santos-SP iniciam a retomada com os jogos do 2º turno com a missão de evitar o rebaixamento ao fim das 38 rodadas. Atlético-MG, Bahia-BA, Coritiba-PR, Flamengo-RJ, Grêmio-RS e Bragantino-SP também entram em campo.

Desde que iniciou a disputa na competição, o Vasco vem lutando na parte de baixo da tabela. Dono de uma campanha com apenas três vitórias, quatro empates e 11 derrotas, o cruz-maltino inicia a 20ª rodada na penúltima colocação com 13 pontos e a tendência é que o clube brigue até o fim da competição para evitar o rebaixamento. O Gigante da Colina enfrenta o 10º colocado, Atlético-MG, no Maracanã, a partir das 11h, no Rio de Janeiro-RJ.

Outra grande equipe do futebol brasileiro que vive também uma briga na parte de baixo da tabela é o Santos. O clube do Rei Pelé não vence há cinco rodadas, soma apenas 18

pontos, no Z4, ocupando a 17ª colocação. O Peixe briga para evitar o seu primeiro rebaixamento na história e para enfrentar o Grêmio-RS, às 16h, na Vila Belmiro, em Santos-SP, vai novamente poder contar com o apoio de seu torcedor.

O clube cumpria uma pena de quatro jogos com portões fechados imposta pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), após a torcida santista arremessar bombas no gramado da Vila Belmiro, na derrota do clube para o Corinthians-SP por confronto válido pela 11ª rodada da competição.

De acordo com a diretoria do clube, a Vila Belmiro terá lotação máxima, a expectativa é de que o estádio esteja cheio com os 15 mil lugares preenchidos.

Nos outros dois confrontos das 16h, que completam os jogos deste domingo, Coritiba-PR e Flamengo se enfrentam no Estádio Couto Pereira, em Curitiba-PR, enquanto o Bahia-BA recebe o Bragantino-SP, na Arena Fonte Nova, em Salvador-BA. A 20ª rodada do Brasileirão será completada, amanhã, com a partida isolada entre Goiás-GO e Atlético-PR, a partir das 20h, no Estádio da Serrinha, em Goiânia-GO.

Jogos de hoje

■ SÉRIE A

11h
Vasco x Atlético-MG
16h
Santos x Grêmio
16h
Coritiba x Flamengo
Bahia x Bragantino
21/8
Goiás x Athletico-PR

■ SÉRIE B

15h45
Novorizontino x Chapecoense
18h
Ceará x Ponte Preta

■ SÉRIE C

16h
CSA x Remo
Manaus x Floresta
19h
Paysandu x Pouso Alegre
Volta Redonda x Figueirense

21/8

20h
São Bernardo x Ypiranga-RS
América-RN x Aparecidense

■ SÉRIE D

16h
Sousa x Atlético-CE
Portuguesa-RJ x Patrocinense
Anápolis x Ferroviária
17h
Ferroviário x Nacional-PB

MEMÓRIA

Ataques estrelados que fracassaram

PSG perde um dos melhores trios de ataque do futebol mundial na atualidade com as saídas de Messi e Neymar



Foto: Reprodução/Instagram

Kylian Mbappé ainda segue no PSG, mas, insatisfeito, já disse que não vai renovar o contrato



Foto: Reprodução/Instagram

Messi já faz grande sucesso na Liga Norte-Americana, onde joga no Inter de Miami



Foto: Reprodução/Instagram

Neymar se transferiu para o futebol árabe e será comandado por Jorge Jesus no Al-Hilal



Foto: Reprodução/Twitter

O trio Hazard, Lukaku e De Bruyne não conseguiu levar a Bélgica a nenhum título

Agência Estado

Com a saída de Neymar do Paris Saint-Germain para o Al-Hilal, da Arábia Saudita, o clube francês perderá de vez o que deveria ter sido um dos melhores trios de ataque do futebol mundial da atualidade, formado pelo brasileiro, Lionel Messi e Kylian Mbappé. O argentino já deixou o time para se juntar ao Inter Miami. E o jogador francês, com todo o moral que tem em seu país, já avisou que ficará no PSG somente por mais uma temporada, apesar de ter esticado seu contrato.

O fracasso do "MNM", como ficou conhecida a formação dos craques, não foi o primeiro na história do futebol, e mesmo o Brasil já teve grupos estrelados que não deram certo.

Quem não se lembra, por exemplo, do quadrado mágico da Seleção Brasileira, com seu conjunto original formado por Adriano, Kaká, Ronaldinho Gaúcho e Ronaldo? O time, recheado de jogadores de nível mundial, não conseguiu conquistar a Copa do Mundo de 2006 - que, para muitos, é o único torneio de nações que "vale".

No Campeonato Brasileiro, a memória e a história remetem ao famoso "ataque dos sonhos" do Flamengo, de 1995, com Sávio, Romário e Edmundo. Mas o trio não durou nem uma temporada. Na Europa, torcedores do Barcelona ainda se questionam por que uma equipe com Thierry Henry, Zlatan Ibrahimovic e Messi não deu certo.

Quadrado mágico

A Seleção Brasileira que disputou a Copa do Mundo de 2006 é um dos times mais estrelados de todos os tempos. Era muito favorito. Quatro anos depois de conquistar a edição de 2002, na Coreia do Sul e Japão, o hexacampeonato parecia encaminhado após os títulos da Copa América, Copa das Confederações e liderança das Eliminatórias, ainda mais que no ataque estava o chamado "Quadrado Mágico": Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo e Adriano.

A equipe comandada por Carlos Alberto Parreira fazia uma junção de futebol bem trabalhado com jogadas plásticas, visto que sobrava habilidade para seus integrantes. Ronaldinho Gaúcho foi por duas vezes consecutivas o melhor jogador do mundo. Kaká receberia o mesmo prêmio em 2007. Adriano começava a ser o "Imperador" na Inter de Milão. E Ronaldo, já três vezes o melhor do planeta, era um dos principais nomes do Real Madrid. Robinho, antes de ter problemas com a Justiça, ainda apareceu como quinto elemento na Copa das Confederações.

O desempenho, no entanto, não se repetiu naquele Mundial na Alemanha. Apesar de o Brasil ter passado da fase de grupos com 100% de aproveitamento, recebeu críticas por atuações abaixo do esperado, especialmente contra Austrália e Croácia, e só mostrou lampejos de eficiência ao bater Gana por 3 a 0 nas oitavas. O futebol mais fraco do que o esperado, o comportamento da equipe fora de campo, com clima de "já ganhou", e a falta de seriedade culminaram na derrota por 1 a 0 para a França de Zidane nas quartas de final.

Assim, o "Quadrado Mágico" voltava para casa.

Barcelona

O Barcelona, no início da era Pep Guardiola, faturou o título da Liga dos Campeões de 2008-2009 com o poderoso trio de ataque formado por Messi, Samuel Eto'o e Henry, mas fez mudanças para a temporada seguinte. O camaronês, intocável há anos no clube, foi negociado com a Inter de Milão, mas o time espanhol não saiu de mãos vazias, pois tirou Ibrahimovic dos italianos. Tudo parecia encaminhar para mais um "tridente" de sucesso.

Na época, o sueco talvez ainda não fosse considerado o maior da história de seu país, mas já colecionava gols nas passagens por Malmö, Ajax, Juventus e pela Inter nas temporadas anteriores. No Barcelona, ele seria "abastecido" por Messi, Xavi, Iniesta e companhia e formaria um trio com o argentino Pedro Rodríguez, revezando com Henry em sua posição, mas o rendimento não foi o esperado.

Ibra não foi titular absoluto durante sua passagem pelo Barcelona, amargando o banco em muitos jogos importantes na temporada. E mesmo que tenha feito 22 gols em 46 partidas, não chegou nem perto do seu desempenho tanto em suas equipes anteriores quanto nas que defendeu após o breve tempo com a camisa catalã.

Pior ainda: viu Eto'o, a quem substituiu no Barcelona, vencer a Liga dos Campeões de 2009-2010 com a Inter de Milão. Quando o sueco saiu do time, Guardiola até fez um "mea culpa", dizendo que não soube encontrar a melhor forma para usá-lo. O trio fracassou.

Sávio, Edmundo e Romário

Em 1995, o Flamengo comemorava seu primeiro centenário e, de presente, "ganhou" dois dos jogadores mais badalados da época: Romário, que havia recém-conquistado o prêmio de melhor jogador do mundo, e Edmundo, ainda nas fases iniciais de sua carreira, mas já com história de respeito em Palmeiras e Vasco, além de convocações para a seleção. Eles se juntaram a Sávio, revelação da Gávea, e formaram o que foi chamado de "ataque dos sonhos".

Edmundo chegou ao clube carioca depois de Romário e já com uma pressão por parte da torcida, pois o Flamengo tinha perdido recentemente a final do Campeonato Carioca para o Fluminense. Sua contratação foi uma espécie de "alento" do dirigente da época Kléber Leite para superar o revés, uma praxe comum no futebol até hoje. Na apresentação, a dupla chegou a cantar o "Rap dos Bad Boys", música gravada por eles mesmos exaltando suas carreiras e satirizando a vida extra-campo "vigiada" pela imprensa e pelos torcedores.

Em campo, o "ataque dos sonhos" não deu em nada. O trio marcou poucos gols e teve atuações ruins de modo geral. Os torcedores fizeram músicas para gozar os jogadores: "Pior ataque do mundo, Sávio, Romário e Edmundo". O Flamengo brigou contra o rebaixamento no Campeonato Brasileiro daquele ano, terminando somente na 21ª colocação, e ainda amargou o vice-campeonato da Su-

percopa Libertadores diante do Independiente. Na temporada seguinte, o elenco foi desfeito.

Messi e Dybala em 2018

Que Messi é intocável na seleção argentina há muitos anos, não há dúvida, sendo o principal desafio para os treinadores da equipe encontrarem os melhores para jogar ao seu lado. O atacante Paulo Dybala foi um dos candidatos, mas não somente não conseguiu corresponder como virou meme ao declarar que "era difícil jogar" com o ídolo.

Na época, a Argentina era treinada por Jorge Sampaoli e oscilava entre bons e maus momentos antes da conturbada Copa do Mundo de 2018, na Rússia. Dybala foi escalado como titular nos primeiros jogos do treinador no comando do time, ainda em 2017, época que vivia uma fase boa na carreira, mas não teve resultados convincentes. Tempos depois, disse a famosa frase, que foi explicada por ele posteriormente: era difícil porque eles ocupavam o mesmo espaço no campo.

De fato, independentemente do sentido da declaração, Dybala e Messi não conseguiram se entender nas partidas que disputaram juntos e isso foi determinante para sua continuidade na Albiceleste, já que, mesmo brilhando na Juventus na época, perdeu espaço e nem foi titular naquele Mundial, tampouco do time vencedor da edição de 2022, no Catar.

Geração belga

É verdade que Kevin De Bruyne é hoje um dos melhores jogadores do mundo e foi peça fundamental no recente título da Liga dos Campeões do Manchester City, e que dois de seus compatriotas, Eden Hazard e Romelu Lukaku, também tiveram carreiras respeitáveis por clubes da Europa. No entanto, pela Bélgica, a falta de títulos perseguiu o trio.

Eles eram alguns dos principais nomes da que ficou conhecida como "ótima geração belga", nome que foi usado tanto para elogiá-la quanto nas sátiras, junto a Thibaut Courtois, Vincent Kompany, Jan Vertonghen, Axel Witsel, entre outros. Todos esperavam que trouxessem um título para o país, com a melhor chance sendo na Copa do Mundo de 2018. Os três comandavam o ataque que foi decisivo para vencer o Brasil, de Neymar, mas caíram nas semis - e o fantasma da eliminação os assombrou em mais duas Eurocopas.

De Bruyne foi alvo de polêmicas no "último ato" da geração, no Mundial de 2022. Questionado se o time poderia vencer a edição do Catar, respondeu que não acreditava nisso por eles estarem "muito velhos". Isso gerou um atrito entre ele e Jan Vertonghen, que culminou em queda na fase de grupos.

Pelos clubes, eles viveram situações diferentes: Hazard acumulou problemas com lesões no Real Madrid; Lukaku teve certo brilho na Inter de Milão; e De Bruyne superou eliminações com o City até ganhar a Liga dos Campeões como um dos protagonistas, em cima da Inter de Lukaku. As glórias para a seleção belga ficaram no sonho.

FUTEBOL AMERICANO

Espectros joga, hoje, na Vila Olímpica

Time da capital vai enfrentar o Caçadores-CE em partida válida pela Conferência Nordeste da Liga Brasil

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

João Pessoa Espectros está pronto para enfrentar o Caçadores, do Ceará, neste domingo, 20, às 14h, na Vila Olímpica Parahyba. A partida pela terceira rodada da Conferência Nordeste da Liga Brasil de Futebol Americano (Liga BFA), terá transmissão ao vivo pelo YouTube da Rádio Tabajara.

“A gente está buscando pontuar melhor no ataque, para que possamos impulsionar melhor, entrar com uma velocidade diferente do que foi no último jogo, e também que a nossa defesa possa se manter constante como foi no último resultado, sem sair com nenhuma pontuação”, destacou Robson Sena, treinador da equipe.

O entrevistado fez uma avaliação da equipe adversária. “O Caçadores é um time histórico grande no Nordeste, vem com um ataque bem forte, como todos os anos, tem bons jogadores e tem feito um bom trabalho”.

A última disputa do João Pessoa Espectros, contra o Parnamirim Scorpions, aconteceu no dia 6 deste mês, com vitória do Espectros pelo placar de 35x0. Mas o principal confronto da temporada acontece dia 17 de setembro, quando a equipe paraibana en-



Entrada da equipe no gramado do campo da Vila Olímpica, no jogo passado contra o Parnamirim-RN, quando venceu sem maiores dificuldades por 35 a 0

frentará o seu principal rival, o Recife Mariners, em Pernambuco. Antes disso, dia 3, o jogo será contra o Petroleiros, do Rio Grande do Norte.

Tabajara ao vivo

A Rádio Tabajara, que integra a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), fará mais uma vez a transmissão

da partida. Para acompanhar basta acessar o Youtube.com/RadioTabajaraFM e se inscrever no canal para receber as notificações com todas as novidades da cobertura.

A primeira transmissão realizada por uma emissora paraibana, com imagens de alta qualidade, aconteceu no último dia 6, com vitória

dos Espectros pelo placar de 35x0, diante do Parnamirim Scorpions. O jogo estabeleceu mais um marco na história do jornalismo esportivo da Paraíba e da emissora, conhecida por ser a pioneira na comunicação esportiva do estado, realizando coberturas desde a década de 1950.

“A primeira transmissão foi uma experiência muito positiva, com bom retorno do público. A gente conseguiu entregar um material muito bom em termos de imagem com a transmissão tendo bastante reconhecimento inclusive de pessoas que fazem o futebol americano pelo Brasil”, destacou o gerente opera-

cional de Esportes da Rádio Tabajara, Iago Sarinho, que completou. “Isso cria uma expectativa alta para manter e tentar melhorar o que já foi entregue”. A equipe de transmissão é composta por Iago Sarinho na narração, Edgley Lemos e Felipe Server nos comentários e Caio Guilherme na reportagem.

A PRIMEIRA NO ESPORTE É PIONEIRA NO
FUTEBOL AMERICANO

É HOJE!



X



20/08 | 14H

AO VIVO NO YOUTUBE

RADIOTABAJARAFM



Mistério persistente

Monumento de destaque na Paraíba, considerado um dos sítios arqueológicos e pré-históricos mais importantes do Brasil e do mundo, a Pedra do Ingá continua uma incógnita por mais de 400 anos

Hilton Gouvêa
 araujogouvea74@gmail.com

Ao escrever sobre a Pedra do Ingá, situada no interior paraibano, distante a 82 quilômetros de João Pessoa, o astrônomo e astrofotógrafo Marcelo Zurita afirma que “a origem dessas escritas chamadas itacoatiaras ainda é desconhecida, embora esse monumento se destaque como um dos sítios arqueológicos e pré-históricos mais importantes do Brasil e do mundo.

A tradução dos textos gravados no monólito já dura 425 anos de mistério, a partir de quando a expedição de Feliciano Coelho a descobriu.

Segundo Zurita, o mais antigo registro conhecido da Pedra do Ingá é de 1598. Era uma época em que a recém-fundada Capitania Hereditária da Paraíba vivia um período sangrento: os colonizadores aliados aos índios tabajaras tentavam expulsar dessas terras os nativos potiguaras que resistiam à ocupação portuguesa. Em uma dessas missões, Feliciano Coelho de Carvalho, então capitão-mor da Paraíba, seguia com seus soldados pelo interior da capitania quando avistou pela primeira vez o

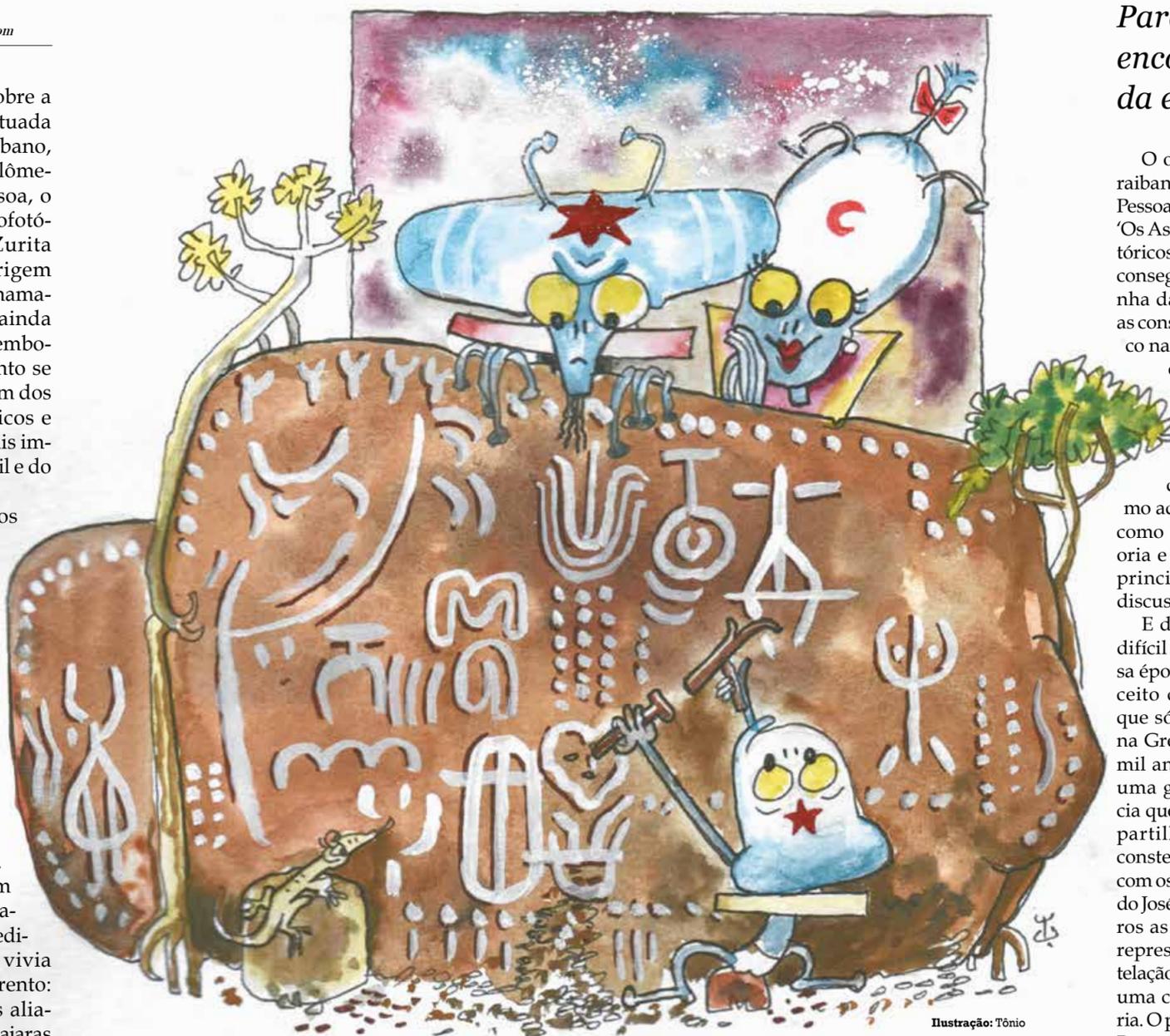


Ilustração: Tônio

Período

O mais antigo registro da Pedra do Ingá é de 1598, época da recém-fundada Capitania Hereditária da Paraíba

misterioso painel rupestre. Intrigado, Feliciano perguntou aos tabajaras quem teria feito aquelas inscrições. Assustados, os indígenas responderam que aquele era um local sagrado e que a pedra teria sido cunhada pelos deuses. Historiadores

acreditam que isso significa que aquela não era uma obra nem dos tabajaras e nem dos potiguaras. Provavelmente teria sido criada por tribos pré-tupis, povos ameríndios que colonizaram essa parte da América há milhares de anos.

Pedra, água e areia para entalhar os grifos

Flávio Josefo, historiador judeu que viveu entre os romanos, já dizia: “tudo que é esplendor e brilho, tem sua aura de mistério”. Daí porque não faltaram teorias diversas sobre essas estranhas insculturas como esta: “Sábios habitantes daquela região teriam desenvolvido um método muito simples de entalhar a rocha, utilizando uma pedra dura, água e areia grossa”. Alunos de uma escola da cidade de Ingá conseguiram entalhar uns glifos com essas ferramentas primitivas, que eles mesmos fabricaram.

Outras hipóteses atribuem essas inscrições a povos “mais civilizados”, como fenícios, egípcios, hititas e outros viajantes de várias partes do mundo. Ciro Gordon, um egíptólogo norte-americano que visitou as itacoatiaras na década de 1960, chegou a sugerir que “umas linhas pontilhadas de bolinhas existentes no painel seriam comboios de bar-

cos fenícios desviados para cá por uma grande tempestade”.

Há também teorias que atribuem a autoria daquelas itacoatiaras a povos locais, como os cariris ou os povos ameríndios pré-coloniais. São hipóteses mais simples e mais fáceis de se aceitar. “Finalmente, para criar as inscrições, não seria preciso construir grandes embarcações capazes de atravessar sete mil quilômetros de oceano. Bastaria friccionar uma pedra contra a outra”, comenta Zurita.

Em 1974, José Benício de Medeiros sugeriu, pela primeira vez, que eles poderiam conter dados astronômicos. Ele conseguiu relacionar uma série de gravuras no lajedo às estrelas da Constelação de Órion. Três “estrelas” excedentes gravadas na pedra poderiam ser planetas, indicando que aquilo poderia ser uma representação de uma conjunção planetária na Constelação de Órion.

“

Para criar as inscrições, não seria preciso construir grandes embarcações capazes de atravessar quilômetros de oceano

Marcelo Zurita

Para que isso fosse possível, o ponto vernal deveria se encontrar na Constelação de Órion na época em que as gravuras foram feitas. Calculando o deslocamento anual do ponto vernal, Medeiros determinou que esse monumento teria sido construído em torno de 2173 a.C.

A teoria de Medeiros se mostrou, a princípio, muito plausível e, de fato, influenciou vários autores depois dele. Como resultado, ela é considerada, até hoje, quase como incontestável, mesmo que faltem elementos para sua comprovação científica. Em 1986, o arqueólogo espanhol Francisco Pavia Alemany propôs que a Pedra do Ingá poderia servir de calendário solar. Um monólito vertical próximo projetaria diariamente sua sombra, ao nascer do Sol, ao longo da linha horizontal de capsulares da pedra. Cada dia em uma marcação diferente ao longo do ano.

Paraibano encontra linha da eclíptica

O oftalmologista paraibano Francisco Carlos Pessoa Faria, em seu livro ‘Os Astrônomos Pré-Históricos do Ingá’, de 1987, conseguiu encontrar a linha da eclíptica e todas as constelações do zodíaco nas inscrições da Pedra do Ingá, além de sugerir uma datação para ela entre 2150 e 4300 anos antes de Cristo. Ele mesmo admite que não tem como comprovar tal teoria e que seu interesse principal seria “abrir a discussão”.

E de fato seria muito difícil que os povos dessa época tivessem o conceito de eclíptica, algo que só foi desenvolvido na Grécia, mais de dois mil anos depois. E seria uma grande coincidência que sua cultura compartilhasse as mesmas constelações do zodíaco com os europeus. Segundo José Benício de Medeiros as gravuras de Ingá representariam a Constelação de Órion, durante uma conjunção planetária. O professor Germano Bruno, um dos maiores especialistas no assunto, diz “ser provável que a Pedra do Ingá possua elementos astronômicos”, mas observa: “É preciso encontrar de fato essas respostas e, antes de tudo, conhecer a cultura dos povos ameríndios que habitavam nessa região”.

Todas as etnias indígenas brasileiras pesquisadas por ele dão maior ênfase à Via Láctea. Para eles, a Via Láctea é a morada dos deuses. E, analisando as gravuras do Ingá, muitos pajés identificaram espíritos da mitologia Tupi-Guarani. Com base nessas identificações, o painel poderia indicar parte da Via Láctea e as gravuras representariam espíritos indígenas que eram vistos no céu, formados por estrelas e por manchas claras e escuras da Via Láctea.

■ Painel poderia indicar parte da Via Láctea e as gravuras seriam espíritos indígenas que eram vistos no céu, formados por estrelas

Silva Jardim

Contra a Monarquia e traído pela República, jornalista foi ignorado na Paraíba



Silva Jardim trabalhou em diversos órgãos de imprensa no Sul do país e dizia: "Onde não posso ir, as letras vão por mim"

Hilton Gomvã
aranjogomvã7@gmail.com

O jornalista Silva Jardim era fluminense de Capivari - atual cidade que leva seu nome - onde nasceu a 18 de agosto de 1860. Morreu tempestuosamente, tal qual como vivia, "engolido" por uma fenda do Vestúvio, em Nápoles, na Itália, onde fora passear. A tragédia aconteceu em 1º de julho de 1891, quando ele tinha 32 anos de idade.

Antônio da Silva Jardim, um destemido republicano, custeou do próprio bolso a propagação do novo regime. Oportunista, enviava panfletos partidários para Pernambuco, Bahia e Paraíba; e pregava pessoalmente os clamores da democracia republicana, principalmente, em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Seu maior feito ideológico, segundo seus biógrafos, foi aproveitar uma viagem que o Conde D'Eu, genro de Dom Pedro II, fez de navio pelo Norte e Nordeste do país - do Amazonas à Bahia. Na "comitiva do conde", Silva Jardim aproveitou as paradas que o pacote fazia nos portos para pregar méritos republicanos. Na então Paraíba do Norte, ele não teve muita recepção. Foi ignorado. Ele também foi impedido pela Guarda Portuguesa de falar na Bahia e a mesma coisa aconteceu na capital pernambucana, porque o próprio chefe de polícia alertou para o fato de haver em Recife "um atrito sangüinário entre monarquistas e republicanos".

Na Paraíba do Norte (assim como em Recife e Salvador), ele deixou seus inflamados panfletos republicanos, que de quase nada serviram, já que a Paraíba, segundo as fontes históricas, só veio saber desse acontecimento e a passagem de Silva Jardim em terras paraibanas três dias após o histórico 15 de novembro de 1889. Durante a viagem, foi avisado de que existia gente interessada em matá-lo. Fria mente, Silva Jardim exibiu uma arma de fogo que conduzia por baixo de sua indefectível sobrecasaca e exclamou: "Tanto é fácil me matarem quanto eu matar alguém".

Valentim Magalhães comentou em seus escritos que Silva Jardim, "ao ousar viajar no mesmo navio em que transportava o genro do imperador, mantinha o propósito de ouvir de perto a insatisfação pública com a Monarquia, já nos estertores da morte no início de 1889". Essa condição da Monarquia já era reconhecida até por Dom Pedro II. E a viagem do Conde D'Eu visava, justamente, tomar pé desta situação.

"Ele (Silva Jardim) era baixo, tinha barba grande e se vestia aleatoriamente, mas quando falava as multidões entravam em delírio", observou Valentim Magalhães. Em julho deste do ano foi comemorado na Bahia o 132º aniversário da morte de Silva Jardim. Jornalistas brasileiros também reconheciam a importância de Silva Jardim na implantação do regime republicano no Brasil. "Sem dúvida, ele foi a voz mais intrépida e o pensamento mais arrojado, com uma tendência radical, que o situa entre os que quiseram fazer da República menos um golpe para a conquista do poder do que uma Revolução, empenhada na solução de problemas, que viesse alterar as estruturas políticas, sociais e econômicas do Brasil". A influência de Silva Jardim foi muito grande, muito maior do que hoje se acredita ou se supõe para a República vingar.

Presença

A passagem de Silva Jardim pela Paraíba com suas ações em prol do movimento republicano só chegou ao conhecimento da imprensa local quando a Proclamação ocorreu

angelicalucio@gmail.com

Exibição de revólver em comício e impropérios para os jornalistas fiéis à Monarquia

Os anais da Biblioteca Real da Dinamarca registram que, em 1887, um ano antes da Lei Áurea e a dois da Proclamação da República no Brasil, os republicanos já conspiravam abertamente contra a possibilidade de se ter um terceiro reinado no Brasil. Levaram em conta que o imperador Dom Pedro II, que não tinha sucessores homens, quando morresse, a Coroa passaria para a Princesa Isabel, casada com o Conde D'Eu, um francês. Essa situação fazia despertar os sentimentos nacionalistas de grande parte da população com a perspectiva de o Brasil ser governado por um estrangeiro ou indiretamente assumir o governo do país.

De muita coragem ideológica e pessoal, Silva Jardim chegou a exibir o revólver durante um comício e desferir uns impropérios para jornalistas ainda hesitantes em permanecerem fiéis à Monarquia ou escolherem a República como o novo regime de governo brasileiro. Acredita-se que esses desafios eram dirigidos ao jornalista José do Patrocínio, ex-monarquista e agora republicano, que se protegia dos inimigos com seus voluntários da Guarda Negra, milícia formada sem hierarquia nem farda, cujos integrantes eram gratos à Princesa Isabel por ter assinado a Lei Áurea.

Mesmo se destacando como líder abolicionista, Patrocínio, às vésperas e depois da Abolição, continuou frequentando e corte brasileiro,



Silva Jardim não apoiava o caráter político de José do Patrocínio (na foto) e o chamava, inclusive, de "beberrão perturbador"

além de amigo da Princesa Isabel. A Guarda Negra foi criada por ele, um filho de escrava liberta com um lusitano. Silva Jardim, de caráter radical, não apoiava o caráter político de Patrocínio e o chamava inclusive de "beberrão perturbador", referindo-se às algazaras que o também jornalista fazia no Rio de Janeiro, com o seu automóvel recém-adquirido.

Tocando em Frente

A época dos festivais – Parte 1

Tirante os entreveros ocasionados, de maneiras pontual e pessoal, que envolveram em polêmicas alguns astros e estrelas fulgurantes em nosso universo musical, os festivais talvez se tenham constituído no que mais seriamente abalou o andamento de nossa MPB, pelo menos sob determinados aspectos.

A televisão brasileira - TVs Excelsior, Record, Rio e Globo - fez enfatizar os concursos de canções inéditas e/ou originais durante o período de 1965 a 1985. Teria sido talvez por "mera coincidência" que os agitos musicais tenham ocorrido quase que concomitantemente com o chamado regime militar brasileiro, que durou de 1964 até 1985.

Ainda com o intuito de situarmos-nos no tempo e no espaço, foi nos fins da década de 1950 que Juscelino Kubistchek, acompanhando a evolução socioeconômica do país, deu início à criação do Grupo Executivo da Indústria Automobilística / Geia, que conseguiu concretizar no país as ambições anteriormente alimentadas por Getúlio Vargas: dotar o país de uma indústria automobilística, com a implantação de uma fábrica da alemã Volkswagen, popularizando o uso do fusquinha e das kombis.

Mas, voltemos ao universo musical. Como se pode observar, nessa fértil, porém conturbada época, o Brasil passou, evidentemente, por transformações seja de natureza econômica, social, política, administrativa e - por que não? - musical.

Não sem razão foi igualmente dentro desse período que surgiram, pelo menos, três movimentos de natureza musical que mexeram com a estrutura da chamada "velha guarda" da MPB: a Bossa-Nova (1958/1966), a Jovem Guarda (1960/1970) e a Tropicália (1968/1969).

A modernidade em que o país entrou no



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br



Elis e 'Arrastão', explosões do 1º FMPB

início dos anos de 1960, sobretudo do ponto de vista de natureza econômica e artística, trouxe-nos a televisão com todas as anuências que ela nos legou, tornando-a uma ferramenta impulsionadora das criações musicais.

Deve-se aos produtores televisivos Manoel Carlos e Solano Ribeiro, mormente a este último, o advento da criação e manutenção dos festivais de música, nos moldes dos que já havia, por exemplo, na Itália, como o Festival della Canzone Italiana, que se sacramentou como Festival de Sanremo, que já existia desde o início dos anos de 1950, precisamente de 1951, mesmo sem a existência por lá da televisão que somente chegou à Itália por volta de 1956.

Antes, no Brasil, já haviam caído no gosto popular os primeiros programas televisivos voltados para a música popular, embora fossem gerados por videoteipes. Nesse clima é que Solano Ribeiro apresentou à TV Excelsior/SP sua proposta para a reali-

zação de um festival, com o objetivo de promover a nova e emergente geração da música popular brasileira. Aprovada a ideia, surgiu, em 1965, o 1º Festival de Música Popular Brasileira (1º FMPB). A ideia mantinha a participação apenas de compositores e intérpretes nacionais. Foi assim elaborado um regulamento previsto segundo o qual, selecionados os criadores/compositores, a escolha dos intérpretes ficaria a cargo da direção da tevê. Ocorreram então, como havia sido estabelecido, as três eliminatórias: duas em São Paulo (na capital e em Guarujá) e uma no Rio (Petrópolis). A final aconteceu no auditório da sucursal da TV Excelsior do Rio. O efeito imediato desses eventos garantiu não somente picos de audiência, mas também ajudou a impulsionar nas gravadoras uma abrangência significativa para o mercado fonográfico. A primeira edição, cujo final aconteceu em abril de 1965, no Guarujá-SP, foi vencida pela composição 'Arrastão', de Edu Lobo em parceria com Vinícius de Moraes, e consagrou, como melhor intérprete, a gaúcha Elis Regina, que deixava de lado a interpretação de músicas da jovem guarda (à moda de Celly Campello) e das chamadas músicas dançantes em que ela se aventurara ao chegar de Rio Grande do Sul para o Rio de Janeiro. Diga-se, de passagem, que a "pimentinha", então com apenas vinte anos, criou uma forma nova de cantar, usando de formas e trejeitos que marcariam a sua carreira e sobrepujando intérpretes concorrentes do naipe de Cyro Monteiro, Elizeth Cardoso, Alcide Costa, Claudete Soares e nosso paraibano Geraldo Vandré que, no ano anterior, havia nos dado o seu 'Fica mal com Deus', com a que começava a conquistar o seu lugar na MPB. A segunda colocada foi 'Canção do amor que não vem' (Ba-

den Powell e Vinícius de Moraes) - intérprete: Elizeth Cardoso.

O passo seguinte foi o Festival Nacional da MPB (FNMPB), ainda patrocinado pela TV Excelsior, entre fins de 1965 e início de 1966, mas já sem a participação de Solano Ribeiro que abandonou o projeto por divergências (artísticas e/ou comerciais) com os patrocinadores do evento. Saiu vencedora a marcha-rancho "Porta Estandarte" (de Geraldo Vandré e Fernando Lona), com interpretação de Luca e Airton Moreira. Ele depois se internacionalizou, nos Estados Unidos, como exímio e requisitado percussionista, quando fazia dupla com a vocalista Flora Purim, sua então esposa, ambos caminhando pelas veredas e labirintos do jazz. Em segundo lugar ficou a hoje esquecida 'Inatê', de Vera Brasil e Maricene Costa, com interpretação de Nilson Prado, também hoje desconhecido. Foi por essa ocasião que foram surgindo os novos astros e estrelas da MPB, como Maria Odete, que defendeu 'Boa Palavra', de um iniciante Caetano Veloso, música classificada apenas em quinto lugar.

Ainda, a propósito do êxito de Elis Regina no festival, é que, após a vitória, ela emplacou, como Jair Rodrigues, a aplaudida temporada que deu origem ao álbum 'Dois na Bossa', a partir de show realizado no Teatro Paramount, bancado pela TV Record/SP, que viu ali uma possibilidade de neutralizar a ascendente audiência obtida pela concorrente TV Excelsior.

Obviamente, o caminho a ser seguido pela TV Record, oriundo dessa erfervescência televisiva e musical, seria o da realização de um programa de auditório semelhante ao da TV Excelsior. Assim é que "nasceu" o 'Jovem Guarda', capitaneado por Roberto, Erasmo e Wanderléa. Mas esta já é uma história a que me reportei em colunas anteriores.

Angélica Lúcio

Dad Squarisi: a jornalista que me ensinou a escrever melhor

A querida Dad Squarisi partiu no dia 10 de agosto. Morreu aos 77 anos após enfrentar um câncer. Jornalista, escritora, professora de Português e editora de Opinião do jornal Correio Braziliense, deixou um grande legado para todos nós, e não apenas aos que fazem parte do universo da comunicação.

Nunca a conheci pessoalmente, mas sempre a admirei. Pelo texto, os traços exóticos e bonitos que trazia no rosto, pela facilidade com que escrevia sobre o uso correto (e incorreto) de palavras, expressões, frases.

Nasceu Dad Abi Chahine Squarisi, em Chekka, uma cidade localizada no norte do Líbano, e veio para o Brasil com os pais em 1946. Além do português e do árabe, dominava o inglês, o espanhol e o francês, conforme informações de matéria publicada pelo Correio Braziliense, jornal que foi sua casa profissional durante 30 anos. Aliás, mesmo doente, até junho passado ela ainda assinava no veículo a coluna Dicas de português.



Foto: Reprodução Correio Braziliense

Sempre que eu tinha alguma dúvida de português, ou apenas quando queria aprender um pouco mais, acessava o 'Blog da

Dad'. Ela sempre estava atualizada. Lembrou-me de quando foi anunciada a pandemia de Covid-19 e, nós, jornalistas, ainda não sabíamos bem como escrever o nome da doença: com maiúscula ou minúscula? Recorri ao 'Blog da Dad' e me deparei com o texto a seguir:

"Em tempos de pandemia, as mudanças ocorrem em tempo real. É o caso da covid-19. Quando nasceu, o nome era uma sigla. O c se refere a corona. Vi, a virus. D, a doença. O numeral indica o ano em que a enfermidade apareceu. A grafia obedecia à regra das siglas. Só a inicial maiúscula, como Detran, Embrapa, Sesi, Senac.

Com o passar dos dias, ela passou a designar a doença. Entrou, então, no time de gripe, câncer, hepatite. Tornou-se substantivo comum. Outra seguiu o mesmo caminho. Quando nasceu, Aids era uma sigla. Hoje dá nome à doença. Escreve-se, por isso, com inicial pequenina - aids".

O que também sempre me atraía ao 'Blog

da Dad' era a forma simples como escrevia: fluida, direta, sem enrolação e com leveza, muita leveza. Eu desconhecia que Dad Squarisi estava doente. Mas soube, após sua morte, que ela enfrentava um câncer desde 2016. Lamentei muito. Mas fiquei feliz ao ler inúmeros relatos de pessoas que conviviam com ela e demonstraram o quanto era querida.

Também fiquei comovida ao ver que o Correio Braziliense a homenageou, dignamente, na capa do jornal impresso. Não com uma chamadinha, mas como o destaque da edição do dia 11 de agosto de 2023, intitulado 'Mestra do português e da vida'. Já do obitúrio que li no site do jornal, assinado por Mariana Niederauer, traço um trecho para finalizar esta coluna: "Em árabe, Dad é um advérbio, quer dizer 'graciosamente', e só pode ser usado com o verbo andar. Um significado poético para quem tanto ensinou durante a própria caminhada". Salve, Dad Squarisi!

NASCIMENTOS MÚLTIPLOS

Russa teria sido a mãe com o maior número de filhos

Valentina Vassilyeva deu à luz 16 gêmeos, sete trigêmeos e quatro quadrigêmeos

Da Redação

A russa Valentina Vassilyeva, uma camponesa do século 18, teria sido a mãe com o maior número de filhos na história. Teriam sido um total de 69 descendentes diretos. No entanto, a veracidade desses registros continua sendo investigada.

Nascida no Distrito de Shuya, em Ivanovo Oblast, a vida de Vassilyeva tornou-se objeto de inúmeros relatos históricos devido ao número proeminente de partos que teria tido. Apesar de ser uma história intrigante, os especialistas alertam que a credibilidade de sua história reprodutiva não pode ser totalmente autenticada devido à limitada documentação histórica daquela época.

O excepcional número de filhos é atribuído a ocorrência de nascimentos múltiplos, havendo relatos que sugerem que Vassilyeva deu à luz 16 pares de gêmeos, sete conjuntos de trigêmeos e quatro grupos de quadrigêmeos.

No entanto, a TV BBC e o site Zap realçam que “essa extraordinária prolificidade exige uma análise mais profunda”, dadas as elevadas taxas de mortalidade materna e infantil no século 18. Alguns especialistas questionam a veracidade dos relatos, em particular devido ao “fardo” de dar à luz 69 crianças, principalmente no contexto difícil da Rússia rural de dois séculos atrás.

“A Natureza gosta de traçar os seus limites”, disse à BBC Valerie Baker, professora associada da Faculdade de Medicina da Universidade de Stanford. “A gravidez é uma das coisas fisicamente mais exigentes que o corpo



Foto: Reprodução

Camponesa russa, com capacidade reprodutiva elevada, teria sido mãe de 69 crianças

No Brasil

A brasileira Leontina de Castro Feitosa, que viveu no século passado, é conhecida por ter dado à luz 62 crianças, incluindo numerosos conjuntos de gestação de múltiplos

de uma mulher alguma vez enfrenta”. Além de Vassilyeva, há na história registros de outras mulheres que se notabilizaram pelo elevado número de descendentes.

No século 17, a chilena Leontina Albina Es-

pinoza teria dado à luz 64 crianças. Leontina de Castro Feitosa, uma brasileira do século 20, é conhecida por ter dado à luz 62 crianças, incluindo numerosos conjuntos

de múltiplos. Assim como no caso de Vassilyeva, também esses outros registros permanecem sob pesquisa devido às possíveis imprecisões na documentação histórica.



Imagem: Pixabay

Charada

Francelino Soares:

francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: perambula (2) = vaga + região glútea (2) = bunda – **Solução:** desocupada (4) = vagabunda. **Charada de hoje:** dobra (2) o teu caminho no universo (2), em busca da entidade do Candomblé (4).

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

Tiras

O Conde



Zé Meiota



Evita!!!

Canhotos: 10% da população

Uma em cada 10 pessoas no mundo é canhota. Em média, 10% da população têm preferências manuais pelo lado esquerdo do corpo e muitos mistérios ainda pairam sobre os canhotos. Não se sabe ao certo a origem dessa característica, se eles têm mais ou menos habilidades. O que a ciência sabe é que são pessoas que têm a lateralidade (área psicomotora associada à consciência de que o corpo tem dois lados) esquerda.

Cruzamento de funções

O cérebro humano é formado por dois lados, o hemisfério direito e o esquerdo, e são eles os responsáveis por definir se uma pessoa vai ser canhota ou destra. Existe um cruzamento de funções, ou seja, para saber qual é o lado dominante basta pensar no oposto da lateralidade da pessoa. Canhotos têm uma maior especialização do hemisfério direito enquanto os destros apresentam essa característica no hemisfério esquerdo.

Lateralidade cruzada

No seu lado de preferência, a pessoa terá habilidades mais desenvolvidas como força, precisão, velocidade e coordenação dos movimentos. O conceito do canhotismo está muito atrelado à dominância manual, ou seja, a lateralidade de uso das mãos. Em relação às outras partes do corpo, não há uma regra e isso vai depender das experiências e práticas do indivíduo. Alguns podem ter lateralidade cruzada, ou seja, escrevem com a mão direita e chutam melhor com a perna esquerda. Isso é considerado resultado da prática individual ao longo da vida.

Fatores genéticos

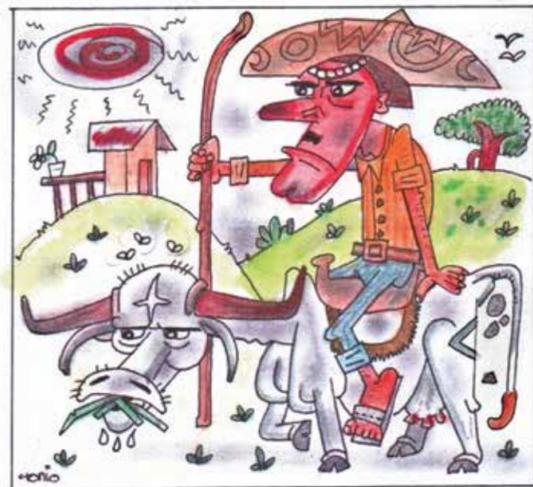
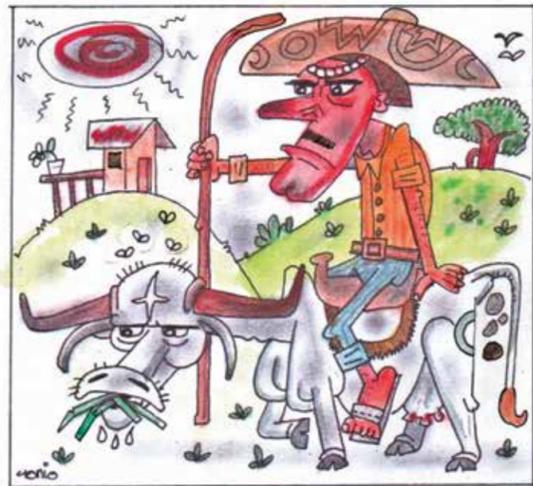
Ainda não há consenso científico sobre o que determina a lateralidade do corpo. É possível dizer que existem dois fatores principais que interferem na lateralidade de cada pessoa: o ambiental e o genético. Em relação à questão genética, cerca de 10% das crianças filhas de pais destros serão canhotas. Já quando um dos pais é canhoto, 20% dos filhos terão a lateralidade esquerda dominante. Esse percentual sobe para 25% em casos em que mãe e pai têm preferência pelo lado esquerdo do corpo. Ou seja, a hereditariedade tem um papel relevante nessa definição, mas não é determinante.

Experiência ao longo da vida

A experiência do indivíduo ao longo da vida e os fatores ambientais influenciam diretamente na preferência ou dominância manual. Além disso, só é possível determinar com precisão se alguém será canhoto, destro ou até ambidestro a partir dos seis anos de idade. O período anterior a isso é usado como experimentação pelas crianças até definirem suas preferências.

9ertos

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 – capim; 2 – janela; 3 – cajado; 4 – chapéu; 5 – bigode; 6 – marca na vaca; 7 – coco; 8 – rabo; 9 – moscas

Vidas em risco

Mulheres em todos os níveis sociais no país enfrentam um contexto de violência doméstica e familiar, de menosprezo e de discriminação pela simples condição de ser mulher

Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

A dona de casa Cláudia Gomes de Me-deiros morava na cidade de Patos e tinha 28 anos quando foi esfaqueada e morta pelo ex-companheiro, Evani Lucena, que não aceitava o fim do casamento. Mariana Thomaz, de 22 anos, foi estuprada e assassinada por Johannes Dudeck, com quem mantinha um relacionamento recente. Mariana era natural do estado do Ceará e cursava Medicina em João Pessoa. Apesar de classes sociais distintas e em diferentes status de relação, um fato une esses dois crimes: as duas mulheres foram vítimas de feminicídio.

Nos dois crimes descritos, a motivação também possui componentes em comum. Além da misoginia (ódio e desprezo pelas mulheres), existe o sentimento de perda do controle e da propriedade sobre as mulheres, uma vez que os criminosos consideram a mulher como um objeto de posse, além de um histórico de agressões e comportamentos violentos com uma ou mais parceiras.

Evani Lucena já havia agredido a esposa em outras ocasiões, o que motivou a separação, e Johannes Dudeck possuía um histórico violento, chegando a responder duas acusações de violência doméstica contra outras vítimas. Ambos os crimes também se enquadram na classificação de feminicídio dentro do que preconiza a legislação brasileira, mas antes é preciso entender o conceito da lei no Brasil, de onde partiu sua formulação, e porque, apesar dos avanços nos mecanismos de proteção, as mulheres brasileiras ainda estão em risco.



Ilustração: Pixabay

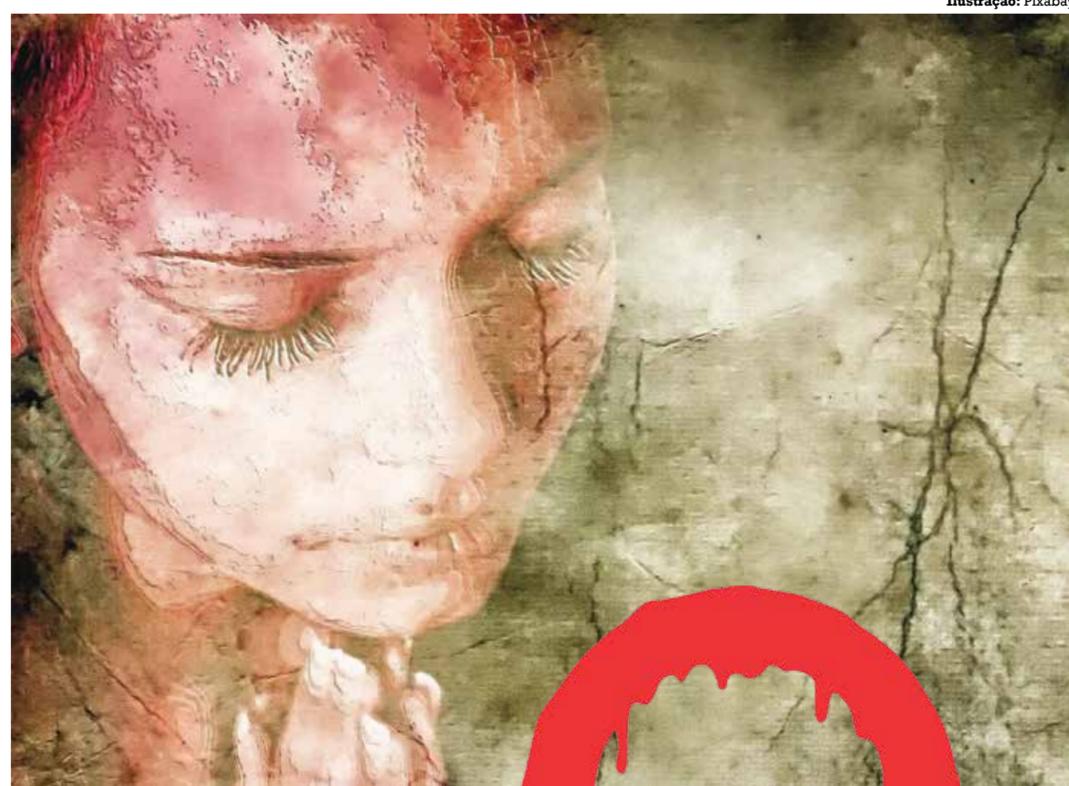


Ilustração: Pixabay

Homicídio qualificado na lista de crimes hediondos

Em 2013, foi criada uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito sobre Violência contra a Mulher (CPMI-VCM), que investigou a violência contra as mulheres nos estados brasileiros, no período de março de 2012 a julho de 2013. Composta por 11 senadores e 11 deputados, a comissão teve a finalidade de investigar a situação da violência contra a mulher no Brasil e apurar denúncias de omissão por parte do poder público com relação à aplicação de instrumentos instituídos em lei para proteger as mulheres em situação de violência.

O relatório final da CPMI-VCM foi apresentado em julho de 2013 e mostrou um diagnóstico das ações em cada estado para a aplicação da Lei Maria da Penha, recomendações aos governos dos estados e ao Governo Federal, propostas de legislação e relembrou alguns casos emblemáticos de violação aos direitos das mulheres. A Lei de Feminicídio foi criada a partir de uma recomendação da CPMI-VCM.

Sancionada em 2015 pela então presidente Dilma Rousseff (PT), a Lei 13.104 tornou o feminicídio um homicídio qualificado e o colocou na lista de crimes hediondos, com penas mais altas, de 12 a 30 anos, sendo considerado feminicídio quando o assassinato envolve um contexto de violência doméstica e familiar, menosprezo ou discriminação à condição de mulher da vítima. Os dois casos citados no início da matéria ilustram os componentes da lei.

Vale salientar que em outros países existem mais duas tipificações de feminicídio: o lesbicídio, referente ao assassinato de mulheres lésbicas ou bissexuais, como forma de punição por elas assumirem sua sexualidade; e o feminicídio racial, registrado em contexto de guerra, quando ocorre o homicídio de mulheres de apenas uma etnia ou grupo racial específico.

Punição

Sancionada por Dilma Rousseff, lei em 2015 tornou o feminicídio um homicídio qualificado e o colocou na lista de crimes hediondos, com penas mais altas, que vão de 12 a 30 anos

Ilustração: Pixabay

“GRITO” DE ALERTA

Mortes evitáveis e um caminho possível

Atitudes consideradas “corriqueiras” caminham para agressões físicas e psicológicas e se encerram com o assassinato

Taty Valéria
tatyavaléria@gmail.com

O feminicídio é o final de um ciclo de violência que se inicia com atitudes que passam despercebidas pela grande maioria das vítimas. Um grito desnecessário, um murro na parede, um empurrão, um aperto no braço. Atitudes consideradas “corriqueiras” que escalam para agressões físicas e psicológicas e se encerram com o assassinato, e é importante compreender que uma parcela considerável desses crimes poderia ser evitada, numa responsabilidade compartilhada pela sociedade e pelo Estado.

O enrijecimento da lei, com penas mais duras, seria a resposta? Para a advogada Ana Beatriz Eufrazino, criminalista, mestre em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e presidente da Comissão de Combate à Violência e Impunidade contra a Mulher da Ordem dos Advogados do Brasil na Paraíba (OAB-PB), a legislação brasileira de proteção e combate à violência contra a mulher é avançada e reconhecida internacionalmente. “Especialmente a Lei Maria da Penha, ela é considerada a terceira melhor no mundo. Mas os feminicídios continuam, a violência de gênero continua. O problema será a lei ou a sociedade? Precisamos endurecer, ainda mais, a lei penal? Ou precisamos partir de uma outra perspectiva de combate e prevenção?”, questiona.

Para a criminalista, a pena por feminicídio já é alta e no ordenamento jurídico brasileiro não há como agravar ainda mais, e é preciso partir da perspectiva que a lei já chegou ao ápice de endurecimento. “O que me leva a pensar que a saída para um combate e prevenção seja pensar políticas públicas para além das leis. Programas sociais, aplicação da justiça restaurativa para os casos de violência doméstica, trabalhar com os agressores que já estão no sistema de Justiça por violência doméstica”, afirma.

Para Glória Rabay, professora e pesquisadora da Universidade Federal da Paraíba na área de gênero e mídia, a educação e uma mudança cultural seriam um meio possível para se diminuir a violência. “Como professora, afirmo que só existe um caminho: a educação. E não estou falando apenas da educação escolar, falo de um processo educativo em que a sociedade toda se responsabilize. Na produção da mídia, na produção da ficção. Enquanto a sociedade não se comprometer com o fim da discriminação e da subordinação contra as mulheres, essa violência irá continuar a existir. Uma sociedade que naturaliza o lugar de opressão não vai conseguir sanar o problema”, disse.



Foto: Pixabay

Foto: Arquivo Pessoal



“

A Lei Maria da Penha é considerada a terceira melhor no mundo. Mas os feminicídios continuam, a violência de gênero continua

Ana Beatriz Eufrazino

Foto: Arquivo Pessoal



“

Só existe um caminho: a educação. E não estou falando apenas da educação escolar, falo de um processo educativo em que a sociedade toda se responsabilize

Glória Rabay

Referência

Legislação brasileira de proteção e combate à violência contra a mulher é avançada e reconhecida. A Lei Maria da Penha é considerada a terceira melhor do mundo

MODALIDADES CRIMINAIS

Marcas da violência de gênero

Agressões, assédio e importunação sexual fazem parte de um contexto que pode chegar até ao estupro e ao feminicídio

Juliana Cavalcanti
 julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

A Paraíba registrou cinco casos de feminicídio em 2023. Os casos, até o fechamento desta edição do Pensar, aconteceram nos meses de janeiro (quatro) e fevereiro (um) e foram revelados pela Coordenação das Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (Coordeam) da Polícia Civil do Estado da Paraíba. Além disso, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023 identificou 26 feminicídios na Paraíba em 2022. Isso significa uma redução de 19,1% em relação a 2021 quando foram registrados 32 feminicídios no estado. Em 2022, os dados apontavam 1,3 casos de feminicídio para cada 100 mil mulheres.

A pesquisa revelou ainda 86 homicídios com vítimas mulheres em 2022 e 83 em 2021, um crescimento de 3,1%. Esses números, porém, demonstram um cenário diferente em relação ao Brasil, onde os feminicídios cresceram 6,1% em 2022: 1.437 mulheres foram mortas no ano passado simplesmente por serem mulheres e 1.347 feminicídios ocorreram em 2021. Além disso, 35,6% dos assassinatos de mulheres foram classificados como feminicídios. A maior proporção foi no Distrito Federal, onde 59,4% das mortes violentas foram classificadas nesse tipo penal.

O levantamento registrou também um crescimento do número de homicídios com vítimas mulheres no Brasil: 4.034 casos em 2022, um aumento de 1,2% em relação a 2021, que teve 3.965 mortes. Conforme o Anuário, 2022 foi um ano em que cresceram os índices de todas as formas de criminalidade marcadas pela violência de gênero. Um exemplo disso é que as agressões em contexto de violência doméstica cresceram 2,9%, totalizando 245.713 casos. Já as ameaças cresceram 7,2%, resultando em 613.529 casos.

As agressões, o assédio e a importunação sexual, fazem parte de um conjunto de modalidades criminais que podem chegar até ao estupro e ao feminicídio. De acordo com o relatório 'Visível e Invisível', do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o crescimento dessas práticas pode ser explicado por três hipóteses: a redução do orçamento para políticas de proteção à mulher na gestão do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL); o impacto da pandemia da Covid-19 nos serviços de acolhimento e proteção às mulheres e a associação entre o crescimento dos crimes de ódio; e a ascensão de movimentos ultraconservadores na política brasileira, que elegeram o debate sobre igualdade de gênero como inimigo.

Foto: Pinabay



Feminicídio versus homicídio de mulheres

O feminicídio é tipificado pela Lei 13.104, de 9 de março de 2015, que altera o Código Penal para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio e inclui o feminicídio no rol dos crimes hediondos. O feminicídio é identificado quando o crime é cometido contra a mulher por razões da condição de sexo feminino. Considera-se que há razões de condição de sexo feminino quando envolve violência doméstica e familiar, menosprezo ou discriminação à condição de mulher.

O feminicídio tem uma pena de 12 a 30 anos de prisão e pode ser aumentada de um terço até a metade se for praticado durante a gestação ou nos três meses posteriores ao parto; contra pessoa menor de 14 anos, maior de 60 anos ou com deficiência e na presença de descendente ou de ascendente da vítima.

De acordo com a delegada e subcoordenadora das Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher da Paraíba (Coordeam), Paula Monalisa, o feminicídio consiste no assassinato de uma mulher resultante de violência doméstica ou discriminação de gênero. Esse crime apresenta diferenças com os homicídios dolosos com vítimas mulheres que normalmente estão relacionados à violência urbana e o tráfico de drogas, cometidos com arma de fogo, nas vias públicas e residências.

“O homicídio está no Artigo 121 do Código Penal e significa matar alguém. Esse matar alguém inclui qualquer pessoa. O feminicídio é uma qualificadora do crime de homicídio, é quando esse crime tem como vítima uma mulher por questões de gênero. Ela morre por ser mulher, inclusive no contexto da violência doméstica”, explica.

A diferença entre o feminicídio e as demais modalidades das mortes violentas intencionais de mulheres é constatada pelo Anuário: em 53,6% dos casos de feminicídio no Brasil, o autor é o parceiro íntimo, 19,4% o ex-parceiro íntimo e 10,7% dos registros outro familiar, como filho, irmão ou pai. Nos demais assassinatos de mulheres, 70,6% dos autores eram desconhecidos no momento do crime. Outro fato do relatório também diferencia os feminicídios com as demais mortes violentas de mulheres: sete em cada 10 vítimas de feminicídio foram mortas dentro de casa. Nos demais assassinatos, a via pública foi o lugar mais frequente, seguido da residência.

No entanto, tanto os homicídios quanto os feminicídios

revelam problemas sociais como o racismo, já que a maioria das vítimas de feminicídio de 2022 era de negras (61,1%) e, nos demais assassinatos de mulheres, o percentual de vítimas negras é ainda maior, com 68,9% dos casos, para 30,4% de brancas. Além das mulheres negras, as duas formas de violência incluem moradoras de rua, mulheres trans e travestis, trabalhadoras do sexo, mulheres do campo e da periferia, indígenas, quilombolas e ribeirinhas.

Ainda conforme o Anuário, nos casos de feminicídios, a arma branca é a responsável pela metade das mortes e a arma de fogo é o instrumento utilizado em 26,3% dos casos. Agressões, por sua vez, foram o modus operandi de 10,4% das fatalidades registradas. Esses números podem ser explicados pela ideia de que o feminicídio seria um “crime passional”, pois nos demais assassinatos de mulheres as armas de fogo representam 68,6% dos casos, enquanto a arma branca foi utilizada em 18,4% dos eventos violentos.



O feminicídio é uma qualificadora do crime de homicídio, é quando esse crime tem como vítima uma mulher por questões de gênero. Ela morre por ser mulher, inclusive no contexto da violência doméstica

Paula Monalisa

FEMINICÍDIO

Último estágio da violência

Antes que ocorra algo pior e com os atos de agressão, delegada orienta as mulheres para que busquem a delegacia para protegê-las

Juliana Cavaleanti
julianacavaleanti@epc.pb.gov.br

O feminicídio é a última etapa de um processo de agravamento da violência, mas pode ser evitado através de políticas públicas de prevenção, proteção e acolhimento das vítimas. É o que explica a delegada Paula Monalisa, subcoordenadora das Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher da Paraíba (Coordeam): “O feminicídio é o último estágio, mas em alguns casos a mulher não fez qualquer denúncia. Por isso, ela deve buscar a delegacia para protegê-la através de diversos mecanismos, medidas cautelares aplicadas para evitar o feminicídio”, explica a representante da Coordeam.

Na Paraíba, a rede de proteção às mulheres vítimas de violência é formada pela Secretaria de Estado da Segurança e Defesa Social (Sesds), por meio da Polícia Civil e Polícia Militar, além da Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana (Semdh-PB), Ministério Público da Paraíba (MPPB), Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB) e outras instituições.

Na Polícia Civil da Paraíba, o processo de proteção é iniciado nas Delegacias Especializadas de Atendimento às Mulheres (Deams). Elas atendem as vítimas de violência doméstica e sexual e, após o relato, a delegada informa sobre a instauração de inquérito policial e a solicitação de medidas protetivas de urgência. Geralmente, as vítimas são direcionadas aos Centros de Referência ou para serviços como a Patrulha Maria da Penha, a partir do grau de risco.

O trabalho da Coordeam é voltado à prevenção do feminicídio. Por isso, a campanha da Polícia Civil é voltada ao encorajamento das denúncias. A Paraíba conta com 14 Delegacias da Mulher especializadas, nas cidades de João Pessoa (unidade Sul, na Central de Polícia, e Norte, no Centro da capital), Bayeux, Cabedelo, Santa Rita, Mamanguape, Campina Grande, Guarabira, Picuí, Monteiro, Queimadas, Patos, Sousa e Cajazeiras.

Além das delegacias especializadas, o órgão também auxilia os profissionais das cidades onde não há Delegacia da Mulher, para manter o atendimento direcionado nas unidades locais. “As 14 Delegacias da Mulher fazem um trabalho voltado à prevenção e é feito um acompanhamento das vítimas. Quando a mulher nos procura ou recebemos alguma denúncia, a gente procura essa mulher ou ela é atendida na delegacia. Se for o caso, fazemos a solicitação das medidas protetivas e entra com o processo criminal contra esse acusado”, descreve Paula Monalisa.

A mulher pode procurar também os Centros de Referência da Mulher, o Centro de Referência de Assistência Social (Cras) ou o Cen-

tro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas). Os Centros de Referência são lugares onde elas são encaminhadas para a Rede de Atendimento e que oferecem atendimento multiprofissional, com advogada, assistente social e psicóloga. No estado, existem o Centro Estadual de Referência da Mulher Fátima Lopes, em Campina Grande, e o Centro Intermunicipal de Referência da Mulher do Cariri - Maria Eliane Pereira dos Anjos, em Sumé.

A delegada acrescentou ainda a importância das medidas protetivas de urgência (MPUs) para evitar a progressão dos atos violentos e consequentemente o feminicídio. A MPU pode ser solicitada pela vítima diretamente ao juiz, nas delegacias ou através da Defensoria Pública ou advogado. O Judiciário determina que o agressor não se aproxime da vítima nem tenha qualquer contato com ela. Havendo o descumprimento, o autor é autuado em flagrante e pode ser preso.

As mulheres em situação de violência doméstica e familiar, que estão sob me-

diada protetiva, podem ser monitoradas pelo Programa Integrado Patrulha Maria da Penha, onde há proteção integral 24 horas da Polícia Militar. As mulheres têm um número telefônico exclusivo para urgências. O Programa Integrado tem uma sede em João Pessoa, onde atende 26 cidades da Região Metropolitana, Litoral Norte e Sul. A sede em Campina Grande atende Campina e mais 36 municípios; e a última em Guarabira atende a 40 municípios do Brejo paraibano, totalizando 100 cidades paraibanas com a iniciativa.

A vítima ainda pode ser encaminhada para acolhimento na Casa Abrigo, nos casos em que a mulher sofre risco iminente de morte e não tem onde ficar em segurança. Os espaços disponíveis são a Casa de Acolhida Irene Rolim, em Sousa, e a Casa Abrigo Aryane Thais, na Grande João Pessoa, com endereços sigilosos. Esse último espaço é destinado às mulheres e seus filhos com risco iminente de morte e encaminhados pelas Deams e pela Rede de Atendimento às Mulheres do Estado.



Foto: Pixabay

Mecanismos de prevenção, de proteção e de assistência

A Lei Maria da Penha (Lei 11.340, de 7 de agosto de 2006) cria mecanismos para prevenir e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar. Conforme seu texto, a violência doméstica e familiar contra a mulher é “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial na unidade doméstica; no âmbito da família e em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação”.

As formas de violência doméstica e familiar descritas pela lei são física (ofender sua integridade ou saúde corporal); psicológica (causar dano emocional, controlar ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição, insulto, chantagem, violação da intimidade, ridicularização, exploração e limita-

ção do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que prejudique a saúde psicológica); violência sexual (constranger a mulher a presenciar, manter ou participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; impedir de usar método contraceptivo, forçar ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição); violência patrimonial (retenção, subtração, destruição parcial ou total dos objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos); e violência moral (calúnia, difamação ou injúria).

Um dos dispositivos de aplicação da Lei Maria da Penha é a Casa da Mulher Brasileira, onde são oferecidos acolhimento; apoio psicossocial; delegacia; acesso à Justiça, ao Ministério Público; e à Defensoria Pública. O Governo Federal possui sete unidades em funcionamento pelo Brasil e anunciou a construção de mais duas na Paraíba: uma em João Pessoa e outra em Patos.